

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A UMBANDA NOS JORNais:
VARIAÇÕES E MODULAÇÕES NO TEMPO DOS
REGISTROS EM “O ESTADO DE S. PAULO”
E “O GLOBO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação

ROBERTO MARCELLO

**SÃO PAULO
2019**

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A UMBANDA NOS JORNais:
VARIAÇÕES E MODULAÇÕES NO TEMPO DOS
REGISTROS EM “O ESTADO DE S. PAULO”
E “O GLOBO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Mauricio Ribeiro da Silva.

ROBERTO MARCELLO

**SÃO PAULO
2019**

Marcello, Roberto.

A Umbanda nos jornais : variações e modulações no tempo dos registros em "O Estado de S. Paulo" e "O Globo" / Roberto Marcello. - 2019.

146 f. : il. color.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva.

1. Umbanda. 2. O Estado de S. Paulo. 3. O Globo. 4. Intolerância religiosa. I. Silva, Maurício Ribeiro da (orientador). II. Título.

ROBERTO MARCELLO

**A UMBANDA NOS JORNAIS:
VARIAÇÕES E MODULAÇÕES NO TEMPO DOS
REGISTROS EM “O ESTADO DE S. PAULO”
E “O GLOBO”**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP, para
obtenção do título de Mestre em
Comunicação

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva
Universidade Paulista UNIP-SP

Prof. Dr. Paolo Demuru
Universidade Paulista UNIP-SP

Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo
Universidade Federal do Paraná - UFPR

*Dedico o estudo a toda espiritualidade:
Indígena do Brasil, que lhe foi tomada a
terra e a liberdade; Africana, que foi
escravizada e subjugada por séculos; as
que ainda se encontram na sarjeta da
sociedade e a Umbanda que acolhe a
todas sem descriminalização, dando
espaço e oportunidade de trabalho e
evolução.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolvidos em minha vida que, de uma maneira ou de outra, influenciaram e me ajudaram a cumprir mais uma etapa importante.

Agradeço à minha família, minha mãe que sempre apoiou e ajudou nos meus estudos fundamentais; ao meu pai (*in memoriam*), sei que estará orgulhoso pela minha conquista. E o mais importante agradecimento à minha esposa Angélica pela caminhada e companheirismo há mais de 30 anos; e às minhas filhas Carolina e Jacqueline, pela força que me deram, inclusive empurrões, para que eu não desistisse nas horas mais críticas da vida que nos coloca em provação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Mauricio Ribeiro da Silva, que acreditou e sempre esteve ao meu lado, com paciência pela minha limitação, por eu ter vindo da área de tecnologia, me colocando sempre na direção correta da pesquisa para que chegássemos no resultado esperado.

Agradeço também ao Prof. Dr. Jorge Miklos pela longa amizade de respeito e por ter me orientado e apresentado o meu pré-projeto, que deu início a essa saga. À Profa. Dra. Malena Segura Contrera, por suas “aulas mágicas”, que atraem a todos por sua sabedoria singular, nos faz pensar, analisar e nos coloca no mundo em sua total realidade desnuda.

Agradeço ao Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo e ao Prof. Dr. Paolo Demuru, por terem aceitado analisar a minha pesquisa de mestrado, e pelas contribuições, análises e críticas, que trouxeram mais riqueza ao trabalho.

E, por fim, agradeço a toda espiritualidade, principalmente aos da Umbanda que, de alguma forma, me conduziram para a revelação da sua história.

"O maior valor da vida não é o que você obtém. O maior valor da vida é o que você se torna". (Jim Rhon)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal compreender como ocorre historicamente o registro sobre a Umbanda nos jornais de grande circulação, os quais representam, de algum modo, o pensamento das classes hegemônicas no Brasil, nas cidades em que se baseia a pesquisa, São Paulo e Rio de Janeiro, verificando possíveis diferenças ou similaridades nos registros do mesmo fenômeno, compreendendo as nuances regionais. Para tanto, delimitar-se-á a abrangência geográfica e temporal ao contexto dos jornais de grande circulação publicados nas duas regiões, *O ESTADO DE S. PAULO*, de São Paulo, e *O GLOBO* do Rio de Janeiro, durante os períodos das décadas de 1960, 1980 e 2000, buscando identificar reportagens e outros elementos que contribuam com os objetivos propostos. O método de investigação bibliográfico-exploratória foi escolhido para organizar uma base teórica acerca da história da Umbanda. O *corpus* da pesquisa recebeu classificação e sobre ele foi realizada a análise de conteúdo e a verificação de variações e modulações no tempo dos registros, associadas ao verbete: Umbanda, nos jornais pesquisados. A teoria de estudiosos como Negrão (1996) e Ortiz (1999) enfocam do ponto de vista antropológico a noção de religião, e as análises jornalísticas tem base na linha da Teoria Social do Discurso, da vertente da Análise do Discurso Crítica. Conclui-se, com base em Fairclough (2001), que a prática discursiva é uma forma de prática social, e o discurso corrobora os valores da sociedade, mas também traz visão crítica, causando na própria sociedade mudanças. As identidades sociais são constituídas no discurso e a relação entre elas fundamenta-se na hegemonia do poder, onde se funde o conhecimento de mundo e de crenças.

Palavras-chave: Umbanda. O Estado de S.Paulo. O Globo. Intolerância Religiosa.

ABSTRACT

The main purpose of this research is to understand how record of Umbanda historically occurs in the great circulation newspapers, which represent, in some way, the thinking of the hegemonic classes in Brazil, in the cities where the research is based: São Paulo and Rio de Janeiro. Additionally, our efforts verify possible differences or similarities in the records of the same phenomenon, seeking to understand the regional nuances. In order to do so, we delimit the geographic and temporal coverage of the context of the large circulation newspapers published in the two regions, *O ESTADO DE S. PAULO*, of São Paulo, and *O GLOBO*, of Rio de Janeiro, during the periods of the 1960s, 1980s and 2000s, seeking to identify reports and other elements that contribute to the proposed objectives. The adopted methodology is the bibliographic-exploratory, with the purpose of organizing a theoretical basis about the history of Umbanda. The research *corpus* is organized in order to enable a content analysis, being also carried out a verification of variations and modulations in the time of the records, associated to the entry: Umbanda, in the researched newspapers. Negrão (1996) e Ortiz (1999) focus, from the anthropological point of view, the notion of religion. Their theories make up the theoretical foundation of our studies. Journalistic analyses are guided by the Social Theory of Discourse, from the perspective of Critical Discourse Analysis, where both discourse and society are related. According to Fairclough (2001), discursive practice is a form of social practice. The discourse can corroborate the values of society, but can also bring a critical vision, causing changes in society itself. Social identities are constituted in discourse and the relation between them is based on the hegemony of power, where knowledge of the world and beliefs are fused.

Keywords: Umbanda. *O Estado de S. Paulo*. *O Globo*. Religious Intolerance.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Africanos transportados pelo tráfico transatlântico.....	21
Tabela 2 - O enquadre para ADC de Fairclough.....	48
Tabela 3 - Resultados em % para Busca: “Umbanda”.....	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Diversidades da Umbanda.....	40
Gráfico 2 - Resultado de busca no “OESP”: “Umbanda” - 1321.....	61
Gráfico 3 - Resultado de busca no “O GLOBO”: “Umbanda” - 4529.....	76
Gráfico 4 - Resultado de busca no “OESP”: “Umbanda” - 1321.....	93
Gráfico 5 - Resultado de busca no “O GLOBO”: “Umbanda” - 4529.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO 1 - UMBANDA E AS DIVERSIDADES RELIGIOSAS.....	18
1.1 As religiões em terras brasileiras	18
1.2 Os Indígenas.....	18
1.2.1 <i>Cultos indígenas ou Feitiçarias</i>	19
1.3 Os Africanos	20
1.3.1 <i>Um breve relado da escravidão no Brasil</i>	20
1.3.2 <i>A desconstrução de uma Identidade Cultural</i>	22
1.3.3 <i>Cultos africanos</i>	23
1.4 O Espiritismo Popular Europeu	24
1.4.1 <i>Cultos espirituais populares europeu</i>	27
1.5 O Espiritismo de Kardec.....	27
1.5.1 <i>Cultos espirituais kardecista: Reuniões Mediúnicas</i>	29
1.6 O Catolicismo Popular	29
1.6.1 <i>Cultos do catolicismo popular</i>	30
1.7 UMBANDA: suas origens e suas diversidades	31
1.7.1 <i>Umbanda Branca e Demanda</i>	34
CAPITULO 2 - A HEGEMONIA DO PODER NO DISCURSO JORNALÍSTICO	42
2.1 Sociedade midiática.....	42
2.2 Hegemonia de poder no discurso	43
2.3 Discurso jornalístico.....	51
2.4 O jornal como meio hegemônico.....	52
2.4.1 <i>Conceito de hegemonia</i>	52
2.5 Retextualização.....	54
2.6 O poder hegemônico na notícia.....	54
CAPITULO 3 - A UMBANDA: UMA ANÁLISE HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DOS JORNais	56
3.1 Origens históricas dos jornais	56

3.1.1 <i>O jornal “O ESTADO DE S. PAULO”</i>	56
3.1.2 <i>O jornal “O GLOBO”</i>	58
3.2 As pesquisas nos jornais	60
3.3ACERVO 1: O jornal “O ESTADO DE S. PAULO”	60
3.3.1 <i>Verbete: “Umbanda”</i>	60
3.3.2 <i>Década de 1960</i>	61
3.3.3 <i>Década de 1980</i>	66
3.3.4 <i>Década de 2000</i>	70
3.4 ACERVO 2: O jornal “O GLOBO”	75
3.4.1 <i>Verbete: “Umbanda”</i>	75
3.4.2 <i>Década de 1960</i>	77
3.4.3 <i>Década de 1980</i>	81
3.4.4 <i>Década de 2000</i>	85
CAPITULO 4 - UMBANDA: UM COMPARATIVO DOS JORNais.....	92
4.1 Dados quantitativos da pesquisa	92
4.1.2 <i>O jornal “O ESTADO DE S. PAULO”</i>	93
4.1.3 <i>O jornal “O GLOBO”</i>	93
4.2 Comparativo dos Jornais	94
4.3 Dados qualitativos da pesquisa.....	95
4.4 Década de 1960.....	96
4.4.1 <i>“O ESTADO DE S. PAULO”</i>	96
4.4.2 <i>“O GLOBO”</i>	97
4.5 A criminalização da Umbanda	99
4.6 Década de 1980.....	100
4.6.1 <i>“O ESTADO DE S. PAULO”</i>	100
4.6.2 <i>“O GLOBO”</i>	102
4.7 Umbanda e a política	103
4.8 Década de 2000.....	104
4.8.1 <i>“O ESTADO DE S. PAULO”</i>	104
4.8.2 <i>“O GLOBO”</i>	106
4.9 A Umbanda e a intolerância religiosa	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112
ANEXO I	120

INTRODUÇÃO

A Umbanda adquiriu ao longo dos tempos a característica de versatilidade, utilizando-se de um sincretismo religioso contínuo¹, que soma elementos em torno da sua arquitetura, amplia seu sistema simbólico e se ressignifica, conforme os acontecimentos nos embates culturais e nas questões religiosas. Dessa maneira, em determinados contextos históricos, os umbandistas utilizam de um sincretismo premeditado, para se defender de ataques dos opositores nas disputas por território no campo religioso, e o utilizam, ao mesmo tempo, para que possam acompanhar e se adequar às transformações sociais, políticas, religiosas e econômicas que acontecem no Brasil.

A Umbanda está herdando um novo perfil de religiosos. Este perfil é de uma pessoa antenada, multimídia, despojada, polivalente e de certa forma rebelde, pois tem força para confrontar com uma regra de mesmice e ocultação dos saberes, para se integrar de uma maneira usual, livre e tecnológica de acessar e aprender sobre a crença religiosa.

O novo perfil umbandista não concorda com respostas curtas e tampouco omissões, não são aceitáveis respostas clássicas do tipo "não está na hora de saber", pois é claro que a hora correta de saber algo é no instante que surge a inquietação, o movimento de permitir aprender, o interesse em razão. Chegou a era do partilhar o saber.

Este novo umbandista é o que vai abrigar as novas gerações e certificar num futuro breve a multiplicação massiva e ordenada da doutrina, pois se no decorrido tempo anterior foi vertiginoso o desenvolvimento da Umbanda pelo abalo moral, seu esvaziamento se deu pela carência de conhecimento e pelo medo da intolerância.

Presenciamos um período de mudanças na Umbanda, de reconstrução, de maturidade e, neste novo tempo que urge, não há espaço para charlatões, interesseiros e mercantilistas do medo.

¹ Sincretismo contínuo significa um sincretismo que não sofre solução de continuidade, qual seja, que está se expressando e se perfazendo continuamente. É um processo de adaptação e de acumulação contínua de elementos diversos, que propicia uma ressignificação de símbolos e de elementos antigos, tradicionais, culturais e religiosos, dentre outros, que num contexto novo, torna-os adaptáveis ao presente (BASTIDE, 2003).

Destaca-se que o processo de formação da Umbanda teve suas bases estruturais construídas em estreita consonância com as transformações sociais, políticas, étnicas e econômicas vivenciadas no Brasil, no decorrer do século XX, subalterna aos valores e aos interesses ditados pela classe hegemônica.

Alguns teóricos se interrogam sobre o processo de formação da Umbanda, indagando se ela é uma religião brasileira, ou se é uma religião de matriz africana. E se o processo que acontece em sua concepção é um processo de embranquecimento, de sincretismo, ou se é de hibridismo, ou ainda, de multirreligiosidade.

Nesse contexto, a Umbanda não sendo uma religião centralizada, não houve uma fonte histórica única. Não há uma clareza no desenvolvimento historiográfico da Umbanda, há diversas vertentes, e não há consenso histórico, mas existe uma fonte histórica que cobriu esse fenômeno todo o tempo desde o início do século XX, quando ela surgiu: o “jornal”².

Os jornais têm dado vazão às notícias que apontam fenômenos de intolerância com relação às religiões de matriz africana, mais notadamente a Umbanda, desde o seu surgimento. São apontados ataques a terreiros, assassinatos de membros e, também, processos que são movidos na justiça contra essas religiões.

Após um extenso levantamento de notícias sobre “Umbanda”, em jornais paulistanos e cariocas, entre outros, verificamos que as notícias que foram reunidas sobre esse tema eram frequentes desde o início do século passado, se tornando mais fartas e longas em meados do mesmo século, ao seu final, mais precisamente, entre a década de 1960 a 2000.

A Umbanda, que se desenhou no Brasil com esse nome a partir da primeira década do século passado, fez uma trajetória progressiva por volta da década de 80 do século XX. Esta trajetória crescente pode ser constatada na imprensa jornalística.

O noticiário recolhido nas páginas de jornais cobre cerca de cem anos (das últimas décadas do século XIX, todo o século XX e início do século XXI). Nas décadas finais do século passado, destaca-se um período de grande visibilidade da Umbanda em São Paulo nos jornais, mais precisamente “O ESTADO DE S. PAULO”; e também,

² O primeiro registro de um jornal ocorreu na Roma Antiga, em 59 a.C. (antes de Cristo), na Europa. Ele se chamava Acta Diurna e tinha a missão de divulgar para a população as conquistas e expansões realizadas pelo então imperador Júlio César. Ao contrário dos exemplares que temos hoje em dia, tudo era feito em grandes tábuas de pedra, que eram mostradas para todo o público nas principais praças das grandes cidades integrantes do império. Como era um jornal feito a pedido dos políticos, reza a lenda que não eram publicadas informações negativas, como derrotas em batalhas. <https://www.dgabc.com.br/Noticia/1539747/como-surgiu-o-jornal>.

seguiu-se a partir da terceira década do século passado, com o renomado jornal carioca “O GLOBO”, estado onde se deu a origem da Umbanda.

Ambos retrataram a história da Umbanda, por meio de notícias jornalísticas, transitando entre pressões socioculturais e políticas que envolviam o recorte de classes, o preconceito de cor, da classe subalterna e a desvalorização das origens africanas. Esses ricos acervos digitais, que esses dois grandes veículos possuem, são os motivadores da escolha dos jornais. O outro diz respeito às perseguições registradas nos jornais, que apontam São Paulo e Rio de Janeiro como as regiões com maior número de ataques e perseguições por intolerância e preconceito religioso com as de matriz africana e a Umbanda³.

Segundo o IBGE de 2000, Rio de Janeiro era o estado com maior número de adeptos à Umbanda, com 127.519, sendo 32,09% do total de umbandistas no território brasileiro. Já no Censo de 2010, sofreu uma grande baixa, o número passou para 89.626, com 22% de adeptos no Brasil. Sendo assim, de 2000 a 2010, a queda foi de -29,72%, passando do primeiro lugar dos estados brasileiros em número de umbandista, para o terceiro lugar.

Enquanto que em São Paulo, no Censo de 2000, havia 79.119 umbandistas, significando 19,91%, o terceiro em total de adeptos no Brasil. Em 2010, passou para o segundo lugar com 25,42%, referente a 103.554 adeptos, houve um aumento de 30,88%, de 2000 a 2010, no mesmo período das intensificações dos ataques nos dois estados.

Só para constar como registro. O Rio Grande do SUL, que em 2000 era o segundo maior estado em número de umbandista no Brasil, com 28,21%, referente a 112.133 adeptos, em 2010, passou a ser o primeiro com 140.315 umbandistas, sendo 34,45%. Uma variação de 25,13%, de 2000 a 2010. Enquanto no Brasil a religião umbandista cresceu no mesmo período 2,49%.

Os estados que tiveram as maiores variações, São Paulo e Rio de Janeiro, apontados pelo IBGE, reforçam o levantamento da questão para essa pesquisa: como a trajetória da Umbanda foi retratada nos principais jornais dessas duas regiões?

A escolha do verbete “Umbanda” gerou um resultado de 1.321 artigos no jornal “O ESTADO DE SÃO PAULO” (OESP) e um resultado de 4.529 artigos no jornal “O

³Dados da Comissão de Combate e intolerância Religiosa, de 2012 a 2015 e do Disque 100 da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos no mesmo período.

GLOBO", a serem pesquisados e analisados, como mostrará os gráficos durante a pesquisa.

A utilização dos verbetes "macumba", "feitiçaria", "baixo espiritismo", dentre outras denominações, não foi trabalhada nesta pesquisa, porque estes mesmos termos, principalmente a "macumba", são termos pejorativos utilizados para referenciar tanto a Umbanda quanto o Candomblé, ou qualquer outra religião de matriz africana. Neste contexto, a adoção desses termos traria um viés na análise da pesquisa, deixando-a imprecisa, já que o estudo é somente sobre a trajetória histórica da Umbanda nos jornais.

O primeiro capítulo, "Umbanda e as Diversidades Religiosas", mostrou que o quadro religioso brasileiro foi formado por um quadro de crenças, supostamente, sob a supremacia católica. A prática religiosa brasileira, seja ela qual for, não foi rígida e facilitou as relações e as trocas culturais entre as crenças, que existiam e que surgiam dessas trocas. Os improvisos criados pelo imaginário dos fiéis constituíram a peça primordial para entender o panorama religioso brasileiro com suas concepções e seus imaginários, que acabavam, muitas vezes, sincretizados por componentes religiosos vindos do Brasil indígena e do aspecto, que aqui chegaram com colonos do mundo inteiro e, mais tarde, com os africanos, que aqui foram transportados. Essas diversidades acabaram se entranhando em todas as heranças religiosas e culturais detectadas no Brasil, transformando-se até os dias de hoje em várias crenças populares, principalmente na Umbanda, onde encontramos várias Umbandas, dentro da Umbanda.

No segundo capítulo, "A Hegemonia do Poder no Discurso Jornalístico", o estudo buscou articular as chamadas teorias do jornalismo com o conceito de hegemonia para entender o papel preponderante que a comunicação de massa, especialmente o jornalismo, exerce na política contemporânea. Será mostrado como base teórica a Análise do Discurso Crítico (ADC), sendo este o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas com abordagens transdisciplinar e multidisciplinar, abrangendo as Ciências Sociais. Ainda nesse sentido, Foucault e Bakhtin (FAIRCLOUGH, 2001) foram alguns dos estudiosos que exerceram influência nessa teoria, no que diz respeito aos conceitos de discurso e poder, já que, na sociedade midiática, a informação e o conhecimento tornaram-se o cerne da economia, em que a linguagem é usada para vender produto e ideia. Nesse contexto, o discurso é concebido como prática social. Assim, a relação entre sociedade e o discurso estabelece-se por meio de interdependência em que um se reflete no outro. De um

lado, as relações sociais são constituídas no discurso, que corrobora a simetria ou a assimetria social. De outro lado, o discurso pode romper as representações das relações sociais e, por conseguinte, transformar a própria sociedade.

No terceiro capítulo, “Umbanda: uma Análise Histórica contada através dos Jornais”, a pesquisa aprofundou com as histórias das origens dos dois jornais escolhidos para este trabalho: “O ESTADO DE S. PAULO” e “O GLOBO”, mostrando como se desenvolveu a pesquisa, os recortes, as escolhas das décadas a serem trabalhadas e a quantidade de matérias jornalísticas separadas por década para análise. Completando as pesquisas com informações relevantes da época de cada matéria jornalística, mostrando a relação jornal, Umbanda, jornalista e época (momento histórico e situação vivenciada).

O quarto capítulo, “Umbanda: um Comparativo entre os Jornais”, mostrou um pequeno comparativo quantitativo entre os jornais, salientando a pesquisa qualitativa⁴, sobretudo os aspectos dinâmicos e subjetivos, analisando informações mais complexas, como o comportamento, os sentimentos, as expressões e demais aspectos que possam ser observados no objeto de estudo, que são as matérias jornalísticas. Lembrando que o objetivo desta pesquisa é fazer um simples e breve comparativo analítico entre as variações e modulações no tempo dos registros nos jornais escolhidos. Tencionando a linguagem como um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente, utilizando uma retextualização hegemônica e tendenciosa, as forças ideológicas.

Ao chegar no resultado final, ressalta-se que o jornalismo contribui para a construção da hegemonia na sociedade brasileira, mas, ao mesmo tempo, demonstra suas possibilidades como espaço de manifestação de uma contra-hegemonia, muitas vezes, da própria Umbanda, que se gesta também através dos meios de comunicação de propriedade das classes dominantes, ainda que contra sua vontade.

⁴ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>>.

CAPITULO 1

UMBANDA E AS DIVERSIDADES RELIGIOSAS

1.1 As religiões em terras brasileiras

O quadro religioso brasileiro (anexo I) foi formado por um quadro de crenças, supostamente, sob a supremacia católica. A prática religiosa brasileira, seja ela qual for, não foi rígida e facilitou as relações e trocas culturais entre as crenças, que existiam e que surgiam dessas trocas. Os improvisos criados pelo imaginário dos fiéis constituíram a peça primordial para entender o panorama religioso brasileiro com suas concepções e seus imaginários, que acabavam, muitas vezes, sincretizados por componentes religiosos vindos do Brasil indígenas e do aspecto, que aqui chegaram com colonos do mundo inteiro e mais tarde, com os africanos, que aqui foram transportados. Essas diversidades acabaram se entranhando em todas as heranças religiosas e culturais detectadas no Brasil, transformando-se até os dias de hoje em várias crenças populares, principalmente na Umbanda, onde encontramos várias Umbandas, dentro da Umbanda.

“Umbanda é uma religião” ou “Umbanda é um sistema religioso aberto”.
Lisias Nogueira Negrão

1.2 Os Indígenas

Embora os portugueses tenham aportado no Brasil em 1500, o processo de colonização teve início somente algumas décadas depois. Até o início do ciclo da colonização, os portugueses enviaram para as regiões das terras brasileiras algumas expedições com propósito de reconhecimento territorial e constituição de feitorias para o extrativismo do pau-brasil.

Neste mesmo período, também ocorreram os principais contatos com os nativos que habitavam o solo brasileiro. Os portugueses começaram a usar a mão de obra nativa (indígena) na exploração do pau-brasil. Os jesuítas (padres missionários

católicos) começaram a chegar ao Brasil por volta de meados do século XVI. Eram participantes, principalmente, da Companhia de Jesus, que tinha metas relevantes a difundir o catolicismo e fazer a evangelização dos povos nativos.

Os nativos viviam acuados, os jesuítas almejavam convertê-los ao catolicismo europeu, e os portugueses visavam utilizá-los como mão de obra escrava.

O contato dos indígenas com os portugueses foi agudamente prejudicial. Os nativos foram enganados, escravizados, explorado e, na maioria dos casos, massacrados pelos portugueses.

1.2.1 *Cultos indígenas ou Feitiçarias*

A antropofagia, fortemente enraizado através dos costumes de algumas tribos, tinha como propósito uma forte simbologia ritualística. No entanto, as participações e as informações colhidas sobre essa prática, pelos viajantes, como Jean de Lery, Nóbrega, Fernão Cardim e Hans Staden, são parecidas, relatando detalhes sobre todo o procedimento, desde a captura do preso, o ritual, o método que os tribais procediam após a morte do capturado. A cerimônia ritualística era usada com uma certa frequência: “nas sociedades ameríndias, assumindo especial importância entre os povos Tupi, particularmente no seio das várias comunidades que dominavam a costa brasileira: Potiguaras, Caeté, Tupinambá, Tupiniquim e Tamoyo (COUTO, 1998, p. 102).

Os cultos indígenas chamados pelos europeus de bruxarias e feitiçarias foram os maiores desafios. Os rituais indígenas, como o curandeirismo, eram usados como meio de cura dos seus males da saúde mental, do físico e do espiritual. Foi o que salvou suas culturas até os dias de hoje. Nos registros ou documentos jesuíticos, a importância do Pajé é atacada e atribuída de significações maléficas, no entanto, no restante dos relatos percebe-se esta relevância no interior das povoações. Fernão Cardim, sob o olhar religioso, apresenta o feiticeiro:

Usam de alguns feitiços, e feiticeiros, não porque creiam neles, nem os adore, mas somente se dão a chupar em suas enfermidades, parecendo-lhes que receberão saúde, mas não por parecer que há neles divindades, e mais o fazem por receber saúde que por algum respeito. Entre eles se alevantam algumas vezes alguns feiticeiros, a que chamam Caraíba, Santo ou Santidade, e é de ordinário alguns índios de vida ruim; este faz algumas feitiçarias, e cousas estranhas à

natureza, como mostrar que ressuscita a algum vivo que se faz morto, e com esta e outras cousas semelhantes traz apôs si todo o sertão, enganando-os [...] (CARDIM, 1980, p. 89).

Pelos adjetivos atribuídos ao Pajé (Xamã), como os indígenas nativos eram os de “vida ruim”, podemos notar o quão inconvenientes esses homens podiam ser à evangelização. Anchieta, em carta de 1555, escreve: “Os que fazem estas feitiçarias, que são muito apreciados dos índios, persuadem-lhes que em seu poder está a vida ou a morte; não ousam com tudo isto aparecer diante de nós, porque descobrimos suas mentiras e maldades (ANCHIETA, 1988, p. 83).

A Companhia de Jesus queria a posição de orientadores espirituais e ligação entre os índios e os seres espirituais e sobrenaturais. Os feiticeiros, segundo o entendimento dos jesuítas, atravancavam o seu lado para a salvação dos espíritos e incorporavam o que deveria ser combatido, isto é, as más práticas.

Em um segundo momento “a palavra” foi deixada de lado, sendo adotado um sistema mais radical, abrindo mão da mediação mansa e utilizando-se da truculência. Os índios que desempenhavam a função religiosa foram perseguidos e até encarcerados, para que não dificultassem a iniciativa de conversão dos futuros fiéis. Essa prática até hoje acontece, agora com os evangélicos, como mostra o Anexo I com a reportagem: “Sob ‘cerco’ evangélico, pajés evitam rituais tradicionais indígenas”.

1.3 Os Africanos

1.3.1 *Um breve relado da escravidão no Brasil*⁵

Não podemos precisar corretamente quando desembarcou no Brasil o primeiro africano. Não seria improvável que tivesse algum, ou muitos, entre a tripulação da esquadra de Cabral, sabemos que Portugal traficava escravos antes de 1500 nas costas africanas.

O Brasil foi do Continente Americano a região que mais importou escravos, isso aconteceu entre os séculos XVI e meados do XIX, por mais de 300 anos de duração do tráfico transatlântico. Estimativas mais recentes mostram que foram em torno de

⁵ Textos das p. 79 a 100, retirados do livro: Brasil: 500 anos de povoamento / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, 232 p.

cinco milhões de homens, mulheres e crianças, equivalentes a mais de um terço de todo comércio. Os escravos, trazidos do Continente Africano, eram transportados dentro dos porões dos navios negreiros. Devido às péssimas condições deste meio de transporte, muitos deles morriam durante a viagem. Somando-se aos muitos naufrágios, foram quase 1 milhão de africanos mortos, somente durante as viagens. Uma contabilidade que não é exatamente para ser aplaudida, mas a partir dela é que a formação histórica e cultural do Brasil pode ser melhor entendida, especialmente a contribuição africana dada a este país.

Muitos historiadores chegam a números maiores de escravos retirados da África para o mundo, sem contar a dominação da supremacia branca no Continente Africano, como mostra o anexo II com a história do rei Leopoldo II da Bélgica, sob o título: "Quando você mata dez milhões de africanos, você não é tão 'mau' quanto Hitler". Estes números podem ser observados na tabela abaixo:⁶

Tabela 1 – Africanos transportados pelo tráfico transatlântico, segundo a nacionalidade do navio – período do século XVI ao século XIX

Tabela 1 - Africanos transportados pelo tráfico transatlântico, segundo a nacionalidade do navio – período do século XVI ao Século XIX

Nacionalidade do navio	Africanos transportados (em milhares)	
	Partiram da África	Chegaram às Américas
Total	11.348.800	9.682.600
Inglaterra	3.536.200	3.009.600
América Inglesa / EUA	220.600	205.500
Caribe Inglês	59.400	51,3
Portugal / Brasil	4.942.200	4.335.800
França	1.456.600	1.127.800
Holanda	533.500	449.500
Espanha	513.300	429.600
Dinamarca	82.000	69.700
Outros	5.000	4.000

Fonte: Eltis, David; Behrendt, Stephen; Richardson, David. "O volume do Tráfico transatlântico de escravos: uma reavaliação com a particular à contribuição portuguesa/brasileira". Afro-Ásia, v 24, 2000. No prelo.

Fonte: Eltis et al; (2000)

⁶ Tabela da p. 82, retirado do livro: Brasil: 500 anos de povoamento / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, 232 p.

Inicialmente, os africanos escravizados foram trazidos e forçados a atuar na economia açucareira, mas a mão de obra escrava africana se estabeleceria como a sustentação da força de produção em praticamente todos os âmbitos da sociedade, através do enorme território que viria a ser o Brasil, até sua abolição em 1888.

O tráfico transatlântico promoveu o povoamento do Brasil por gente oriunda de diversas regiões do continente africano. Mas essas regiões contribuíram para este povoamento em graus variados de intensidade, dependendo do período considerado e dependendo das conexões comerciais mantidas pelos traficantes portugueses, brasileiros e africanos deste lado e do outro lado do Atlântico.

1.3.2 A desconstrução de uma Identidade Cultural

O sistema escravista foi uma experiência crucial para negros, visto que os europeus, convencidos de sua superioridade, tinham um total desprezo pelo mundo negro, apesar de todas as riquezas que deles tiraram. A necessidade de manter a dominação por suas vantagens econômicas e psicossociais levaram defensores da situação colonial a recorrerem não somente à força bruta, mas a outros recursos de controle, como o desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais (MUNANGA, 1988, p. 9).

O psiquiatra e intelectual negro Frantz Fanon (2008), ao realizar uma leitura crítica da prática colonial, reflete sobre a sensação da população negra da Martinica. Ele afirma que em todos os locais onde houve escravidão, bem como no Brasil, o negro luta para descobrir o sentido da sua identidade. Em suas palavras:

[...] encontramos nesse último (referindo-se ao negro) um desejo de ser branco. Assistimos aos esforços desesperados de um preto que luta para descobrir o sentido da identidade negra. A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial (FANON, 2008).

Segundo Souza (1983, p. 19): "A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com os brancos, e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior".

Fanon (2008) nos possibilita entender que a população negra apresenta um complexo de inferioridade, de submissão, construído em tempos de exploração, opressão, perseguição e discriminação, e que diante dos impedimentos impostos aos povos negros, estes não idealizam uma identidade, mas rejeitam sua cor e aspiram a identidade do colonizado, pois estes vivem as hierarquias que almejam. Souza (1983, p.18) afirma que: "O negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de 'tornar-se gente'".

Portanto, a desconstrução da identidade negra foi implantada para que eles não tivessem mais a esperança de voltar ao Continente Africano com seus filhos. Seriam eles um povo sem identidade cultural. Muitos modelos de desconstrução foram utilizados em mais de 300 anos de escravidão, algum deles ainda permanecem, mas não direcionados somente a um grupo étnico, e sim a classes sociais menos favorecidas, aos excluídos, são os inseridos na sociedade subalterna.

1.3.3 *Cultos africanos*

Os cultos africanos enfrentaram um problema catastrófico. Por serem religiões com o ritual voltado aos ancestrais, fundadas nas gerações anteriores e nas linhagens, a base se perdeu num país onde as constituições familiares e sociais não se propagaram. A perda da liberdade do negro o arrastou e o desviou da família e da linhagem.

Souza (1983) destaca também a interiorização de máculas e sentimentos de desonra, humilhação, sensação de inferioridade de seus valores e dogmas, dificuldade na adesão das diferenças e da identidade racial, como consequência de uma história prescrita pela negação. Nas palavras de Rehbein (1985, p.212): "O ato religioso nasce no âmbito pessoal profundo e se difunde na totalidade da experiência nas diferentes dimensões humanas".

Foi assim que no processo contínuo da escravidão que se derramava pelas costas brasileiras ao arrastado dos séculos que vieram os participantes do grupo linguístico banto, de Angola e do Congo, aqueles que provinham da África superequatorial, da região da Costa da Mina e do Golfo de Benin. E, por fim, os sudaneses, os fons de Benin, identificados como jejes e yorubás, estes mais conhecidos como nagôs (CASTRO, 2001). Misturados e jogados nas senzalas,

transmitiram as suas linhagens e seus valores étnico-religiosos. Na luta pela preservação, na necessidade de acreditar e ter fé, acabaram construindo uma oposição política pela religião, na incorporação de todos os cultos e religiões possíveis, fruto da interação das várias nações africanas, corrompido de hibridismos com o Catolicismo.

A vida se opôs ao ideal e ao verídico, instalou-se uma diversidade cultural, trazendo no seu bojo uma plurirreligiosidade, tornando aquele impossível defronte dos particularismos religiosos. Às repressões do poder dos homens brancos, às novas circunstâncias de vida e à fusão de várias etnias africanas vieram, como respostas, a recriação ritualística e mítica que ocasionou na permanência religiosa que chega aos nossos dias. Os dogmas e as crenças dos negros escravos são hoje a dos afrodescendentes. E não só deles, hoje, de uma boa parte da nação.

1.4 O Espiritismo Popular Europeu

O termo “espiritismo popular europeu” é direcionado a pessoas ligadas às práticas magísticas entre o século XV até o primórdio do século XX.

A magia⁷, antigamente chamada de "Grande Ciência Sagrada", é um método de ocultismo que pesquisa os segredos da natureza e seu vínculo com o homem, gerando, assim, um conjunto de teorias e práticas que busca o desenvolvimento integral da natureza interna espiritual e também oculta do homem, até que este consiga o domínio total de si mesmo e da natureza.

A feitiçaria, a bruxaria e a magia resultam do modelo cultural europeu, inclusive o conceito de bruxa é totalmente europeu. As expressões feitiçaria, encanto e magia eram conhecidos na África, Oceania, Ásia e nas Américas, mas com outras alcunhas, com características ritualísticas e ceremoniais que desejavam se conectar com os formatos ocultos do Universo e da Divindade. Afirma-se que, por meio de orações, feitiços, rituais ou invocações, é possível fazer com que forças ocultas atuem sobre o ambiente, modificando, por exemplo, a intenção e a vontade, o agir ou o propósito das pessoas. Essa origem, no entanto, é tida como despautério pela ciência.

⁷ A palavra "magia" provém do persa *magus* ou *magi*, que significa "sábio". Da palavra *magi*, também surgiram outras tais como *magister*, *magista*, "magistério", "magistral", "magno" etc. Também pode significar algo que exerce fascínio, num sentido moderno, como por exemplo quando se fala da "magia do cinema".

Algumas práticas de encantamentos e de magias nasceram do politeísmo anglo-saxão e continuaram a ser cultuadas mesmo após a época de cristianização. Em Portugal e Espanha são conhecidos como curandeiros e benzedeiras.

Na Escandinávia e Suécia eram notórios por serem pessoas anciãs, geralmente membros da congregação, que atuavam com medicina alternativa, fitoterapias, parteiras e usavam de magia popular da época, como simpatia, uso de rezas e rimas mágicas de encantamento.

Na Itália, estas crenças populares variam de região para região, utilizando nomes que incluem: práticos (sábios), guaritori (curandeiros), fattucchieri (bruxas), donne che aiutano (mulheres que ajudam) e mago maga, ou maghiardzha (feiticeiros) e Streghe (bruxas).

A ideia de encantamento por magia é bastante antiga e se perde no tempo, mas foi apenas no século XIX que a interpretação de magia passou a ser conhecida propriamente com empenho acadêmico e científico, particularmente por antropólogos como Edward Burnett Tylor (1832-1917), historiador e autor de importantes livros como *The Religion of Savages* (1866) e *Primitive Culture* (1871).

Na esteira das pesquisas de Edward Tylor, James George Frazer (1854-1947) divulgou sua coletânea em 12 volumes de *The Golden Bough: a Study in Magic and Religion* (1890) e depois publicou *Totemism and exogamy* (1910).

A fronteira entre o natural e o sobrenatural depende dos limites do cientificamente possível, como destacou Todorov (1973, p. 41). Com a expansão de nosso conhecimento científico, o sobrenatural pode se tornar natural. A magia, se definida em termos do sobrenatural, pode se tornar ciência. As descobertas da psicologia e da psicoterapia têm mostrado que um encantamento pode ter um efeito curativo somático. Além disso, as práticas mágicas que acompanham as atividades diárias, como caçar e trabalhar, podem ter uma influência psicológica positiva sobre elas. Dessa forma, o sobrenatural torna-se natural. A magia, se definida como categoria do sobrenatural, pode vir a ser ciência (NÖTH, 1996, p. 37).

Para Winfried Nöth (1996, p. 32,33, 37-40), o conceito de feitiço ou magia é bem mais amplo. Magia refere-se às práticas que atuariam no natural e no sobrenatural, por exemplo, tentar erradicar alguma doença através da magia é usá-la de modo a agir sobre o natural, neste caso, o corpo humano; por sua vez, atuar no sobrenatural é usar os espíritos para desempenhar um benefício ou infortúnio a alguém.

A magia é pautada em ritos mágicos como danças, cânticos, ritos e sacrifícios, podendo ser de gênero público ou privado, mas também pode ser feita mediante o uso de símbolos, signos, objetos, animais e vegetais para se criar magias, feitiços, encantamentos, conjurações, evocações, poções, etc.

Mircea Elíade (1983, p. 10) afirma que a metalurgia foi por algum tempo considerada um costume magístico, pois transformar minérios em metais e posteriormente conceder forma a estes era encarado como um método magístico, pois para formar o metal é obrigatório o uso do fogo e da água, além de outros métodos. Fogo e água são componentes que compreendem algumas cerimônias mágicas e religiosas, daí essa comparação e, inclusive, esse conceito mágico da metalurgia foi transferido para a alquimia.

Mas algo tem em comum entre o mineiro, o ferreiro e o alquimista: todos eles reivindicam uma experiência mágico-religiosa particular em suas relações com a substância; esta experiência é seu monopólio, e seu segredo se transmite mediante os ritos de iniciação dos ofícios; todos eles trabalham com uma matéria que têm ao mesmo tempo por viva e sagrada, e seus trabalhos vão encaminhados à transformação da Matéria, seu «aperfeiçoamento», sua «transmutação» (ELÍADE, 1983, p. 10).

O etnólogo e antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009), ao estudar alguns povos indígenas no Brasil e em outros locais do mundo, assinala que: “[...] para algumas culturas o feiticeiro e a feiticeira eram pessoas que não apenas possuíam conhecimento mágico, mas que também possuiriam poderes para intervir no natural e no sobrenatural” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 195).

Antes de a magia ser demonizada na Europa medieval, ela coexistiu com o Cristianismo durante séculos. A bruxaria, compreendida como uma conexão para aqueles que praticam magia, seja ela para o bem ou para o mal, encontra-se há milhares de anos em diversos locais do mundo. Basicamente, o conceito de feitiçaria variou de comunidade para comunidade, mas em geral a feiticeira e o feiticeiro eram pessoas que possuíam conhecimento medicamentoso, não sendo à toa que até o término da era medieval europeia, antes da criação da magia, as feiticeiras e magos, ainda em alguns episódios, estavam associados ao curandeirismo, tais homens e mulheres não eram apenas sujeitos que sabiam realizar bruxarias, mas possuíam conhecimento medicamentoso, em alguns casos se comunicavam com os espíritos,

poderiam se transformar em animais ou projetar sua alma para elementos, teriam poderes de vidência, entre outras habilidades.

1.4.1 *Cultos espirituais populares europeus*

- Cultos Magísticos;
- Manipulação dos Elementos e Elementais;
- Bruxarias;
- Feitiçarias;
- Xamanismo;
- Encantos e Encantados;
- Mitologias e Lendas etc.

1.5 O Espiritismo de Kardec⁸

O Kardecismo nasceu na França, com o doutor e pedagogo Hippolyte Leon Denizard Rivail, conhecido como Allan Kardec. Nascido em meados do século XIX. Com a publicação em 18 de abril de 1857, do *O Livro dos Espíritos*, o Espiritismo se realizou a partir de pressupostos diálogos estabelecidos com espíritos desencarnados que se manifestaram por meio de médiuns e pronunciaram temas científicos, religiosos e filosóficos sob a perspectiva da moral cristã, ou seja, tendo por princípio o amor ao próximo, trazendo à luz novas perspectivas sobre diversos assuntos de grande relevância filosófica e teológica.

Neste formato, foi estabelecido um dos princípios básicos do espiritismo, que é a valor da caridade - lema: fora da caridade não há salvação - entendida como sendo a benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos restantes e perdão das afrontas.

Trazido para o Brasil em 17 de janeiro de 1865, pelo educador, estenógrafo, funcionário da Assembleia Legislativa e Oficial da Biblioteca Pública da Bahia e poliglota, Luís Olímpio Teles de Menezes. Chega por Salvador, baseada no mais puro

⁸ PORTAL DO ESPÍRITO. Feal: Fundação Espírita André Luís. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/doutrina/inicio-espiritismo-brasil.html>>. Acesso em: 20 set.2018.

cientificismo europeu, a filosofia Kardecista, um mediunismo evolucionista, praticado pela classe média europeia. No Brasil, a introdução da classe média nesse movimento mediúnico, que tinha ainda, Dom Pedro II como simpatizante e as mesmas partes estavam no núcleo da Igreja, estava aí o absoluto e todos pré-requisitos necessários.

Em Salvador, em 1869, foi elaborado e lançado o primeiro jornal espírita, que continha 56 páginas e chegou a atravessar cidades da Europa e América do Norte. Contava, além disso, com a mídia para informar seus cultos.

O Rio de Janeiro era o epicentro do Brasil nesta época, e todos aqueles que buscavam notório reconhecimento nacional iam para o Rio. A sociedade moderna se encontrava lá. Diante disso, foi o que ocorreu com o Kardecismo. Edificou-se em 2 de agosto de 1873, oito anos após a vinda ao Brasil, *Sociedade de Estudos Espíriticos – Grupo Confúcio*. Inaugurou o espiritismo evolucionista. Não esquecendo, por ser até mesmo cristão, o Kardecismo ainda está ligado ao salvacionismo.

O Kardecismo passou a ter poder e autoridade sobre assuntos Espíriticos, podendo estabelecer o certo e o errado, o adequado e o inadequado, quais eram os espíritos evoluídos, os em evolução e os impuros, impedindo e até proibindo esses últimos, a exemplo dos caboclos e pretos-velhos, a presença destes na seção espírita de “mesa branca” era proibida. Para efeito de curiosidade, era e é chamada de “mesa branca”, pois só podiam sentar a essa mesa pessoas brancas, de preferência, da classe média.

O Kadencismo introduziu um código para delinear a forma de se imaginar e fazer cultos mediúnicos, uma maneira de inserir o ocidentalismo nas cerimônias e rituais de possessão. Sendo assim, o mediunismo já estava presente na sociedade Brasileira, muitos anos antes de o Kardecismo chegar, porém associado aos negros e indígenas, quando não aos mestiços, o que levou a desvalorizar essas e outras atividades das classes subalternas tratadas como baixo espiritismo.

A Igreja Católica sempre foi clara ao tentar impedir e proibir terminantemente seus fiéis de assistirem às sessões mediúnicas realizadas ou não com cooperação de médiuns espíritas - mesmo que estes pareçam ser honrados ou piedosos - quer questionando os espíritos e ouvindo suas respostas, quer assistindo por mera curiosidade. Posturas similares têm as religiões protestantes.

1.5.1 *Cultos espirituais kardecista: Reuniões Mediúnicas*

Conforme a FEB (Federação Espírita Brasileira), desde o surgimento até os dias atuais, as reuniões são privativas, com portas fechadas, normalmente realizadas uma vez na semana, sempre no mesmo dia e horário, num local da Casa Espírita onde seja possível assegurar o silêncio respeitável e a harmonia vibratória, com número limitado de participantes, previamente constituídos para este gênero de exercício espírita. Os participantes da reunião mediúnica são dirigentes e suplentes; médiuns com mediunidade ostensiva (psicofônicos, psicógrafos, videntes, auditores, etc.); médiuns esclarecedores (doutrinadores); equipe de apoio (passe, irradiações, prece). Todos sentados em volta de uma mesa.

1.6 O Catolicismo Popular

Sob a proteção do reino português, desde o princípio da colonização, o catolicismo foi imposto no Brasil como religião oficial e com permissão para praticar cultos públicos.

Durante a época colonial, houve um “catolicismo guerreiro”, segundo Hoornaert (1974, p. 31-65), ligado à obtenção e à preservação das novas terras. O catolicismo foi, no Brasil colônia, uma religião exigida. Aqueles que aqui nasciam o aceitavam, exceto os nativos, aos quais se exterminava ou se convertia. A missa dominical, a prática de sacramentos do qual o batismo seria a primeira etapa, tudo isso conflitava com as sensações e sentimentos de tradições nativas. Criou-se uma religião necessariamente cerimônica e exterior, muito breve internalizada ou de infalibilidade pessoal, traço que também persiste na maioria dos integrantes católicos brasileiros.

O catolicismo da classe alta portuguesa era detentora do poder monetário e político na colônia. Marcado pela relação de bispos e clérigos com o reino português, era um catolicismo mais patriarcal centrado nas áreas urbanas e patrimonialista.⁹

Sem a presença próxima da igreja, os habitantes das povoações estabelecidas e dos bairros rurais dispersos pela imensidão do país em composição preservaram

⁹ O catolicismo patriarcal referido foi a forma dessa religião que se adaptou ao sistema patrimonialista vigente nas grandes plantações de produção, sobretudo de açúcar, mas que pode ser generalizado para outros tipos de exploração agrária. Nelas, o padre servia ao mandatário local, sob cujas ordens, além de realizar os cultos públicos e domésticos, ensinava as crianças da casa a ler e a escrever, promovia a harmonia interna entre a parentela e a externa entre o senhor e seus escravos ou agregados, como braço benevolente do mesmo, que contava com feitores e capangas para submeter os que não ouviam o padre. NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008.

suas crenças e costumes de modo particular. Nascia o Catolicismo Popular. Este catolicismo alcançou o país através dos portugueses pobres e se fixou principalmente nas zonas rurais e no interior do Brasil. Centrado no culto aos santos católicos, principalmente, sobretudo aos padroeiros locais, com suas promessas e novenas, e nas rezas católicas tradicionais.

O próprio catolicismo português já era delineado como indeterminado. Ele havia se caracterizado como um catolicismo de forte apego aos santos e a eles proclamavam as forças da natureza. Fica evidenciado pela sua porosidade, oportuno a relação entre os colonos pobres, os nativos destribalizados, os ex-escravos e completamente, todos os tipos de mestiços. Havia também um catolicismo popular urbano, com a criação de irmandades e ordens terceiras, que reuniam, essencialmente, negros, mas estas contavam com maior controle da igreja.

O catolicismo julga valores e costumes que, quando comparados com etnias de origens diversas, acaba se combinando com novas culturas. Mesmo adquirindo hegemonia na colônia, o catolicismo não alcançou e se impôs plenamente. Houve espaço para o sincretismo na medida em que não se manteve a religiosidade como nos locais de origem, mas alcançou novas características ao se contrapor uma com as outras, transcendendo a configuração decorrida ao contato.

A adaptabilidade do catolicismo no Brasil aconteceu, juntamente, com toda a gama de prestígios populares medievais europeias. O catolicismo medieval europeu, que veio para o Brasil com os colonos, era embebido de heresias e paganismos, estudados por Jacques Le Goff, recordando os templários e os cátaros nos seus repúdios à cruz (apud MELLO; SOUZA, 1986).¹⁰ A vertente popular do catolicismo brasileiro mostra-se como mais dinâmico, adquirindo contornos tropicais peculiares.

1.6.1 *Cultos do catolicismo popular*

O catolicismo popular tradicional é selecionado pela fidelidade ao passado. Dentro dessa mentalidade perdura uma concepção histórica como um sistema cíclico, sem ser basicamente estático. Esta mentalidade está extremamente ligada à periodicidade do âmago, ao ciclo das estações, aos tempos de chuva e sol, ao período do plantio e da colheita. Neste contexto, comprehende-se a responsabilidade

¹⁰ Revista Ágora, Vitória, n. 7, 2008, p.2-20.

sobrenatural, através dos respeitos para ajudarem nas deficiências de saúde, trabalho e alimentação (PASSOS, 2002, p.175). Ao definirem suas práticas religiosas “muito santo, pouco sacramento; muita reza, pouca missa; muita devoção, pouco pecado; muita capela, pouca Igreja; muito benzedor ou rezador¹¹, pouco padre”, mostravam os católicos populares seu afastamento da Igreja e de seus sacerdotes. Criaram suas próprias obrigações religiosas: os rezadores especializados, os festeiros, que organizavam as festas, os benzedores e curadores, o monge (no Sul) ou o beato (no Nordeste).

1.7 UMBANDA: suas origens e suas diversidades

Processos socioculturais nas quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas (CANCLINI, 2011, p. XXI)

As manifestações de espíritos indígenas e de negros, até com as crenças magísticas europeias e com o catolicismo popular regional, eram tão populares na Umbanda, que já aconteciam espontaneamente nos rituais desde meados do século XVIII. Longe de ser um ritual organizado, a Macumba era um composto de elementos da Cabula, Bantos, do Candomblé Jeje-Nagô e outros; das tradições indígenas; do espiritismo europeu; e do catolicismo regional (popular), sem uma doutrina competente de integrar as contrárias influências que lhe davam forma. É desse composto heterogêneo, acrescida de fragmentos do Kardecismo¹², que surgirá a nova religião.

A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do messias, pelo contrário, ela é fruto de mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbana (ORTIZ, 1999, p. 32).

¹¹ São chamados de benzedores, rezadores ou curadores, aqueles que normalmente utilizam de chá de ervas, banhos e benzimentos, quase sempre utilizando rezas e cantos, a santos e outros considerados sagrados, como práticas comuns. Assim, afastando os males que afigem as pessoas que lhe procuram. E são práticas e crenças orais, que foram passadas de uma geração para outra, com um forte hibridismo religioso. Espaço Aberto Si, por Luís Eduardo Caraça Tavares.

¹² Foi este último grupo que se apropriou do ritual da macumba, impôs-lhe uma nova estrutura e, articulando um novo discurso, deu início ao processo de legitimação, que se consubstanciará com a fundação de Federação Espírita de Umbanda (1939).

A “Umbanda” ganhou a categoria de religião quando o caboclo das Sete Encruzilhadas, revelado pela manifestação no médium Zélio de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, deu a formação de uma nova religião. Este evento se constituiu como um divisor de águas entre a “Macumba”, que era denominada na época como “baixo-espiritismo”, em que a prática nem sempre se conduzia para fins elevados, e o “Espiritismo de Umbanda”, voltado à prática do amor ao semelhante.

[...] se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.¹³

Uma mistura de lenda e de realidade, o surgimento da Umbanda sofreu algumas variações de narrativa a narrativa, mas a representação básica se mantém inalterada, sendo Zélio de Moraes o cofundador da Umbanda, junto com o Caboclo Sete Encruzilhadas.

Para Giumbelli, o mito inaugurador centrado na figura de Zélio de Moraes e da encarnação do Caboclo das Sete Encruzilhadas é uma construção tardia, que se inicia contemporaneamente após a morte do médium (1975) e que corresponderia a um período de dissolução doutrinária e ritual e de uma separação institucional, momento em que as pesquisas de Diana Brown e Renato Ortiz passam a existir na literatura acadêmica (GIUMBELLI, 2003, p.189).

O autor umbandista, Diamantino Trindade, reproduziu no livro *Umbanda e Sua História* parte de uma entrevista do jornalista Leal de Souza, publicada no Jornal de Umbanda, em outubro de 1952, na qual afirmava que o “precursor da Linha Branca fora o Caboclo Curuguçu¹⁴, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas” (TRINDADE, 1991, p. 56).

¹³ GUIMARÃES, Lucília e GARCIA, Éder Longas (Revisado por Mestre THASHAMARA). Um pouco da História de Zélio de Moraes. Disponível em <<http://www.nativa/etc.br>>. Acesso em: 31 ago. 2002.

¹⁴ “O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curuguçu, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido, pelos guias superiores, que regem o nosso ciclo psíquico, de realizar na terra a concepção do Espaço”. Entrevista com Leal de Souza, publicada no “Jornal de Umbanda”, de outubro de 1952, com o título de *UMBANDA - uma Religião típica do Brasil*.

O umbandista Matta e Silva relata no livro *Umbanda e o Poder da Mediunidade* que o vocábulo “Umbanda”, como religião, não aparece antes de 1904¹⁵. Entretanto, no relato deste mesmo autor, em que se encontra o registro de que, no ano de 1935, conhecera um médium, um senhor com 61 anos de idade, de nome Nicanor, que praticava a Umbanda desde os 16 anos, ou seja, desde 1890, incorporando o Caboclo Cobra Coral (MATTA E SILVA, 1987, p. 14).

Diana Brown em seu artigo, *Uma história da Umbanda no Rio* afirma:

Considero que a fundação da Umbanda ocorreu no Rio de Janeiro em meados da década de 1920, por iniciativa de grupo de kardecistas de classe média que começaram a incorporar tradições afro-brasileiras em suas práticas religiosas. Os sincretismos afros-kardecistas ocorreram com frequência em diversos núcleos urbanos desde o final do século XIX e provavelmente existiam no Rio.

Em entrevista ao Jornal *A Folha de São Paulo*, em 30 de março de 2008, para o caderno +MAIS, ela fala sobre Zélio de Moraes:

FOLHA - Qual o papel do Zélio de Moraes na construção da Umbanda?

BROWN - Ele e seu grupo conseguiram promover a imagem dessa Umbanda que foi chamada de “Umbanda Branca”. Foi um esforço para embranquecer e modernizá-la. O papel dele é simbólico, foi o porta-voz dessa “nova” umbanda.

FOLHA - O fato de ele ter recebido em 1908 o Caboclo das Sete Encruzilhadas significou uma ruptura com o Kardecismo?

BROWN - Eu não diria isso. Para ele [Zélio de Moraes] foi uma ruptura, mas era mais uma expressão do ecletismo que já existia. Foi esse caboclo quem falou para o Zélio que ele seria o fundador, mas antes já existiam caboclos e a prática de religiões africanas. Era uma grande mistura (FOLHA DE S.PAULO, 2008).

¹⁵ Entre 22 de fevereiro e abril de 1904, o jornalista João do Rio realizou uma série de reportagens intituladas "As Religiões no Rio", que além de seu caráter de "jornalismo investigativo", constituíram-se em importantes análises de cunho antropológico e sociológico, cedo reconhecidas como tal, particularmente no tocante às quatro matérias pioneiras sobre os cultos africanos na Pequena África, que antecederam em mais de um quarto de século as publicações de Nina Rodrigues sobre o tema. Nesta série de reportagem, não foi identificada a religião e nem a palavra “Umbanda”.

Diana Brown adverte que não tem como comprovar que Zélio de Moraes tenha sido o “Fundador da Umbanda” (BROWN, 1985, p. 10).

Por outro lado, Renato Ortiz (1978), que realizou suas análises de pesquisas da Umbanda, praticamente no mesmo período que Diana Brown, abordou por um outro prisma acerca de suas origens. Chama a atenção para iniciativas paralelas em Porto Alegre na década de 1920 e releva a presença de próximo personagem importante no acontecimento carioca. Mas não descarta de considerar a significância de Zélio, mencionando que sua Tenda teria se convertido do Kardecismo para a Umbanda ao longo da década de 1930. Identifica-se que a Umbanda é formada por um multiculturalismo com uma plurirreligiosidade e ela própria. Por essa causa, ao longo dos anos se pluralizou, dando origem a diversas vertentes.

O surgimento dessas diferentes vertentes é decorrência do grau com que as variedades de outras práticas religiosas e/ou místicas foram absorvidas pela Umbanda em sua desenvoltura pelo Brasil, reforçando o sincretismo que a originou e que hoje é sua fundamental marca.

A classificação, a seguir, foi elaborada por Renato Guimarães¹⁶ (ela não é fruto de um consenso entre os umbandistas e nem é adotada por outros estudiosos da religião), fruto de 10 anos de pesquisas, a mesma revela-se uma forma útil de condensar as diferentes práticas existentes, possibilitando um melhor estudo das mesmas para compreender a Umbanda.

1.7.1 *Umbanda Branca e Demanda*

Outros nomes: É também conhecida como: Alabanda; Linha Branca de Umbanda e Demanda; Umbanda Tradicional; Umbanda de Mesa Branca; Umbanda de Cáritas e Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Origem: É a vertente fundamentada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por Pai Antônio e Orixá Malê, através do seu médium, Zélio Fernandino de Moraes (10/04/1891 – 03/10/1975), surgida em São Gonçalo, RJ, em 16/11/1908, com a fundação da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

¹⁶ Renato Henrique Guimarães Dias, escritor e pesquisador umbandista, escreveu o livro *Registros de Umbanda*, fruto de uma pesquisa de mais de 10 anos. Disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com>. Acesso em: 20 jun.2018.

Umbanda Kardecista

Outros nomes: É também conhecida como: Umbanda de Mesa Branca; Umbanda Branca e Umbanda de Cáritas.

Origem: É a vertente com forte influência do Espiritismo, geralmente praticada em centros espíritas que passaram a desenvolver giras de Umbanda junto com as sessões espíritas tradicionais. É uma das mais antigas vertentes, porém não existe registro da data e do local inicial em que começou a ser praticada.

Umbanda Mirim

Outros nomes: É também conhecida como: Aumbandã; Escola da Vida; Umbanda Branca; Umbanda de Mesa Branca e Umbanda de Cáritas.

Origem: É a vertente fundamentada pelo Caboclo Mirim através do seu médium Benjamin Gonçalves Figueiredo (26/12/1902 – 03/12/1986), surgida no Rio de Janeiro, RJ, em 13/03/1924, com a fundação da Tenda Espírita Mirim.

Umbanda Popular

Outros nomes: É também conhecida como: Umbanda Cruzada e Umbanda Mística.

Origem: É uma das mais antigas vertentes, fruto da umbandização de antigas casas de Macumbas, porém não existe registro da data e do local inicial em que começou a ser praticada. É a vertente mais aberta a novidades, podendo ser comparada, guardada as devidas proporções, com o que alguns estudiosos da religião identificam como uma característica própria da religiosidade das grandes cidades do mundo ocidental na atualidade, onde os indivíduos escolhem, como se estivessem em um supermercado, e adotam as práticas místicas e religiosas que mais lhes convêm, podendo, inclusive, associar aquelas de duas ou mais religiões.

Umbanda Omolocô

Outros nomes: É também conhecida como Umbanda Traçada.

Origem: É fruto da umbandização de antigas casas de Omolocô, porém não existe registro da data e do local inicial em que começou a ser praticada. Começou a ser fundamentada pelo médium Tancredo da Silva Pinto (10/08/1904 – 01/09/1979) em 1950, no Rio de Janeiro, RJ.

Umbanda Almas e Angola

Outros nomes: É também conhecida como Umbanda Traçada.

Origem: É fruto da umbandização de antigas casas de Almas e Angola, porém não existe registro da data e do local inicial em que começou a ser praticada.

Umbandomblé

Outros nomes: É também conhecida como Umbanda Traçada.

Origem: É fruto da umbandização de antigas casas de Candomblé, notadamente as de Candomblé de Caboclo, porém não existe registro da data e do local inicial em que começou a ser praticada. Em alguns casos, o mesmo pai de santo (ou mãe de santo) celebra tanto as giras de Umbanda quanto o culto do Candomblé, porém em sessões diferenciadas por dias e horários.

Umbanda Eclética Maior

Outros nomes: Não possui.

Origem: É a vertente fundamentada por Oceano de Sá (23/02/1911 – 21/04/1985), mais conhecido como mestre Yokaanam, surgida no Rio de Janeiro, RJ, em 27/03/1946, com a fundação da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal.

Aumbhandā

Outros nomes: É também conhecida como: Umbanda Esotérica; Aumbhandan; Conjunto de Leis Divinas; Senhora da Luz Velada e Umbanda de Pai Guiné.

Origem: É a vertente fundamentada por Pai Guiné de Angola através do seu médium Woodrow Wilson da Matta e Silva, também conhecido como mestre Yapacani (28/06/1917 – 17/04/1988), surgida no Rio de Janeiro, RJ, em 1956, com a publicação do livro “Umbanda de todos nós”. Sua doutrina é fortemente influenciada pela Teosofia, pela Astrologia, pela Cabala e por outras escolas ocultistas mundiais e baseada no instrumento esotérico conhecido como Arqueômetro, criado por Saint Yves D’Alveydre e com o qual se acredita ser possível conhecer uma linguagem oculta universal que relaciona os símbolos astrológicos, as combinações numerológicas, as relações da cabala e o uso das cores.

Umbanda Guaracyana

Outros nomes: Não possui.

Origem: É a vertente fundamentada pelo Caboclo Guaracy através do seu médium Sebastião Gomes de Souza (1950 –), mais conhecido como Carlos Buby, surgida em São Paulo, SP, em 02/08/1973, com a fundação da Templo Guaracy do Brasil.

Umbanda dos Sete Raios

Outros nomes: Não possui.

Origem: É a vertente fundamentada por Ney Nery do Reis (Itabuna, (26/09/1929 –), mais conhecido como Omolubá, e por Israel Cysneiros, surgida no Rio de Janeiro, RJ, em novembro de 1978, com a publicação do livro *Fundamentos de Umbanda – Revelação Religiosa*.

Aumpram

Outros nomes: É também conhecida como: Aumbandhã e Umbanda Esotérica.

Origem: É a vertente fundamentada por Pai Tomé (também chamado Babajananda) através do seu médium, Roger Feraudy (1923 – 22/03/2006), surgida no Rio de Janeiro, RJ, em 1986, com a publicação do livro *Umbanda, essa desconhecida*. Esta vertente é uma derivação da Aumbandhã, das quais foi se distanciando ao adotar os trabalhos de apometria e ao desenvolver a sua doutrina da origem da Umbanda: considera que esta religião surgiu a 700.000 anos em dois continentes míticos perdidos, Lemúria e Atlântida, que teriam afundado no oceano em um cataclismo planetário. Nestes continentes, os terráqueos teriam vivido junto com seres extraterrestres, os quais teriam ensinado aqueles sobre o Aumpram, a verdadeira lei divina.

Ombhandhum

Outros nomes: É também conhecida como: Umbanda Iniciática; Umbanda de Síntese e Proto-Síntese Cósmica.

Origem: É a vertente fundamentada pelo médium Francisco Rivas Neto (1950 – 25/08/2018), mais conhecido como Arhapiagha, surgida em São Paulo, SP, em 1989, com a publicação do livro *Umbanda: a proto-síntese cósmica*. Esta vertente começou como uma derivação da Umbanda Esotérica, porém aos poucos foi se distanciando cada vez mais dela, conforme ia desenvolvendo sua doutrina conhecida como

movimento de convergência, que busca um ponto de convergência entre as várias vertentes umbandistas. Nela existe uma grande influência oriental, principalmente em termos de mantras indianos e utilização do sânscrito, e há a crença de que a Umbanda é originária de dois continentes míticos perdidos, Lemúria e Atlântida, que teriam afundado no oceano em um cataclismo planetário.

Umbanda Sagrada

Outros nomes: Não possui.

Origem: É a vertente fundamentada por Pai Benedito de Aruanda e pelo Ogum Sete Espadas da Lei e da Vida, através do seu médium Rubens Saraceni (18/10/1951 – 09/03/2015), surgida em São Paulo, SP, em 1996, com a criação do Curso de Teologia de Umbanda. Sua doutrina procura ser totalmente independente das doutrinas africanistas, espíritas, católicas e esotéricas, pois considera que a Umbanda possui fundamentos próprios e independentes dessas tradições, embora reconheça a influências das mesmas na religião.

As vertentes foram, ainda, relacionadas à antiga nomenclatura usada para diferenciar os tipos de Umbanda, que são:

Umbanda Branca – agrupa as Umbandas que seguem uma doutrina mais próxima do espiritismo-catolicismo, utilizando inclusive os livros da doutrina espírita como fonte doutrinária, onde os médiuns se vestem apenas de branco e onde não há uso de atabaque, não há gira para Exus, Pombagiras, Malandros e quaisquer entidades quimbandeiras e não há uso de sacrifícios de animais.

Umbanda Branca Esotérica – caso particular das Umbandas Brancas, pois além de possuírem as características acima, também fazem uso de práticas consideradas de cunho esotérico-ocultista (cristais, numerologia, mantras, meditação, etc).

Umbanda Cruzada – contração da antiga expressão Umbanda cruzada com Quimbanda, agrupa as Umbandas, em que além das giras para as entidades da Umbanda também ocorre gira para as entidades que originalmente faziam parte apenas da Quimbanda (Exus, Pombagiras, Malandros e outras entidades quimbandeiras), caso nos quais os médiuns eram autorizados a usar roupas escuras

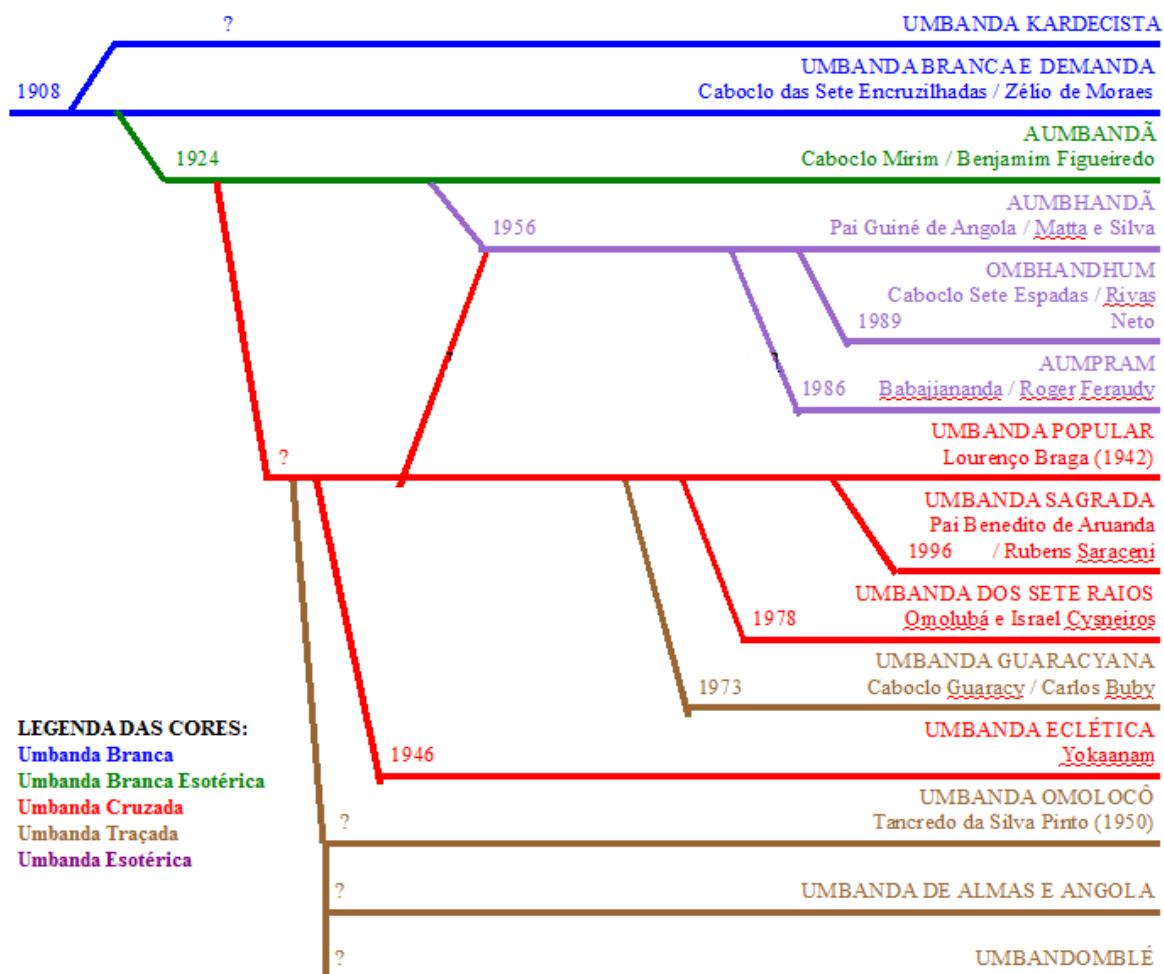
(especialmente a preta) para incorporar essas entidades e era normal fecharem o Gongá com uma cortina durante o trabalho deles, sendo possível encontrar nessas Umbandas a prática do sacrifício de animais para oferendar às entidades quimbandeiras.

Umbanda Traçada – um caso particular da Umbanda Cruzada, seu nome é uma contração da antiga expressão Umbanda Cruzada Traçada com Candomblé, pois agrupa as Umbandas Cruzadas que possuem doutrinas, ritos e práticas originárias das tradições africanas, principalmente aquelas oriundas dos diversos Candomblés, sendo possível encontrar, dentro delas, a prática do sacrifício de animais para os Orixás.

Umbanda Esotérica – um caso particular da Umbanda Cruzada, seu nome é uma contração da antiga expressão Umbanda Cruzada Esotérica, pois agrupa as Umbandas Cruzadas que também fazem uso de práticas consideradas de cunho esotérico-ocultista (cristais, numerologia, mantras, meditação, etc).

Abaixo segue a versão gráfica, simplificada, das vertentes acima descritas, de acordo com seu surgimento, bem como uma possível fonte de inter-relacionamento entre elas.

Gráfico 1 – Diversidades da Umbanda



Fonte: Guimarães (2013)¹⁷

As histórias das origens de religiões/cultos, que adentraram no Brasil, desde a sua descoberta, em conjunto, com as religiões dos índios nativos, menos a kardecista que era vista com bons olhos pela classe média, era identificada e classificada de religiões/cultos da classe subalterna, causando preconceito e intolerância aos seus praticantes. Essas religiosidades, que aqui se encontravam, com o passar do tempo, se fundiram conforme a cultura de cada região das terras brasileiras.

O preconceito e a intolerância religiosa ainda causam repressão às classes subalternas e suas realizações religiosas, principalmente as de matriz africana, mais notadamente a Umbanda, que leva dentro dos seus sincretismos todas as religiões/cultos dos grupos desfavorecidos.

¹⁷ GUIMARÃES, Renato. **Registro de Umbanda**: um espaço para refletir sobre a Umbanda e seus fatos históricos. Disponível em: <<https://registrosdeumbanda.wordpress.com/as-umbandas-dentro-da-umbanda/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Neste primeiro capítulo, buscou-se identificar a literatura mais importante vinculada à nossa abordagem, do mesmo modo que, na seleção dos artigos e reportagens pelo verbete UMBANDA, buscou-se identificar padrões, mudanças de destaque, aspecto ou funcionalidade, permitindo tanto definir o conteúdo como fundamentar o exame a ser feito no capítulo seguinte, em que comparou-se os dois guias de comunicação escolhidos, a saber: o jornal “O ESTADO DE S. PAULO”, de São Paulo; e o jornal “O GLOBO” do Rio de Janeiro. O tema da religião Umbandista tem sido frequentemente exposto na mídia, e esta pesquisa busca avaliar como se dá a jornada desses registros de grande circulação, instituindo um desenvolvimento histográfico da Umbanda por este meio de comunicação.

CAPITULO 2

A HEGEMONIA DO PODER NO DISCURSO JORNALÍSTICO

2.1 Sociedade midiática

Na sociedade midiática, a informação e o conhecimento tornaram-se o cerne da economia, em que a linguagem é usada para vender produto e ideia. Nesse contexto, o discurso é concebido como prática social. Assim, a relação entre sociedade e discurso estabelece-se por meio de interdependência, em que um se reflete no outro. De um lado, as relações sociais são constituídas no discurso, que corrobora a simetria ou a assimetria social. De outro lado, o discurso pode romper as representações das relações sociais e, por conseguinte, transformar a própria sociedade.

As mídias de massa fazem parte do aparelho hegemônico de governança, em que o jornal se insere em um processo complexo de recontextualização e de transformação de outras práticas sociais, como política, governo e a vida cotidiana, mostrando a importância da voz da mídia.

A ação das pessoas e a capacidade de persuasão que elas terão para atingir determinados objetivos consistem no que Castells (1999) esboçou sobre as estratégias de desenvolvimento local. Os modelos de realidade linguística podem, a um só tempo, ser antagônicos na disputa pela hegemonia no campo da produção. Dessa forma, importa o papel dos agentes no campo. Castells (1999) definiu três pontos que permitem verificar esse papel. Por meio da produção: consiste na ação da humanidade sobre a matéria, visando a sua apropriação para transformá-la em benefício próprio; da experiência: é entendida como a ação dos sujeitos sobre si mesmos, determinada pela interação entre as identidades biológicas, culturais e seus ambientes sociais e naturais; do poder: definido como a relação entre os sujeitos que, por meio da produção e experiência, vão impor a vontade de alguns sobre a de outros pelo emprego potencial ou real da violência física ou simbólica.

2.2 Hegemonia de poder no discurso

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas com abordagens transdisciplinar e multidisciplinar, abrangendo as Ciências Sociais. Ainda nesse sentido, Foucault e Bakhtin (*apud* FAIRCLOUGH, 2001) foram alguns dos estudiosos que exercearam influência nessa teoria, no que diz respeito aos conceitos de discurso e poder.

Como maior expoente no estudo da ADC, Norman Fairclough (2001) traz à luz da ADC, conforme Resende e Ramalho (2006), uma introdução à Teoria Social do Discurso, uma percepção do discurso como prática social e suas interações discursivas.

A teoria da ADC trata o discurso considerando-o uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, resultando em uma interligação entre prática e estrutura sociais. O discurso, para Fairclough (2001), é uma forma de prática social não individual, um modo de ação sobre o mundo e a sociedade, um elemento da vida social conectado a outros elementos. O termo “discurso” também pode ser usado em um sentido mais concreto em referência a “discursos particulares” (religioso, midiático, neoliberal).

Ao verificar a ADC sob um contexto multidisciplinar, é possível encontrar um enfoque na preocupação social, no posicionamento político que favorece a um grupo social em situação de desvantagem e a divulgação dos resultados de pesquisa como forma de alertar quanto às práticas de abuso de poder.

Essa concepção de ideologia como forma de poder se apoia na visão de que na vida social esta luta pelo poder no signo ideológico torna-se passível de ser instaurada, sustentada ou transformada em relações assimétricas. Portanto, se um discurso é desconstruído, estando ele na forma de prática social, pode revelar relações de dominação.

Fairclough (2001) explica que a abordagem crítica revela conexões que podem estar ocultas e, consequentemente, possibilita a mudança e intervenção social de quem está em desnível nessas relações de poder. A luta pelo poder não se faz visível e o papel da ADC é justamente contribuir para uma conscientização sobre os efeitos sociais de textos e mudanças sociais que superem essas relações, parcialmente sustentadas pelo discurso.

A Teoria Social do Discurso considera três dimensões possíveis de serem analisadas: a prática social, o texto e a prática discursiva. Esta, por sua vez, media as outras duas, já que sua natureza é variável, de acordo com fatores sociais envolvidos. A prática discursiva corresponde ao foco nos processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados aos ambientes da economia, política e institucional particulares. A concepção de discurso como modo de ação historicamente situado implica constituição de “identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 26).

Fairclough propõe a “operacionalização de teorias sociais na análise de discurso linguisticamente orientada, a fim de compor um quadro teórico-metodológico adequado à perspectiva crítica de linguagem como prática social” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 23). Logo, a ADC apoia-se em uma visão científica de crítica social para dar base a um questionamento crítico da vida social no que diz respeito à política e à moral, justiça social e poder; depois na pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia para investigar sobre discurso em práticas sociais da modernidade tardia e, por último, na teoria e análise linguística e semiótica para a interpretação de constrangimentos sociais sobre os textos e seus efeitos sociais no que diz respeito aos sentidos produzidos.

Na chamada modernidade tardia (ou novo capitalismo), Fairclough (2001) encontra nas teorias sociais críticas sobre práticas sociais a base para investigar a vida social, contribuindo para a superação de relações de dominação e, consequentemente, para o fortalecimento da ADC. O conceito de modernidade tardia vem de Giddens (2008, p.28):

É a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização dos traços básicos da modernidade: separação de tempo e espaço, mecanismos de encaixe e reflexividade institucional.

As instituições modernas não são contínuas em relação às culturas pré-modernas devido ao seu dinamismo e ao grau de intervenção nos hábitos e costumes tradicionais.

A reflexividade institucional vem sendo “a terceira maior influência sobre o dinamismo das instituições modernas”, junto à separação espaço-tempo, que é “a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais, pois as sociedades modernas possuem relação de dependência de modos de interação em que os indivíduos estão separados

no tempo e no espaço. Esta separação entre espaço-tempo é necessária para desenvolver mecanismos de desencaixe, já que se refere ao “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espacó” (GIDDENS, 2008, p. 29).

Já a reflexividade da vida moderna corresponde à revisão intensa, pelos atores sociais, da maioria dos aspectos da atividade social, levando-se em conta novos conhecimentos gerados por sistemas especialistas. Diante da relação entre esses conhecimentos e o monitoramento reflexivo da ação, Fairclough (2001) incute que a reflexividade foi “externalizada” na modernidade, ou seja, os atores sociais utilizam as informações para a reflexividade advindas “de fora”.

Boa parte desses conhecimentos tem sua difusão na mídia, que também dispõe de formas simbólicas no espaço e no tempo. Ao mesmo tempo, ela desencaixa as formas simbólicas de seus contextos originais e as recontextualiza em vários outros contextos e, consequentemente, interpreta-as por uma diversidade de atores sociais que dispõem de acesso a esses símbolos. Esses indivíduos, por sua vez, utilizam as formas simbólicas para compreenderem a si mesmos, em uma reflexão e autorreflexão.

A difusão dos produtos de mídia é globalizada na modernidade, porém, o consumo de formas simbólicas ocorre em contextos específicos e por indivíduos localizados socio-historicamente. Thompson (1998) atenta às tensões e conflitos gerados pela apropriação dos produtos advindos da mídia na construção reflexiva de identidades. Nesse sentido, “indivíduos têm acesso a novos tipos de materiais simbólicos que podem ser incorporados reflexivamente no projeto de auto formação” (THOMPSON, 1998, p. 158).

Esse conceito de reflexividade permite observar as identidades como construção reflexiva, em que os indivíduos realizam escolhas de estilos de vida, ao contrário das sociedades baseadas na tradição. A reflexividade é indiscutível em certos pontos, porém há indivíduos que estão à margem das escolhas dos bens produzidos pela modernidade, portanto, cria-se certa contradição nesse conceito.

Pela ADC, a reflexividade sugere que toda prática tem um elemento discursivo, não porque envolve o uso da linguagem, mas porque construções discursivas sobre práticas são também partes dessas práticas.

A reflexividade está ligada à capacidade de os sujeitos construírem sua auto identidade em elaborações reflexivas nas atividades da vida social. Já as identidades

sociais se dão por classificações mantidas pelo discurso, logo, podem ser contestadas. A partir disso, há a possibilidade de mudança social, encontrado no Realismo Crítico de Bhaskar. Conforme Resende e Ramalho (2006), essa teoria considera a vida social e natural como modo de organização e como um sistema constituído por dimensões físicas, químicas, biológicas, psicológicas, econômicas, sociais e semióticas, com estruturas próprias, mecanismos particulares e poder gerativo.

Bhaskar, de acordo com Resende e Ramalho (2006), trata a realidade como sendo estratificada, portanto “a atividade científica deve estar comprometida em revelar esses níveis mais profundos, suas entidades, estruturas e mecanismos (visíveis ou invisíveis) que existem e operam no mundo” (BHASKAR *apud* RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 35). A partir desse conceito, a ADC leva em consideração

à organização da vida social como sendo organizada em torno de práticas, ações habituais da sociedade institucionalizada, traduzidas em ações materiais, em modos habituais de ação historicamente situados (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 35).

Resende e Ramalho trazem o conceito de Harvey de práticas sociais a partir do materialismo histórico-geográfico em que:

o discurso é um momento de práticas sociais dentre outros – relações sociais, poder, práticas materiais, crenças/ valores/ desejos e instituições/ rituais - que, assim como os demais momentos, internaliza os outros sem ser redutível a nenhum deles (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 35).

Fairclough (2001) entende que as práticas são consideradas maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais se aplicam recursos materiais ou simbólicos numa ação conjunta no mundo. Logo, as práticas constituem-se na vida social, inclusive na vida cotidiana, e nos domínios econômicos, políticos e culturais.

A prática social tem várias orientações, entre elas: política, econômica, ideológica e cultural; logo, o discurso pode estar relacionado a todas, sem que seja reduzido a qualquer uma delas.

Em ADC, o objetivo é fazer uma reflexão “sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 36).

Desse modo, esse modelo de análise faz a percepção de um problema que geralmente se baseia em “relações de poder, na distribuição assimétrica de recursos materiais e simbólicos em práticas sociais, na naturalização de discursos particulares como sendo universais, dado o caráter crítico da teoria” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 36), e ainda identifica elementos da prática social que se tornam obstáculos para mudança estrutural, logo, propõe a superação do problema.

Destacam-se três tipos de análise dentro deste enfoque, de acordo com Resende e Ramalho (2006, p. 36):

- Análise da conjuntura, da configuração de práticas das quais o discurso em análise é parte das práticas sociais associadas ao problema ou das quais ele decorre;
- Análise da prática particular, com ênfase para os momentos da prática em foco no discurso, para as relações entre o discurso e os outros momentos;
- Análise do discurso, orientada para a estrutura (relação da instância discursiva analisada com ordens de discurso e sua recorrência a gêneros, vozes e discursos de ordens de discurso articuladas) e para a interação (análise linguística de recursos utilizados no texto e sua relação com a prática social).

Ainda sobre esse enfoque em ADC, verifica-se se há uma função particular do problema no discurso, nas práticas discursivas e social. São propostos possíveis modos de superação dos obstáculos na tentativa de ocorrer mudanças e ultrapassagem dos problemas a partir das contradições obtidas nas conjunturas. Conclui-se que em ADC deve haver além da pesquisa uma reflexão sobre a análise.

A seguir, as etapas do enquadre para ADC de Fairclough encontradas em Resende e Ramalho (2006, p. 37):

Tabela 2 – O enquadre para ADC de Fairclough

1 - Um problema (atividade)			
		a - análise da conjuntura	
2 - Obstáculos a serem superados	b - análise da prática particular	i - práticas relevantes	
		ii - relações do discurso com outros momentos da prática	
		c - análise de discurso	
3 - Função do problema na prática (discursiva, social)			
4 - Possíveis maneiras de superar os obstáculos			
5 - Reflexão sobre a análise			

Fonte: Resende e Ramalho (2006, p. 37)

Esse enquadre é complexo (quadro tridimensional de categorias analíticas) e consegue ampliar o caráter emancipatório da ADC, pois dá maior abertura nas análises, permite verificar as práticas problemáticas de relações exploratórias e faz a captação da articulação entre discurso e outros elementos sociais na formação de práticas sociais.

Os momentos que constituem uma prática social são:

- Discurso;
- Atividade material;
- Relações sociais (poder e luta hegemônica para estabelecer, manter e transformar essas relações);
- Fenômeno mental (crença, valor e desejo – ideologia).

Quanto à articulação destes momentos em prática particular, esta carrega diferentes elementos da vida, particulares em si (atividades, pessoas, experiências, conhecimentos, relações sociais etc.), e estes, por sua vez, são trazidos em uma prática específica chamada de “momentos da prática”.

O discurso é visto como um momento da prática social ao lado de outros também considerados importantes, portanto, devem ter seu privilégio na prática da análise de amostras discursivas historicamente situadas, “pois o discurso é tanto um elemento da prática social que constitui outros elementos sociais como também é

influenciado por eles, em uma relação dialética de *articulação* e *internalização*" (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 39).

Nessa abordagem, uma prática particular é capaz de envolver configurações de diversos elementos da vida social, considerados assim como *momentos da prática*, que são articulados e podem se transformar na recombinação entre alguns elementos. Na articulação compreende-se cada um dos momentos de uma prática, pois estes também são formados de elementos em relação à articulação interna. Essa luta articulatória está ligada à luta hegemônica.

Segundo a teoria de Giddens (2008), a constituição da sociedade acontece de forma bidirecional no sentido de haver uma "dualidade da estrutura social que a torna o meio e o resultado de práticas sociais", logo, as ações localizadas são responsabilizadas pela produção e reprodução ou transformação da organização social. A partir disso, há possíveis chances de intervenção em modos cristalizados de ação e interação.

Sobre o caráter relativo das permanências das práticas sociais, este pode ser compreendido com contrastes entre *conjunturas*: "conjuntos relativamente estáveis de pessoas, materiais, tecnologias e práticas - em seu aspecto de permanência relativa – em torno de projetos sociais específicos"; *estruturas*: "condições históricas da vida social que podem ser modificadas por ela, lentamente"; e *eventos*: "acontecimentos imediatos individuais ou ocasiões da vida social" (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 41).

A vantagem de se dar foco às práticas sociais não favorece somente para perceber o efeito individual dos eventos, mas também a série de eventos conjunturalmente, já que a prática social é considerada a conexão entre estruturas e eventos. "Estruturas sociais são entidades abstratas que definem um potencial, um conjunto de possibilidades para a realização de eventos" (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 41), porém os eventos não são efeitos diretos das estruturas, logo, a relação entre eles se dará por entidades organizacionais intermediárias, ou seja, as práticas sociais.

O enquadre de análise acima supõe a percepção de um problema e da análise de sua conjuntura. Considerando as conjunturas e estruturas, observa-se então a formação de redes de práticas interligadas. As práticas, por sua vez, são articuladas para constituir redes de práticas que se tornam momentos.

A abordagem de redes para a ADC é importante, pois as práticas são determinadas umas pelas outras e consequentemente uma pode articular outras gerando efeitos sociais. As redes se sustentam por relações sociais de poder, e as articulações, portanto, estão entre as práticas ligadas a lutas hegemônicas. Portanto, “permanências de articulações são compreendidas como efeito de poder sobre redes de práticas, enquanto tensões pela transformação dessas articulações são vistas como lutas hegemônicas” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 43).

A ADC, portanto, foca nas lacunas em toda relação de dominação, já que visualiza as práticas sociais em seu caráter aberto.

Assim, segundo a linha da Teoria Social do Discurso, de Fairclough (2001), a linguagem e as práticas sociais inter-relacionam-se. A linguagem pode refletir os posicionamentos e mudanças sociais, sendo moldada pela sociedade. No entanto, a linguagem também pode levar à mudança social e, nesse caso, o uso da linguagem é considerado uma forma de prática social.

Trata-se de uma relação dialética, na qual a linguagem pode ser moldada e restringida pela estrutura social ou a linguagem pode ser um modo de ação ao contribuir com novas possibilidades de mudança na sociedade.

A linguagem é vista como modo de representação, constituindo as dimensões da estrutura social. Por conseguinte, os efeitos do discurso relacionam-se com as três funções da linguagem: identitárias, relacional e ideacional.

A função identitária opera com “modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Em uma análise discursiva, pode-se verificar a construção das identidades sociais que passam no decorrer do texto a serem marcadas.

A função relacional trata-se de “como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas” (idem, p. 92). Essa função é importante, porque os analistas do discurso dessa linha teórica somente se preocupam com análise de texto em que há hegemonia entre as identidades sociais, com finalidade de, justamente, mostrar criticamente a desigualdade percebida nas relações sociais.

A função ideacional mostra os “modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações” (idem, p. 93). Essa função mostra o conhecimento de mundo e crenças partilhados pelas identidades sociais construídas no discurso.

Nessa perspectiva de uso da linguagem, concebe-se discurso como forma de prática social. Na verdade, a natureza constitutiva do discurso é construir a sociedade. Nessa constituição, verifica-se o cerne da relação entre discurso e sociedade que é o poder.

A linguagem é considerada na sociedade contemporânea como mais um recurso econômico. A linguagem passou a servir como ferramenta de venda, não só de produtos, mas também de ideias e ideais. Pensar a linguagem significa, então, pensar sobre como ela é usada para controlar a estrutura social e como, numa visão crítica, a linguagem pode ser analisada para desestabilizar esse controle.

Um aspecto do discurso é o seu caráter interdiscursivo e intertextual. Ou seja, o discurso reflete as práticas discursivas anteriores. Os textos sempre recorrem a textos anteriores e, nessa recorrência, a hegemonia de poder pode ser reafirmada tanto na própria prática discursiva quanto na manutenção de ideias de uma prática política e de uma situação social.

2.3 Discurso jornalístico

O discurso jornalístico funda-se em determinados princípios, sendo o essencial a noção de veracidade. O princípio da veracidade baseia-se na observação e registro de fatos comprovados, organizados e classificados, “exigindo para isso um certo grau de precisão e exatidão, mediante a substituição dos fatos pelas ideias e das coisas pelas palavras” (PARK *apud* MARQUES, 2008, p. 2). Esse tipo de conhecimento difere, segundo o mesmo autor, do conhecimento que é adquirido através da familiaridade “no decurso dos contatos pessoais e imediatos com o mundo que nos rodeia [...] e que advém do uso e do costume” (PARK *apud* MARQUES, 2008, p. 02).

Os fatos cotidianos configuram a nossa realidade objetiva e dão sentido ao mundo que nos circunda. Enquanto fatos jornalísticos fazem parte da realidade individual do homem como algo de que ele precisa para fixar uma determinada memória, constituir uma identidade, para se relacionar com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo. Entre fatos que transformam a nossa realidade, alguns desenvolvem registros diferentes daqueles esperados pelo desenrolar cotidiano e acabam por despertar interesse na notícia transformando-se em acontecimentos públicos. Sendo assim:

A transformação de um fato em acontecimento é resultado da modificação de sua natureza primeira, ou seja, é a transformação do acontecimento em fenômeno social, capaz de despertar nas pessoas que são atingidas por ele os mais diversos sentimentos e sensações; de fixar novas leituras da realidade; de suscitar o debate; de aliviar as tensões sociais; de fazer circular a informação; de promover o consenso social e principalmente de dar ordem ao caos (MARQUES, 2008, p. 5).

A retórica é usada no discurso ao ser produzido e a fala pode ser mostrada e encenada no próprio processo da narrativa da notícia. E o valor referencial da notícia é determinada pela capacidade de relatar o acontecimento com todas as suas dimensões significativas, sejam elas, dimensão axiomática (dado pelo próprio conteúdo do acontecimento); dimensão sociológica (a geografia-espaco/tempo do fato e sua identidade cultural; dimensão filosófica (os personagens envolvidos na narrativa, importância, grau de relevância, probabilidade inversamente proporcional ao acontecimento etc.); dimensão econômica (identidade institucional, formato, público, linguagem, ocorrência do acontecimento, concorrência, expectativas recíprocas etc.); dimensão política (contextualização do fato, ideologia, interfaces, tipos de respostas esperadas etc.), possibilitando ao leitor interpretar, ele mesmo, o acontecimento, segundo seus padrões e visão de apreensão que ele tem do mundo em que ele vive e se relaciona.

O texto retórico é um ato de linguagem que consiste no desdobramento de um trabalho de transformação, feliz ou infeliz, fasto ou nefasto, provocado pelas ações que a narração põe em cena, colocando assim em relação duas temporalidades-limite, um antes e um depois, mediante uma temporalidade transformador a de mediação (MARQUES, 2008, p. 11).

2.4 O jornal como meio hegemonic

2.4.1 Conceito de hegemonia¹⁸

Hegemonia significa em sentido estritamente etimológico liderança, derivada diretamente do termo grego *ēgemonia* (liderança) que, por sua vez, vem do verbo *ēgeisthai* (liderar). O termo ganhou outra concepção a partir das formulações

¹⁸ Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/hegemonia/>>. Acesso em: 25 mar.2019. O livro da sociologia / ilustração James Graham.Trad. Rafael Longo, 1ed, 352 p.

do teórico italiano Antônio Gramsci (1891–1937) ao utilizá-lo como forma de explicação de um determinado tipo de exploração. A noção de hegemonia, segundo Gramsci, é a maneira como o poder é exercido não só através de um conjunto de instituições políticas, mas através também da cultura.

Gramsci propõe que a dominação de classe ocorre também culturalmente, pois a classe trabalhadora está sujeita às ilusões ideológicas perpetradas pela classe dominante.

É importante destacar que a hegemonia não é uma ação partidária e sim uma ação de classe, pois significa o exercício do poder por um conjunto de indivíduos de uma determinada classe social. A hegemonia está assim envolta em uma luta entre visões de mundo baseadas na divisão de classes (entendida como conjunto de valores, ideias, crenças) que acaba por propagar a ideologia da elite dominante de forma que sejam aceitas e assimiladas como verdades inquestionáveis. Quanto mais difundida uma determinada ideologia, mais sólida fica a hegemonia e há menos necessidade do uso de violência explícita.

A hegemonia é uma dominação consentida, baseando-se em um mecanismo invisível no qual posições de influência na sociedade são sempre ocupadas por membros de uma classe já dominante, e tem como resultado final a penetração das ideias da classe dominante por toda a sociedade. Através da exposição constante desse arsenal de concepções disseminadas pela elite, as ideias hegemônicas moldam o pensamento de todas as classes.

O conceito vai definir a capacidade de uma classe de manter sua dominação, não apenas por meio da força, mas por ser capaz – indo além de seus interesses mais estreitos, mas sem perder de vista a perspectiva central – de exercer a liderança moral e intelectual sobre uma variedade de aliados unificados num bloco social de forças, o bloco histórico. Assim, diz Gramsci:

o fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa; mas também é indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem envolver o essencial, dado que, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica (GRAMSCI, 2000, p. 48).

2.5 Retextualização¹⁹

Denomina-se retextualização o processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base. Em eventos linguísticos rotineiros, a atividade de retextualização é exercida para atender aos mais diversos propósitos comunicativos. Embora esse processo aconteça naturalmente, não é mecânico, pois envolve operações complexas que interferem tanto na linguagem e no gênero como no sentido, uma vez que se opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação interlocutora, porque é um novo texto que será produzido: trata-se de atribuir novo propósito à interação, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e intenções, do espaço e do tempo de produção e recepção. Assim, retextualização implica modificações profundas no texto, em função da alteração dos propósitos comunicativos ou dos gêneros envolvidos na atividade.

2.6 O poder hegemônico na notícia

Moraes (2010)²⁰ destaca: “A teoria da hegemonia de Gramsci permite-nos meditar sobre o lugar crucial dos meios de comunicação na contemporaneidade, a partir da condição privilegiada de distribuidores de conteúdo, como proposto por Karl Marx (MARX; ENGELS, 1977, p. 67):

transportam signos; garantem a circulação veloz das informações; movem as ideias; viajam pelos cenários onde as práticas sociais se fazem; recolhem, produzem e distribuem conhecimento e ideologia”. Os veículos ocupam posição distinta no âmbito das relações sociais, visto que fixam os contornos ideológicos da ordem hegemônica, elevando o mercado e o consumo a instâncias máximas de representação de interesses.

Negrão (2000) reafirma que o conflito de hegemonias, ainda que de forma desequilibrada, se faz presente nos jornais e tensiona a própria escolha dos acontecimentos a serem transformados em notícias. Estão também em jogo as

¹⁹ Disponível em:<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/referencia/benfica-m-f-b-atividade-de-retextualiza-o-os-conhecimentos-linguístico-discursivos-acerca-das-diferen-as-entre-o-texto-oral-e-escrito-disserta-o-de-mestrado-fale-ufmg-belo-horizonte-2003->. Acesso em: 20 mar.2019.

²⁰ MORAES, Dênis de. Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci. In: **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan-jun. 2010.

questões éticas dos jornalistas, cujo código, no caso brasileiro, estabelece uma série de regras de conduta que implicam na manifestação de diferentes concepções de mundo na análise dos acontecimentos. Então, superando a ideia da “manipulação”, é necessário ver que os jornais são espaços de lutas simbólicas e de significação – como outros aparelhos privados de hegemonia –, onde distintas concepções de mundo buscam conquistar posições, para estabelecer novas – ou manter as existentes – relações de poder.

A mídia hegemônica reflete e é o reflexo das elites intelectuais, econômicas, políticas e militares. Os meios de comunicação atuam de forma a legitimarem os ideais dessas camadas sociais.

Ao longo da história, ela [mídia] sempre atuou como bloco. No período pré-64, por exemplo, toda a chamada “grande imprensa” (O Globo, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, etc.) apoiou o golpe. A única vez que a imprensa rachou foi na revolução de 1930, mas isso aconteceu porque a elite estava dividida e a imprensa expressou esse momento. Fora isso, a imprensa sempre atuou em bloco (DANTAS, 2011).

Ainda hoje, a elite legitima seu poder através do monopólio dos meios de comunicação formando essa mídia hegemônica (também compreendida como mídia tradicional ou convencional) na qual as grandes empresas estão nas mãos das mesmas famílias por anos, como o caso do jornal paulista “Estadão” com a família Mesquita, o jornal “Folha de S. Paulo” com os Frias, a Rede Globo com os Marinho entre outros conglomerados (VELOSO 2009).

Nos próximos capítulos (3 e 4), serão observados e analisados, as variações e modulações dos registros nos jornais, “O Estado de S. Paulo” e “O Globo”, como o desenvolvimento historiográfico da Umbanda, foi retratada por esses dois veículos de comunicação, desde o seu surgimento.

CAPITULO 3

A UMBANDA: UMA ANÁLISE HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DOS JORNais

3.1 Origens históricas dos jornais

Conforme os números do Instituto Verificador de Circulação (IVC), em 2016, o jornal “O ESTADO DE S. PAULO” teve uma tiragem média diária de 209 mil unidades. O jornal vem acumulando juntamente com os seus concorrentes, a “FOLHA”, também do Estado de São Paulo – e “O GLOBO” – do Estado do Rio de Janeiro uma queda vertiginosa nos últimos anos devido à internet, mais precisamente, com a chegada dos Smartphones. O IVC afirma que se continuar essa queda, em 10 anos esses jornais impressos deixarão de existir.

3.1.1 O jornal “O ESTADO DE S. PAULO”²¹

“O ESTADO DE S. PAULO” é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. Em 4 de janeiro de 1875, ainda durante o Império, circulava pela primeira vez “A Província de S. Paulo”, seu nome original. Somente em janeiro de 1890, após o estabelecimento de uma nova nomenclatura para as unidades da federação pela República, receberia sua atual designação.

O jornal foi fundado por 16 pessoas reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, concretizando uma proposta de criação de um diário republicano surgida durante a realização da Convenção Republicana de Itu, com o propósito de combater a monarquia e a escravidão.

Primeira Sede: A Redação, administração e oficinas foram instaladas em um sobrado da Rua do Palácio, nº 14, antiga Rua das Casinhas, atualmente Rua do Tesouro, esquina com a Rua do Comércio (atual Álvares Penteado), no Centro velho

²¹ Resumo histórico do próprio site do jornal “O Estado de S. Paulo” – Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>>. Acesso em: 20 mar.2019.

de São Paulo. Entre os proprietários do novo jornal, destacavam-se Américo de Campos e Francisco Rangel Pestana. O administrador era José Maria Lisboa, que morava com a família nos fundos do prédio.

A cidade de São Paulo desta época já se encontrava em franco desenvolvimento. A partir de 1865, quando a cidade contava com cerca de 25 mil habitantes, a ferrovia passou a influenciar decisivamente na aceleração da urbanização.

Contudo, apesar das inovações, era ainda uma pequena cidade com pouco mais de 30.000 habitantes, na sua maioria tropeiros, funcionários públicos e estudantes de Direito. Na margem oeste do Anhangabaú ainda se caçavam perdizes e se pescavam bagres em uma lagoa próxima à Estação da Luz. Em 1875, existiam mais dois jornais diários de algum porte: o "Correio Paulistano", fundado em 1854; e o "Diário de São Paulo", de 1865 - ambos extintos.

A importância da fundação de "A Província" deve-se ao fato de ser o primeiro grande jornal engajado no ideário republicano e abolicionista, por meio dos textos contundentes de Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos, seus primeiros redatores.

Sua tiragem inicial era de 2.000 exemplares, bastante significativa para a população da cidade, estimada em 31 mil. Pode-se dizer que a partir de então o jornal foi crescendo com a cidade e influenciando cada vez mais a evolução política do país, com a enorme responsabilidade de ser o principal veículo da mais republicana das cidades brasileiras.

Inovação: A *Província* logo se diferenciou no mercado. Barrete branco na cabeça, uma buzina na mão e um maço de jornais debaixo do braço, o francês Bernard Gregoire saía a cavalo pelas ruas da cidade anunciando as notícias do dia. Foi um escândalo. Os jornais concorrentes chegaram a ridicularizar a imagem do jornaleiro – que mais tarde foi incorporada ao *ex-libris* do Estado.

Em abril de 1877, O Estado muda-se para a Rua da Imperatriz, 44, atual Rua XV de Novembro. A impressora era uma máquina "Alauzet" operada manualmente por ex-escravos libertos contratados e remunerados pelo trabalho.

Em 19 de outubro de 1879, foi publicado o primeiro anúncio colorido, na página 4.

Em 2 de setembro de 1881, nova mudança das oficinas do jornal, da então Rua da Imperatriz (hoje XV de Novembro) para o Largo do Rosário, 53.

No início de 1888, meses antes da proclamação da República, Euclides da Cunha, então um jovem redator republicano expulso do Exército passa a colaborar com *O Estado*, sob o pseudônimo de Proudhon. Neste mesmo ano "A Província" atingia a marca de 4.000 assinantes. Em 1 de janeiro de 1890, após a proclamação da República, o jornal muda de nome. A "Província de São Paulo" passa a chamar-se "O ESTADO DE S. PAULO", a tiragem dobra: 8 mil.

Em 1896, a tiragem não consegue ultrapassar os dez mil exemplares, não por falta de novos leitores, mas devido às limitações do equipamento gráfico. Porém, uma nova máquina é adquirida e a tiragem pula para 18 mil exemplares durante a campanha de Canudos, quando eram ansiosamente aguardadas as reportagens enviadas por Euclides da Cunha através do telégrafo.

Os fatos que marcaram o país e o mundo, expostos nas capas históricas do jornal *O ESTADO DE S. PAULO* desde 1875.

3.1.2 *O jornal "O GLOBO"*²²

Em 1911, o jornalista Irineu Marinho fundou o vespertino "A Noite", mas depois de vender o controle do jornal a um dos sócios, mediante o compromisso de recompra das ações, o acordo não foi cumprido. As ações não lhe foram revendidas e Irineu perdeu o título do jornal.

Depois de uma viagem à Europa, Irineu Marinho entregou-se à criação de um novo jornal identificado com o Rio. Para escolher o nome do seu novo jornal, Irineu Marinho promoveu um concurso. O resultado foi anunciado em 20 de junho de 1925, com o título "Correio da Noite" aparecendo como o mais votado. Mas essa patente já tinha dono, e o jornalista decidiu-se pelo segundo nome mais votado, "O GLOBO". Em reconhecimento aos participantes que haviam votado nos dois títulos, Irineu distribuiu 6 mil assinaturas mensais do vespertino. Foi assim que surgiu "O GLOBO". Antigos companheiros de "A Noite" vieram juntar-se a ele nessa nova empreitada.

A primeira sede do "O GLOBO" ficava na Rua Bettencourt da Silva, no Largo da Carioca, com saída também para a Avenida Almirante Barroso — onde hoje funciona uma agência da Caixa Econômica Federal. O prédio que abrigou "O

²² Resumo histórico do próprio site do jornal "O GLOBO". Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292>. Acesso em: 30 mar.2019.

GLOBO", desde a sua fundação, em 1925, até a mudança da Redação para a Rua Irineu Marinho, já não existe mais. Por ser um lugar central, adequava-se perfeitamente às exigências da época para um jornal preocupado em não só noticiar os fatos importantes da cidade, mas em fazê-lo com agilidade, o que implicava ganhar tempo entre a apuração, a redação e a distribuição. Lá se instalou a primeira redação do vespertino. Consolidado, "O GLOBO" cresceu fisicamente, passou a ampliar suas tiragens e, por decorrência, a exigir mais espaço para suas instalações. O que seria resolvido com a transferência, em 1954, da sede para a Rua Irineu Marinho.

A primeira edição do então vespertino circulou no dia 29 de julho de 1925, dez dias após o aniversário de Irineu. Nesse dia, foram lançadas duas edições do jornal, num total de 33.435 exemplares. Inicialmente, a distribuição ficou a cargo dos chamados "gazeteiros", em seguida, "O GLOBO" chegou às bancas. Irineu juntou uma eficiente equipe de repórteres e um experimentado corpo de redatores para dar a forma editorial que idealizara para o novo veículo. Um dos princípios editoriais do vespertino era buscar a notícia em todos os setores da cidade, marca que permaneceu ao longo de toda a sua história.

Mas Irineu Marinho ficou pouco tempo à frente do "O GLOBO". Morreu prematuramente aos 49 anos, no dia 21 de agosto de 1925. Roberto, o primogênito, seria o substituto natural do pai, mas considerando-se ainda muito jovem para assumir o comando do vespertino, preferiu entregá-lo ao jornalista Eurycles de Matos, amigo de confiança de Irineu.

Cinco anos e oito meses após começar a trabalhar no "O GLOBO", e tendo assumido o cargo de diretor-redator-chefe do jornal, com a morte de Irineu Marinho, Eurycles de Mattos faleceu a 5 de maio de 1931. Nesses quase seis anos de casa, o jornalista baiano consolidou o vespertino criado pelo amigo Irineu. Num trabalho incansável, Eurycles preparou o terreno para a chegada de Roberto Marinho à direção do jornal. Aos 26 anos, e depois de ganhar mais experiência como jornalista trabalhando na redação do "O GLOBO", Roberto Marinho assume a direção do jornal em 1931. A partir da edição de 8 de maio, ele passa a ocupar o cargo de diretor-redator-chefe. Roberto Marinho ficou no comando até sua morte, em 6 de agosto de 2003.

3.2 As pesquisas nos jornais

Serão utilizados como ferramentas de pesquisa deste trabalho os acervos digitais dos jornais “O ESTADO DE S. PAULO” e o “O GLOBO”, por ser um dos jornais mais antigos ainda em circulação no país e por fazer parte da região escolhida para essa pesquisa. Em seus ricos acervos digitais, serão garimpados, artigos e notícias sobre a ótica do verbete: “UMBANDA”.

3.3 ACERVO 1: O jornal “O ESTADO DE S. PAULO” ²³

Será utilizado como ferramenta de pesquisa deste trabalho, o acervo digital do jornal “O ESTADO DE S. PAULO”.

Site: <<http://acervo.estadao.com.br>>.

Pesquisa a ser realizada em todo acervo, nas edições desde 1875 até os dias de hoje.

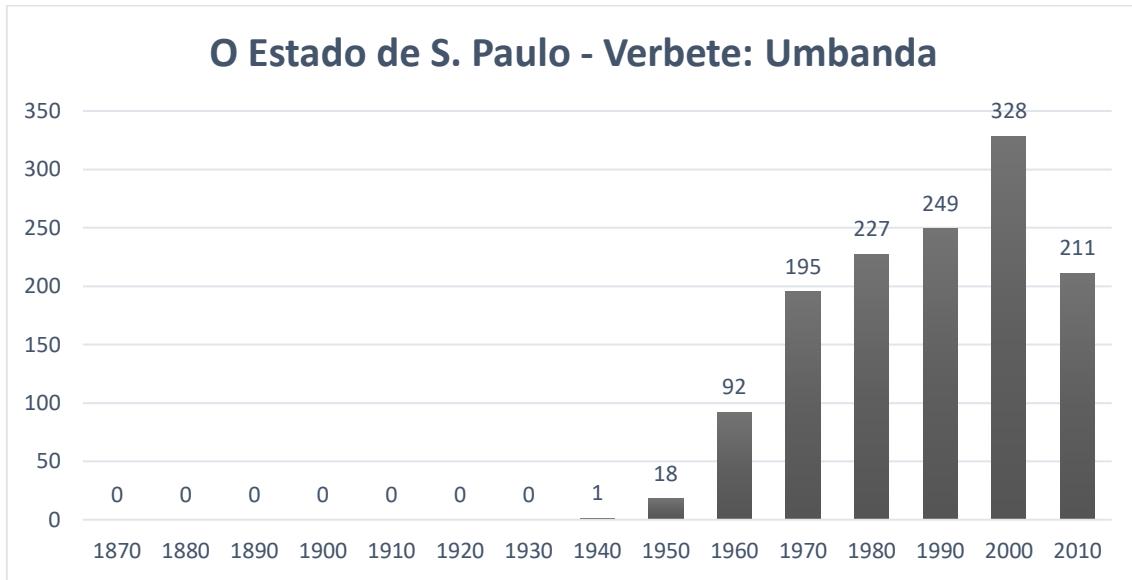
3.3.1 Verbete: “Umbanda”

Uma pesquisa feita anteriormente nesse acervo digital, para a elaboração de um artigo, verificou que a primeira vez que a palavra “Umbanda” apareceu nesse jornal foi no dia 07 de dezembro de 1946, em um sábado, na coluna “Notícias do Rio”, assinado por V. Cy, com o nome “ALMAS EM PÉ”. O autor é um grande crítico da “bagunça” que são as religiões espíritas e afro-brasileiras, assim generalizada por ele.

A partir dessa informação, pensou-se na elaboração dessa pesquisa, em que se poderia explorar ainda mais esse assunto. Assim, foi verificado que o acervo digital do jornal “O ESTADO DE S. PAULO” reconheceu 1321 resultados de busca para “UMBANDA”. Conforme o gráfico 2 a seguir: ²⁴

²³ Acervo digital do jornal “O Estado de S. Paulo”. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/procura/>>.

²⁴ As barras no gráfico exibem a quantidade de ocorrências do termo procurado em cada período.

Gráfico 2 – Resultado de Busca no “OESP”: “UMBANDA” - 1321²⁵Fonte: Acervo Estadão²⁶

Como é verificado pelo gráfico, há um crescente número de artigos e notícias que aparece com a palavra “UMBANDA”. Por esse motivo, foram escolhidos alguns recortes para serem analisados e posteriormente verificar o que aconteceu com a Umbanda nessas épocas.

Após os recortes, foram separados três períodos, compostos pelas décadas de: 1960, 1980 e 2000.

Critérios de Organização ou Filtragem foram usados por: organização por década escolhida; organização por ano/década e organização por caderno ou página. Serão abordados cinco artigos/notícias por década, mostrará o recorte do original da notícia e o parecer histórico dos acontecimentos de época.

Os critérios de análise baseiam-se na análise do discurso crítico e são constituídos por três aspectos: identidades sociais, a relação social identitária e conhecimento de mundo e crença.

3.3.2 Década de 1960

A organização ou filtragem de notícias para a análise deve-se ao número

²⁵ A barras no gráfico exibidas no período de 1900 devem ser ignoradas, a palavra encontrada nesse período foi um erro de semelhança, ocasionado pela grafia da época.

²⁶ Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/procura/#!/umbanda/Acervo/acervo>>.

crescente do emprego da palavra “umbanda” em relação às décadas anteriores. O recorte abrange cinco artigos-notícias da década de 1960, coletado do jornal “O ESTADO DE S. PAULO”. Os textos jornalísticos estão dispostos por data crescente, conforme a organização por caderno ou página, com as notícias de maior frequência. Os critérios de análise baseiam-se na Análise do Discurso Crítico e são constituídos por três aspectos: identidades sociais, a relação social identitária e conhecimento de mundo e crença.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 12 DE AGOSTO DE 1960 – página 14.

“TENDA VAREJADA – Agentes da Delegacia de Costumes” – Varejaram ontem a “Tenda de Umbanda Pai Bartolomeu”, na avenida Sapopemba, 8.100, prendendo em flagrante o seu responsável e 4 companheiros. Bartolomeu da Silva Reis, “diretor espiritual” da Tenda, é titular de um diploma de “proficiência espiritual”, conferido pela Federação Umbandista do Estado de São Paulo. Os macumbeiros foram surpreendidos quando caminhavam sobre cacos de vidro, com os pés descalços. Os cacos de vidro foram apreendidos, bem como um vidro de “óleo de santo” e uma estatueta do “Exu Fecha-Rua”, que impede a visita de pessoas importunas”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 20 DE ABRIL DE 1961 – página 22

“CASO DE BAIXO ESPIRITISMO – O sr. Ítalo Galli, juiz da 17ª Vara Criminal, condenou ontem Rosalina Corrêa de Oliveira a 1 ano e 6 meses de reclusão, além da multa de 2 mil cruzeiros, por prática de baixo espiritismo. Segundo consta no processo, foi ela procurada por uma jovem, que teve uma desventura amorosa e desejava reconciliar-se com o rapaz. Passou a jovem, então a frequentar uma Tenda de Umbanda, à rua Melo Peixoto, tendo a acusada, de início, dela exigido a importância de 13 mil cruzeiros, alegando que ia submetê-la a um tratamento espiritual. Durante as sessões, a falsa curandeira ingeria uma bebida e fumava charutos, entrando em transe. O fato é que o rapaz se reconciliou e a curandeira, diante desse êxito, passou a explorar mais a jovem, chegando, afinal, a tirar-lhe novas importâncias, inclusive dois terrenos, um nesta Capital e outro em Santos, quando foi então presa e processada”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 27 DE ABRIL DE 1966 – página 10

“GUIA SEDUZIU MENORES – Agentes da delegacia de Vigilância e Capturas, prenderam ontem, em Santos, o anormal Ursino da Silva, de 45 anos, casado, residente na av. Capitão Lessa, 208, naquela cidade. Dizendo-se “guia espiritual”, numa Tenda de Umbanda, instalada em Campo Limpo, o anormal conseguiu sequestrar dez jovens, vivendo maritalmente com cada uma delas, durante vários meses. A prisão do anormal decorreu de queixa apresentada no Departamento de Investigações pelo irmão de Helena Apolinário, de 20 anos, solteira, sua última vítima”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 16 DE DEZEMBRO DE 1966 – página 10

“HOMICÍDIO E SUICÍDIO – Na madrugada de ontem, no interior da casa em que morava, na rua Cavalheiro, 34, Vila Brasilândia, Zacarias Silva Porto, de 21 anos, assassinou com dois tiros de revólver, Leontina da Cruz, de qualificação ignorada, e que residia na Freguesia do Ó. Após a prática do crime, Zacarias saiu correndo e, já no meio da rua, desfechou um tiro no ouvido, falecendo horas depois no Hospital das Clínicas. Apurou-se que Leontina era “médium” da Tenda de Umbanda “Pai Benedito” que o homicida frequentava há alguns meses. Os motivos do crime não foram apurados pela Zona Norte”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 10 DE JULHO DE 1968 – página 13

“CAPTURADOS 3 CRIOULOS – Três dos “Crioulos Doidos” que tem cometido assaltos na Zona Sul da cidade foram presos ontem pelos policiais do DEIC [...]. A prisão dos “crioulos” deu muito trabalho aos policiais, primeiro pegaram Eduardo, num Terreiro de Umbanda, na Vila Constança, Santo Amaro, onde também se encontrava José Rocha que, reagiu a tiros. Daquele local, os policiais partiram para as imediações do aeroporto de Congonhas, onde estavam os outros assaltantes. Após obterem forte resistência, foram presos Oswaldo e Odair. Os detidos confessaram a autoria de 20 assaltos. As diligências prosseguem para capturar os dois “crioulos” restantes”.

Na prática discursiva, o conhecimento de mundo e crença sustenta o posicionamento do autor. No caso das notícias selecionadas, esse conhecimento era

permeado de perseguição contra as práticas espíritas, principalmente com conotação afro-brasileira. Sempre foi perseguida, muito antes da Umbanda existir. Apesar da promessa de liberdade religiosa assegurada pela primeira Constituição Republicana Brasileira em 1891, a Lei Criminal de 1890 proibia a prática do espiritismo, bruxaria e seus sacrilégios. A Lei Criminal de 1942 condenava os “bruxos” e o seu uso de atos religiosos para praticarem o mal, chamando-o de “Baixo Espiritismo”.

A expressão “Baixo Espiritismo”²⁷ está vinculada à concepção de práticas espíritas tidas como criminosas, tais como, o exercício ilegal da medicina, o curandeirismo, o sacrifício de animais nos rituais e a cobrança monetária dos trabalhos realizados. Levando-se em conta, principalmente, a intencionalidade do agente ao desenvolver suas atividades religiosas, ou seja, se fica caracterizada a intenção de causar mal a outrem, é considerado “Baixo Espiritismo”. Destacamos que essa expressão está estritamente ligada a essa conotação da intencionalidade, que consiste na possibilidade de o praticante do espiritismo explorar a credulidade das pessoas, iludindo-as para que delas possa tirar proveito em benefício próprio, inclusive, com ganhos financeiros.

A antropologista Maggie (1992) revela que

por reprimir a bruxaria, a classe governante do Brasil acreditava que estava protegendo a saúde espiritual da nação. Por isso, a expressão “Baixo Espiritismo” é um recurso de hierarquização, utilizado pelo poder dominante, na esfera social e judicial, na medida em que se procura definir aquilo que seria caracterizado como bom ou mau em relação às práticas religiosas dos espíritas.

Verifica-se nas notícias trechos que determinam o teor empregado nos acontecimentos: “Os macumbeiros foram surpreendidos”; “reclusão, além da multa de 2 mil cruzeiros, por prática de baixo espiritismo”; “A prisão do anormal decorreu de queixa apresentada no Departamento de Investigações”; “Apurou-se que Leontina era “médium” da Tenda de Umbanda “Pai Benedito” que o homicida frequentava há alguns meses”; “A prisão dos “crioulos” deu muito trabalho aos policiais, primeiro pegaram Eduardo, num Terreiro de Umbanda”.

²⁷ “Baixo Espiritismo” é uma expressão que surgiu no final da década de 1920, derivada de uma outra expressão denominada, falso espiritismo. Ambas expressões conviveram paralelamente, utilizadas pelas autoridades policiais e judiciais até por volta de 1930, período em que a utilização da primeira expressão abrange a da segunda (GIUMBELLI, 2003).

Alguns teóricos como: Roger Bastide (1985), Patrícia Birmam (1985) Yvonne Maggie (1986, 1992) e Emerson Giumbelli (2003) também abordaram a concepção de “Baixo Espiritismo”.

As identidades sociais, apuradas nos textos dos noticiários jornalísticos, foram da autoridade policial e de um suposto criminoso com relação às práticas espirituais.

Segundo Fairclough (2001), as identidades constroem uma relação social no discurso. Nos textos selecionados, de autoritarismo hegemonic, de perseguição da autoridade policial ao criminoso que está relacionado à Umbanda. Nesse sentido, a Umbanda passa a ser associada a práticas criminosas.

Essa relação social identitária é construída pelo jornalista no processo de recontextualização. Ou seja, o jornalista corrobora em seu texto a visão da sociedade repressora. Nessa recontextualização, a Umbanda é colocada nas cenas dos crimes como se ela fosse a vilã, o principal criminoso, a ferramenta do mal, mesmo que, muitas vezes, sem nexo algum com o fato ocorrido.

Como foi verificado nesses cinco artigos, tanto as autoridades das práticas sociais quanto das práticas discursivas da época eram responsáveis pela sua apresentação, na criminologia e na formação e publicação das notícias, quando o assunto era envolver a Umbanda como algo errado, imoral, sujo, que desvia as virtudes humanas, coisa do demônio.

Analizando com detalhes esses artigos, nota-se que em quase sua totalidade tornasse desnecessária a vinculação do nome da Umbanda nos acontecimentos, muitas vezes, até de forma jocosa e sem nexo, mas atingindo o objetivo proposto por autoridades e líderes religiosos como os da Igreja Católica.

Pode-se relacionar essas notícias e artigos sobre a Umbanda publicados no "O ESTADO DE S. PAULO" com a afirmação de Negrão (1996) sobre as perseguições que eram movidas tanto por aparelhos repressivos governamentais, durante e após o Estado Novo, quanto por instituições religiosas, incentivadas pela intolerância do catolicismo dominante, intensificados a partir dos anos 30 até meados dos anos 60.

O autor também mostra que o início dos anos 60 foi marcado por intensa atividade organizativa umbandista, mesmo havendo ainda perseguições, mas já em menor intensidade. Federações, congressos, publicações e literaturas começaram a aparecer em São Paulo, onde a presença de militares dentro do movimento federativo umbandista fez crescer a "confiabilidade" da Umbanda junto aos governadores do Estado, particularmente Ademar de Barros e Laudo Natel. Em 1964, a Umbanda foi incluída no *Anuário Estatístico* do IBGE, indicando seu reconhecimento oficial.

Sobre a Igreja Católica, o autor lembra que foi por esta época que começaram a soprar os "ventos ecumênicos" do Concílio Vaticano II, que incluíram a Umbanda

como "religião dos humildes", digna de ser estudada e portadora de valores reais, estéticos e religiosos. A partir do golpe de 64, com a proibição dos sindicatos e partidos políticos, e também o início do afastamento da Igreja Católica das grandes massas, governantes e políticos passam a procurar apoio popular nos grupos religiosos emergentes, entre os quais, os umbandistas.

Foi sob a ditadura militar que o registro dos centros de Umbanda passou da jurisdição policial para a civil, que a Umbanda foi reconhecida como religião no censo oficial, e que muitos dos seus feriados religiosos foram incorporados aos calendários públicos locais e nacionais, de caráter oficial (BROWN, 1985, p. 35-36).

3.3.3 Década de 1980

A organização ou filtragem de notícias para a análise deve-se ao número crescente do emprego da palavra "umbanda" no recorte das décadas escolhidas para a pesquisa. O recorte abrange cinco artigos-notícias da década de 1980, coletado do jornal "O ESTADO DE S. PAULO". Os textos jornalísticos estão dispostos por data crescente, conforme a organização por caderno ou página, com as notícias de maior frequência. Os critérios de análise baseiam-se na Análise do Discurso Crítico e são constituídos por três aspectos: identidades sociais, a relação social identitária e conhecimento de mundo e crença.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 09 DE MAIO DE 1981 – página 44

"TODA A VERDADE DA "INTEGRAÇÃO" DE MALUF – [...] Umbandistas passaram a frequentar os "governos de integração" para "compensar" o crescimento do número de oposicionistas vinculados a sociedades amigos de bairro e entidades ligadas a favelas, que, em cada despacho, criticam o governador do Estado. Em troca, entidades espíritas, protestantes e de Umbanda recebem, junto com escolas de samba, favores, como a cessão de terrenos municipais e jogos de camisa de futebol. [...]".

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 07 DE OUTUBRO DE 1982 – página 5

“FAUSE TAMBÉM CONDENA CURIATI – [...] A candidata Francis Bezerra, que disputa uma vaga na Câmara Municipal pelo PDS, [...]. Francis Bezerra, cujo o nome completo é Francisca Rodrigues Bezerra, surgiu no partido oficial como candidata dos Centros de Umbanda. Ela afirma que detém o apoio de 47 mil centros de Umbanda que existiriam no Estado”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 1983 – página 1

“UMBANDA: EM VEZ DE POLÍTICA “ALÍVIO” AO POVO – Ao contrário da Igreja Católica, a Umbanda dá “alívio e carinho ao povo, não política”, afirma o diretor do Superior Órgão da Umbanda de São Paulo, “Pai Abraão”, ao explicar a grande adesão de católicos aos cultos afro-brasileiros. Esse sincretismo, que os teólogos conservadores não consideram religião, teria mais de 40 milhões de adeptos no Brasil, além de terreiros nos estados unidos, no Uruguai e na Argentina”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 27 DE AGOSTO DE 1986 – página 14

“UM DESPACHO PARA JÂNIO DA UMBANDA – Um grande Terreiro de Umbanda. É nisso que a prefeitura vai se transformar se segunda-feira, às 18 horas Vestidos de Branco, centenas de adeptos de Umbanda e Candomblé de São Paulo irão até o gabinete do prefeito Jânio Quadros para “arriar” um bode. No “despacho” não faltarão pedaços do animal, farofa, pimenta e velas escuras para evocar Omulu, a quem os umbandistas pedirão que o prefeito volte atrás na sua decisão de proibir rituais nos cemitérios da Cidade. “A Umbanda nunca foi defendida”, diz Toni Dílson, diretor da Sociedade Brasileira Voluntários da Umbanda e Candomblé, que tem sob sua coordenação 37 mil Templos registrados em todo o Estado”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 14 DE JANEIRO DE 1987 – página 3

“QUEM CRIA EXPECTATIVAS NEGATIVAS – [...] Convenhamos que é demais o Executivo ter Ministros capazes de explicar sua incapacidade de contornar a crise descoberta como essa da “expectativa”. O que o presidente da República –

preocupado em agradar os militares, dando-lhes o 13º Salário. E os Terreiros de Umbanda, garantindo-lhes que não serão fechados – deveria ter em mente é que o clima de desconfiança já ganhou o próprio partido do qual é presidente de honra. [...].

Na prática discursiva, o conhecimento de mundo e crença sustenta o posicionamento do autor. No caso das notícias selecionadas, esse conhecimento era permeado pelo engajamento da Umbanda na política na década de 1980. Esse engajamento começou na década de 70, época rica em envolvimentos políticos com outros meios religiosos, não católicos.

Pela primeira vez se vê chefes de governos estaduais causando polêmica por causa do apoio público dado à Umbanda. A primeira notícia sobre tal envolvimento surge em 1973, com o jornal “O ESTADO DE S. PAULO” exibindo a seguinte manchete: “O governo vai à Festa de Oxóssi”, que fala sobre evento realizado no Departamento de Educação Física do Estado, em que estiveram presentes autoridades e políticos, entre os quais, o então vereador Samir Achoa, sempre lembrado como “um político que conta com o apoio dos umbandistas”. Foi o então governador, Laudo Natel, que oficializou a Festa de Ogum. Em consequência, o que se lê nos jornais é o seguinte: “Festa de Laudo preocupa a Igreja”; “Igreja condena as festas de Umbanda”; “A Umbanda faz sua festa com a ajuda do Estado” (referindo-se à Festa de Ogum realizada no Ginásio do Ibirapuera)

Em 1976, ano de eleições municipais, o jornal “O ESTADO DE S. PAULO” publicou um texto com o título “Sarava”. Essa matéria publicada era contra a Umbanda, o foco era a Festa de Iemanjá na Praia Grande. Em dezembro de 1976, é publicado o texto: “A estátua de Iemanjá na Praia”, e diz num trecho: “A penetração da Umbanda é tão intensa que rende elevados dividendos políticos, como se viu em várias candidaturas às últimas eleições”. A inauguração da Estátua de Iemanjá foi uma iniciativa da prefeitura de Praia Grande.

E não foi só o prefeito de Praia Grande que se envolveu com a Umbanda nesse ano eleitoral. O prefeito Francisco Rossi, de Osasco, que em 1975 já havia oficializado a Festa de Ogum na cidade, instituiu, em 1976, o “Dia do Umbandista”, acompanhado de Waldomiro Pompeu, de Guarulhos e Amaury Fioravante, de Mauá.

Nem só políticos da Arena, partido da situação, procuraram o apoio da Umbanda. Vereadores, deputados estaduais e federais estiveram sempre presentes

em festividades umbandistas. Samir Achoa e Orestes Quércia foram na época os mais envolvidos com a Umbanda.

Em 1978, é Paulo Maluf o candidato da Arena ao governo de São Paulo e não Laudo Natel. Isso alterou um pouco a situação, colocando, como fortes candidatos apoiados pela Umbanda, Ademar de Barros Filho e o Cel. Erasmo Dias, o presidente do Superior Órgão de Umbanda e Candomblé do Estado de São Paulo - SOUESP, Ten. Hilton de Paiva Tupinambá. No governo de Paulo Maluf intensificou-se a parceria governo e Umbanda. Foi nessa época que se conseguiu isenção de taxas de localização, funcionamento e instalação para Terreiros de Umbanda e Candomblé, como já acontecia com outros templos religiosos.

Chega a década de 80, a Umbanda ainda continua se favorecendo da situação política do país, como os artigos da época mostram. A seguir, verifica-se nas notícias trechos que determinam o teor empregado nos acontecimentos: “*Umbandistas passaram a frequentar os “governos de integração”*”; “*Francisca Rodrigues Bezerra, surgiu no partido oficial como candidata dos Centros de Umbanda*”; “*Ao contrário da Igreja Católica, a Umbanda dá “alívio e carinho ao povo, não política”*”; “*centenas de adeptos de Umbanda e Candomblé de São Paulo irão até o gabinete do prefeito Jânio Quadros para “arriar” um bode*”; “*O que o presidente da República – preocupado em agradar os militares, dando-lhes o 13º Salário. E os Terreiros de Umbanda, garantindo-lhes que não serão fechados*”.

As identidades sociais, apuradas nos textos dos noticiários jornalísticos, foram das autoridades políticas de São Paulo e adeptos de tendas umbandistas.

Segundo Fairclough (2001), as identidades constroem uma relação social no discurso. Nos textos selecionados, os políticos usam seus poderes hegemônicos para angariar votos de adeptos umbandistas, colaborando com o reconhecimento da religião em vários aspectos. Da mesma maneira, os umbandistas usam seus poderes hegemônicos pelos votos, como vantagens políticas para obter seu espaço religioso.

Essa relação social identitária é construída pelo jornalista pelo processo de recontextualização. Ou seja, o jornalista corrobora em seu texto a visão da sociedade política. Nessa recontextualização, a Umbanda é colocada como se ela fosse a solução alternativa por apoio eleitoral.

Na década de 80, os líderes da Umbanda eram altamente considerados e homenageados por grandes autoridades do governo. Esse período de ascensão da Umbanda foi possível graças à continuidade dos governos estaduais, reforçando e

gerando a troca de favores por apoio eleitoral. A Umbanda foi muito utilizada pelo populismo da época, por ser considerada um grupo organizado e emergente.

Negrão (1996) evidência, nos anos 80, a ligação de organizações umbandistas com campanhas políticas de Paulo Maluf. No entanto, é também nesta época que se inicia a estagnação do crescimento visível e organizativo da Umbanda Paulista, o que vem acompanhado pela redução de sua presença no noticiário jornalístico. Na realidade, aquele foi um tempo de início de abertura "lenta e gradual" e, por vários motivos, por ordem micropolítica os umbandistas resolveram lançar "candidatos próprios". Não elegeram seus candidatos. Por outro lado, a ascensão do PMDB de Franco Montoro, notório e convictamente católico, não facilitou nenhuma reaproximação com o Governo do Estado. Porém, segundo dados apresentados, uma retomada deste crescimento se insinua na segunda metade da década. De acordo com Negrão (1996, p. 136), essa "retomada do crescimento do número de terreiros está ligada, entre outros fatores possíveis, à recomposição da Umbanda com o governo peemedebista, articulada pelo governador Orestes Quércia, eleito em 1986".

A segunda metade dos anos 60 foi favorável à Umbanda, mas na segunda metade dos anos 80 tudo mudou, inclusive para a Umbanda.

No final dos anos 80, a Umbanda começa novamente a ver um futuro sombrio, com a retomada das ameaças da intolerância religiosa, agora não mais pela Igreja Católica e sim pelas Pentecostais ou Neopentecostais, liderada pela Igreja Universal do Reino de Deus.

3.3.4 Década de 2000

A organização ou filtragem de notícias para a análise deve-se ao número crescente do emprego da palavra "umbanda" no recorte das décadas escolhidas para a pesquisa. O recorte abrange cinco artigos-notícias da década de 2000, coletado do jornal "O ESTADO DE S. PAULO". Os textos jornalísticos estão dispostos por data crescente, conforme a organização por caderno ou página, com as notícias de maior frequência. Os critérios de análise baseiam-se na Análise do Discurso Crítico e são constituídos por três aspectos: identidades sociais, a relação social identitária e conhecimento de mundo e crença.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 28 DE FEVEREIRO DE 2001 – página 8

“NA CONTRA MÃO DO DIÁLOGO RELIGIOSO, EDIR MACEDO VÊ PERIGO NAS CULTURAS AFRICANAS – O demônio pode estar à espreita em qualquer lugar. Mas há situações mais ameaçadoras que outras. Segundo o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal, é preciso tomar cuidado com tudo que se refere à cultura de origem africana. No livro Orixás, Caboclos & Guias, ele afirma que os seguidores de religiões como a Umbanda e o Candomblé são adoradores do demônio, aos quais dão nome de exus, orixás e caboclos. Chega a recomendar que se evite o consumo de comida da Bahia, como acarajé. “Todas essas baianas são “filhas de santo” ou “mães de santo”, que “trabalham” a comida para terem boa venda”, diz”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 05 DE JULHO DE 2004 – página 6

“BRIGA – “Nessas eleições, haverá pela primeira vez uma briga entre dois grupos evangélicos, a Assembleia de Deus e a Igreja Universal. Apesar da candura do Crivella, a Universal ataca a Igreja Católica, a Umbanda e o Candomblé. Imagino que a Igreja católica vá continuar na posição de não indicar candidatos, mas recomendar que os fiéis não votem em quem ataca a Igreja Católica, ou seja, não votem na universal”, diz o cientista político e professor da PUC-Rio Cesar Romero Jacob.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 17 DE ABRIL DE 2005 – página 19

“PENTECOSTAIS FAZEM SUCESSO COM PROBLEMAS COTIDIANOS – [...]. Nos seus transes, os pentecostais têm reproduzido práticas da Umbanda e do candomblé. Daí provém, por sinal, o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, um ex-umbandista. O Estado tentou ouvir a Igreja sem sucesso”.

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 04 DE JUNHO DE 2008 – página 3

“INTOLERÂNCIA – Vivemos num Estado laico, a Constituição federal nos deu essa prerrogativa. Logo, o livre exercício de culto deve ser respeitado por todos. A intolerância de evangélicos contra todos os que não seguem a sua religião está

chegando às raias do absurdo da intolerância, e este último ataque a um terreiro de Umbanda no Rio tem de ser combatido por todos e obrigatoriamente pelas autoridades". Marcos Barbosa

O ESTADO DE S. PAULO: EDIÇÃO DE 22 DE NOVEMBRO DE 2009 – página 20

"PERGUNTA A GILBERTO GIL – A CULTURA AFRO-BRASILEIRA É RECONHECIDA COMO DEVERIA NO PAÍS? – Grupos evangélicos de Salvador, por exemplo, estão tentando substituir o termo "acarajé" por "bolinho de Cristo" ou "acarajé de Jesus". Isso é, de novo, questão política. Quarenta anos atrás era a Igreja Católica que, de certa forma, tentava se opor à proliferação e disseminação dos cultos de origem africana. E se associava ao Estado nessa tentativa de interdição do Candomblé e da Umbanda. Depois a Igreja cedeu espaço, assim como o Estado: em 1972, na Bahia, caiu a lei que interditava os candomblés e os obrigava a tirar licença municipal para funcionar. E passaram, como qualquer outra religião, a ter garantido o seu direito de liberdade de culto. Agora os evangélicos, na sua emergência e luta por espaço político, se opõem aos católicos, aos cultos afro-brasileiros, etc. São grupos com novos apetites políticos".

Na prática discursiva, o conhecimento de mundo e crença sustenta o posicionamento do autor. No caso das notícias selecionadas, esse conhecimento era permeado pela disputa do espaço religioso, demonizando e atacando os adeptos da Umbanda e de outras religiões de matriz africana, acentuado na década de 2000. Esses ataques começaram durante a década de 1990, quando a Umbanda entrou num processo de esvaziamento em relação aos fiéis adeptos. Este refluxo tem várias causas, uma delas foi a ascensão do neopentecostalismo, que apresentava uma nova oferta religiosa, e utilizando-se dos meios de comunicação de massa conseguiu influenciar milhões de pessoas através de suas igrejas eletrônicas, por meio do rádio e da televisão (CUMINO, 2011). Nesse sentido, a Umbanda tornou-se vulnerável aos ataques fulminantes dos neopentecostais que a demonizavam, e utilizavam termos pejorativos e muito agressivos em seus argumentos contra ela.

Chega a década de 2000, a Umbanda entra em conflitos religiosos e desfavorecimento político, como os artigos da época mostram. A seguir, verifica-se nas notícias trechos que determinam o teor empregado nos acontecimentos: “*Na contramão do diálogo religioso, Edir Macedo vê perigo nas culturas africanas*”; “*Apesar da candura do Crivella, a Universal ataca a Igreja Católica, a Umbanda e o Candomblé*”; “*Nos seus transes, os pentecostais têm reproduzido práticas da Umbanda e do candomblé*”; “*A intolerância de evangélicos contra todos os que não seguem a sua religião está chegando às raias do absurdo da intolerância*”; “*Pergunta a Gilberto Gil – a cultura afro-brasileira é reconhecida como deveria no país?*”.

As identidades sociais, apuradas nos textos dos noticiários jornalísticos, foram das autoridades neopentecostais demonizando as religiões de matriz africana e os seus adeptos, principalmente os umbandistas.

Segundo Fairclough (2001), as identidades constroem uma relação social no discurso. Nos textos selecionados, os neopentecostais usam seus poderes hegemônicos midiáticos para demonizar e atacar os adeptos das religiões de matriz africana. As religiões de matriz africana usam os poderes hegemônicos das leis para se defenderem de preconceitos e intolerâncias religiosas, causados pelos seus agressores.

Essa relação social identitária é construída pelo jornalista no processo de recontextualização. Ou seja, o jornalista corrobora em seu texto a visão da sociedade religiosa. Nessa recontextualização, a Umbanda e as religiões de matriz africana são demonizadas, para perderem seus espaços religiosos, bem como seus fiéis, pelo convencimento ou pelo medo.

Houve uma espécie de migração em massa de umbandistas para outros segmentos religiosos, como exemplo, para o Espiritismo, o Protestantismo e o Candomblé. Mas a grande maioria foi para as igrejas neopentecostais que hostilizavam e demonizavam a religião Umbanda. Na reflexão de Mariano (2007), o simples fato de demonizar uma religião de matriz africana não caracteriza totalmente uma intolerância religiosa, mas sim uma forma agressiva de disputar um mercado religioso. Demonizar e considerar outra tradição religiosa como errada é uma forma empreendida em diversas culturas para se atrair adeptos. Neste contexto, o neopentecostalismo vale-se da liberdade de expressão existente em nosso país e, dessa forma, não tem sua liberdade religiosa restringida pela justiça, em função “de

considerar demoníacas certas crenças e práticas de seus adversários religiosos" (MARIANO, 2007, p.126).

Para Oro (1997), a intolerância das neopentecostais, face às religiões de matriz africana, configura-se como uma prática de crime de racismo. Constituem, de certa forma, uma heterofobia, que significa, fobia do outro, do diferente de nós, o que na realidade caracteriza recusa do outro e produz belicosidade, violência e agressividade.

A Umbanda, atualmente, tornou-se vulnerável perdendo muito espaço para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que se apropria de seus principais símbolos e os transforma em outro. Isso com o intuito de desconstruir as bases estruturais da Umbanda, procedendo, dentre outras práticas, a de demonização de suas divindades; de condenação da evocação e da invocação de espíritos; e de condenação do uso de imagens, que a IURD considera como formas de idolatria, buscando nas palavras estabelecidas pela Bíblia respaldo para corroborar essa ideia (MARIANO, 2007).

A IURD, por possuir uma bancada legislativa significativa, vale-se dessa condição política privilegiada, que a coloca na posição de poder dominante, para atacar a Umbanda, sua adversária principal no campo religioso. A IURD pratica tais atitudes hostis, como podemos perceber, tanto nas sessões realizadas nos plenários quanto nos meios de comunicação, por meio da mídia televisiva, escrita e falada. Dessa forma, a IURD respaldada pelo seu poder de nomeação rotula a Umbanda como uma religião demoníaca (ORO, 2006).

O preconceito surgiu com a perseguição da Igreja Católica aos cultos afro-brasileiros, sendo posteriormente reforçado por praticantes do espiritismo e das religiões neopentecostais.

Hoje, a mesma violência persiste. O que muda, segundo Vagner Gonçalves²⁸, são os perpetuadores da intolerância. "As religiões de matriz africana foram perseguidas pela inquisição, pelo governo colonial, pelo Estado e, agora, por grupos neopentecostais, que também estão no poder na bancada evangélica", afirma.

²⁸ Vagner Gonçalves da Silva é professor no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo.

3.4 ACERVO 2: O jornal “O GLOBO”²⁹

Será utilizado como ferramenta de pesquisa deste trabalho o acervo digital do jornal “O GLOBO”.

Site: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>

Pesquisa realizada em todo acervo, desde 1925 até os dias de hoje.

3.4.1 Verbete: “Umbanda”

A pesquisa feita nesse acervo digital verificou que a palavra “Umbanda” apareceu pela primeira vez no dia 12 de dezembro de 1932, em uma segunda-feira, com enunciado no caderno “Última Hora” do jornal O GLOBO, com o nome “PARA A POLÍCIA É “MACUMBA” E, PARA OS ADEPTOS, É “TENDA ESPÍRITA” ... (conforme mostra o anexo IV). O repórter do jornal O GLOBO, em um dos trechos da reportagem escreve: “[...] *Como chefe dos adeptos foi encontrado o conhecido jornalista e elemento de destaque nos meios onde se pratica o denominado espiritismo científico [...]”*.

A tenda em questão era a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, e o conhecido jornalista dirigente da Tenda detido pela polícia era Antônio Eliezer Leal de Souza, o primeiro escritor de livro sobre o tema da Umbanda.

Leal de Souza foi o primeiro umbandista que enfrentou a crítica feroz, ostensiva pública, em defesa da Umbanda no Brasil. Ousou escrever pela primeira vez sobre Umbanda, num jornal de grande divulgação do Rio de Janeiro, o Diário de Notícias, em 8 de novembro de 1932, em plena repressão da Ditadura Vargas. A batida policial deu-se logo depois em represália a Leal de Souza, com grande destaque pelo O GLOBO, primeira página, meia página de reportagem e seu nome divulgado várias vezes dentro da notícia. Um verdadeiro massacre moral. Mas não o deteve, pois logo em seguida, 1933, Leal de Souza lança o livro “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, considerado o primeiro livro de Umbanda. Na mesma década, houve mais quatro notícias policiais envolvendo, de algum modo, a Umbanda.

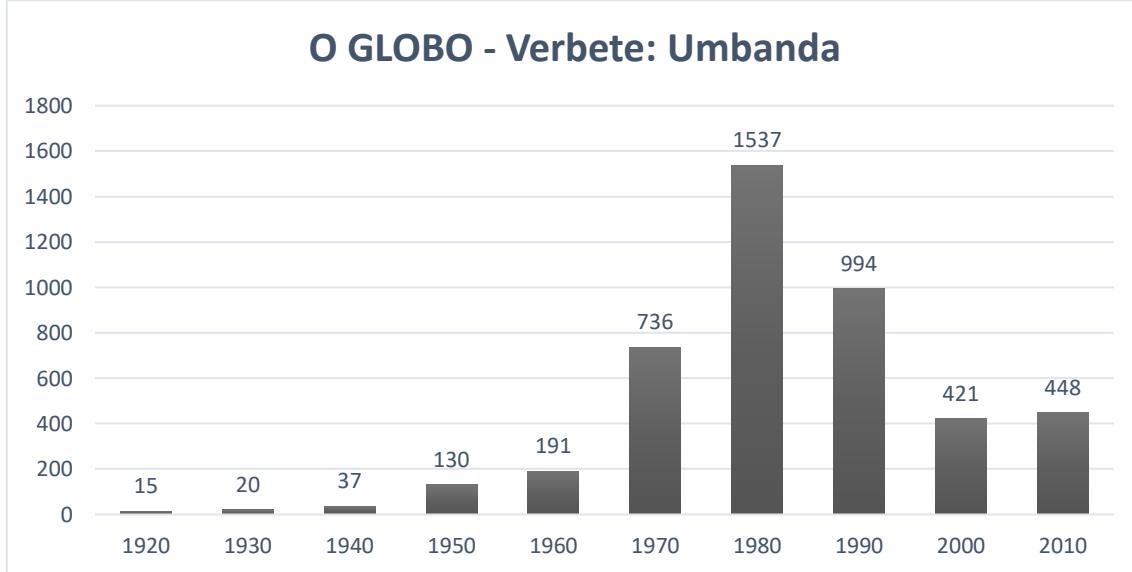
Na década de 1940, no dia 02 de abril de 1941, em uma quarta-feira, com enunciado na capa do jornal e com continuidade na página 4, com o nome “UM BAILE

²⁹ Acervo digital do jornal “O GLOBO”, disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>.

EM SEMI-CÍRCULO NA TENDA DAS ASSOMBRAÇÕES ...”, (conforme mostra o anexo V). O repórter do jornal O GLOBO descreve os mistérios da Linha Branca de Umbanda em plena Av. Rio Branco, frequentada pela alta sociedade da época. Mais duas referências, uma em 09 de junho de 1941, Matutina, Geral, página 4, sob o título “VÃO REUNIR-SE TODOS OS ESPÍRITAS DO BRASIL – Será Uniformizado o Ritual religioso”. Avisando sobre o 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda a se realizar em outubro do mesmo ano. O outro é do dia 20 de outubro de 1941, com foto e reportagem na capa, sobre os acontecimentos da reunião do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, que aconteceu no dia anterior, dia 19 de outubro de 1941, às 20h na Rua General Câmara 313 (anexo VI).

Foi verificado que o acervo digital do jornal “O GLOBO” reconheceu 4428 Matutinas e 101 Vespertinas, resultados de busca para “UMBANDA”, conforme o gráfico 6 abaixo:³⁰

Gráfico 3 – Resultado de Busca no “O GLOBO”: “UMBANDA” - 4.529³¹



Fonte: Acervo Estadão³²

Como é verificado pelo gráfico, há um crescente número de artigos e notícias em que aparece a palavra “UMBANDA”. Por esse motivo, foram escolhidos alguns

³⁰ As barras no gráfico exibem a quantidade de ocorrências do termo procurado em cada período.

³¹ Soma dos totais de páginas encontradas pela busca no acervo digital do jornal O GLOBO, nas edições Matutinas (4.428) e Vespertinas (101).

³² Disponível em:

<<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=&anyword=&noword=&exactword=Umbanda/>>.

recortes para serem trabalhados e, com isso, verificar o que aconteceu com a Umbanda nessa época.

Após os recortes, foram separados três períodos, compostos pelas décadas de 1960, 1980 e 2000, os mesmos períodos do outro jornal pesquisado, de forma que se faça uma comparação dos acontecimentos.

Critérios de Organização ou Filtragem foram usados por: organização por década escolhida; organização por ano/década e organização por caderno ou página. Serão abordados cinco artigos/notícias por década, mostrará o recorte do original da notícia e o parecer histórico dos acontecimentos de época.

Na década de 1950, a Umbanda era criminalizada, como é até hoje, mas com uma diferenciação do jornal “O ESTADO DE S. PAULO”, havia publicações de artigos e matérias sobre a Umbanda, muitas vezes, chamada no pejorativo de “Macumba”. Querendo ou não, os artigos e as matérias eram instrutivos, tanto para as pessoas leigas sobre o assunto quanto para os frequentadores dos cultos. Mesmo que, muitas vezes, essas matérias fossem com o objetivo de alertar, colocar medo, mostrar o lado negro, na realidade mostrar um lado negativo desses cultos da Umbanda, acabavam sendo positivos, pois estavam falando da Umbanda em um veículo de comunicação importante como “O GLOBO”, quase diariamente.

O anexo VII contém recortes de uma matéria lançada em 16 artigos diários, que foram publicados do dia 05 de novembro de 1956 ao dia 22 de novembro de 1956, no jornal “O GLOBO”, sob o título “UM REPÓRTER NO REINO DA MACUMBA” de Bernardino Carvalho. A matéria teve como base teórica, fora suas incursões em Terreiros de Umbanda, o livro lançado em 1954, do Frei Boaventura Kloppenburg, *Posições católicas perante a umbanda*. Essa matéria incentivou o Frei Boaventura em sua segunda edição, já em 1961, com o título *A umbanda no Brasil: questões para católicos*, ambos os livros citados anteriormente.

3.4.2 Década de 1960

A organização ou filtragem de notícias para a análise deve-se ao número crescente do emprego da palavra “umbanda” em relação a décadas anteriores. O recorte abrange cinco artigos-notícias da década de 1960, coletados do jornal “O

GLOBO". Os textos jornalísticos estão dispostos por data crescente, conforme a organização por caderno ou página, com as notícias de maior frequência. Os critérios de análise baseiam-se na Análise do Discurso Crítico e são constituídos por três aspectos: identidades sociais, a relação social identitária e conhecimento de mundo e crença.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 25 DE ABRIL DE 1960, MATUTINA, GERAL – página 3

"O PAI-DE-SANTO FOI QUEM MANDOU MATAR O TENENTE – São Paulo, 24 (Especial para O GLOBO) – Novo personagem surgiu no assassinato do tenente Miguel Morelli, morto a golpes de machado quando dormia em sua residência, como noticiamos. Trata-se de José Augusto (42 anos, casado), pai-de-santo de uma tenda de Umbanda existente ao lado da residência da vítima, que segundo as autoridades, é o verdadeiro autor intelectual do crime.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 28 DE MARÇO DE 1961, MATUTINA, GERAL – página 2

MANUAL DOS CHEFES DE TERREIRO E MÉDIUNS DA UMBANDA – É um livro vital, INDISPENSÁVEL. Não deve faltar em nenhum terreiro ou tenda. Todos filhos de fé, desenvolvidos ou não, simples principiante, um mero desenvolvedor dos fenômenos umbandistas deve adquirir essa obra valiosa de 349 páginas, pelo preço de Cr\$ 300,00. Em todas as livrarias ou pelo reembolso postal; Livraria Espiritualista na Rua Senador Feijó, 20, 3^a andar, sala 306. Caixa Postal 1.675 – São Paulo.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 19 DE OUTUBRO DE 1962, MATUTINA, GERAL – página 6

A UMBANDA NÃO DEU VEZ – O Sr. Atila Nunes, que há anos faz programa sobre Umbanda, através do rádio e que conseguira uma cadeira de Deputado Estadual em 1960, teve de contentar-se com a primeira suplência em sua legenda, com menos de 3500 votos. O Sr. Atila, já havia reivindicado, em 28 de agosto, a isenção de impostos, inclusive predial e territorial, para os Templos de Umbanda.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 24 DE MAIO DE 1965, VESPERTINA, GERAL – página 13

D. JAIME MOSTRA A POSIÇÃO DOS CATÓLICOS DIANTE DA MACUMBA – O Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, em sua palestra semanal “A Voz do Pastor”, através dos microfones da rádio Vera Cruz, pronunciou as seguintes palavras: “Do Sr. Vice-Presidente da “Umbanda no IV Centenário”, recebi a bondosa carta em que me diz “merecedor do nosso respeito e consideração, em face de haver declarado o objetivo prepúcio de nossa mostra: o folclore. Em ocasião alguma, desde a gestação da ideia até a concretização da mesma, pretendemos ferir credos religiosos” [...]”

O GLOBO: EDIÇÃO DE 05 DE JUNHO DE 1969, MATUTINA, GERAL – página 3

ESTE PADRE VIVE EM TERREIROS DE MACUMBA – Não há necessidade de enganar ninguém, frequento mais de duzentos terreiros de macumba na Guanabara e neles realiza-se um estudo sério, para explicar todos esses fenômenos que tanto atraem o povo carioca. Sou um padre católico e tenho consciência da minha missão no mundo. Frei Raimundo Cintra, é um dos maiores estudiosos de religiões não católicas no Brasil. Ele é amigo de muitos pais-de-santo e relata a seus alunos de História das Religiões da PUC todas as suas experiências nesse campo.

Na prática discursiva, o conhecimento de mundo e crença sustenta o posicionamento do autor. No caso das notícias selecionadas, esse conhecimento era permeado de perseguição e a criminalização das práticas espíritas, principalmente as de matriz africana, mais notadamente a Umbanda, sempre foi e sempre serão meios de perseguições e preconceitos religiosos. Mas, diferentemente do que acontecia na mesma década em São Paulo, registrado pelo jornal “O ESTADO DE S. PAULO”, como foi mostrado. No Rio de Janeiro, havia menos intitulações de crimes com a Umbanda, como mostra o artigo publicado em 25 de abril de 1960, e sim, um espaço maior no jornal “O GLOBO” referente à Umbanda, com artigos e matérias e espaço para anúncios, como mostra o artigo de 28 de março de 1961, o ganho de espaço político e outros de debates com outras vertentes religiosas, como a Católica.

Verifica-se nas notícias trechos que determinam o teor empregado nos acontecimentos: “*pai-de-santo de uma tenda de Umbanda existente ao lado da residência da vítima, que segundo as autoridades, é o verdadeiro autor intelectual do crime*”; “*Manual dos chefes de terreiro e médiuns da Umbanda – É um livro vital, indispensável*”; “*O Sr. Atila, já havia reivindicado, em 28 de agosto, a isenção de impostos, inclusive predial e territorial, para os Templos de Umbanda*”; “*Dom Jaime mostra a posição dos católicos diante da macumba*”; “*Este padre vive em terreiros de macumba*”.

As identidades sociais, apuradas nos textos dos noticiários jornalísticos, foram da autoridade policial com um suposto criminoso que tem relação com práticas espirituais, um radialista e ativista umbandista e padres católicos.

Segundo Fairclough (2001), as identidades constroem uma relação social no discurso. Nos textos selecionados, de autoritarismo hegemônico, de perseguição da autoridade policial ao criminoso que está relacionado à Umbanda, fazendo analogia à Umbanda como estando associada a práticas criminosas, como aconteceu na mesma época em São Paulo. Há também a relação do autoritarismo religioso hegemônico dos padres católicos com a Umbanda.

Essa relação social identitária é construída pelo jornalista no processo de recontextualização. Ou seja, o jornalista corrobora em seu texto a visão da sociedade repressora e religiosa. Nessa recontextualização, a Umbanda é colocada na cena do crime como se ela fosse o principal criminoso, o mesmo acontece na recontextualização quando se refere de forma jocosa colocando os padres católicos diante da Umbanda, chamando-a de “macumba”.

Como foi verificado nesses cinco artigos, tanto as autoridades das práticas sociais quanto das práticas discursivas da época eram responsáveis por sua apresentação, na criminologia e na formação e publicação das notícias, quando o assunto era envolver a Umbanda como algo errado, imoral, sendo coisa do demônio.

A década de 1960, no Rio de Janeiro, diferente de São Paulo, foi uma década de menos perseguição, se comparada às décadas anteriores e, por esse motivo, houve crescimento de adeptos.

Em 1968, pela primeira vez, na Imprensa, a Umbanda é colocada como força eleitoral, mencionando-se a grande votação obtida por Atila Nunes, no Rio de Janeiro, “*político que não precisou fazer propaganda para se eleger, pois tinha amigos certos na Umbanda*”. Atila Nunes vinha desde o final da década de 50 e começo dos anos

1960, no meio político, onde, por anos, conseguiu espaço e respeito na Câmara, adquirindo privilégios e leis a favor da Umbanda.

3.4.3 Década de 1980

A organização ou filtragem de notícias para a análise deve-se ao número crescente do emprego da palavra “umbanda” no recorte das décadas escolhidas para a pesquisa. O recorte abrange cinco artigos-notícias da década de 1980, coletado do jornal “O GLOBO”. Os textos jornalísticos estão dispostos por data crescente, conforme a organização por caderno ou página, com as notícias de maior frequência. Os critérios de análise baseiam-se na Análise do Discurso Crítico e são constituídos por três aspectos: identidades sociais, a relação social identitária e conhecimento de mundo e crença.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 02 DE JANEIRO DE 1980, MATUTINA, RIO – página 12

APESAR DA CHUVA, COMEMORAÇÃO FOI GRANDE NA PRAIA NA HOMENAGEM A IEMANJÁ, UM PRÉ-CARNAVAL – As chuvas antes e depois da passagem do ano fizeram diminuir um pouco, em relação ao ano passado, o número de curiosos nas praias, mas mesmo assim os 87 quilômetros de praias do Rio tiveram apinhadas de devotos de Iemanjá e milhares de outras pessoas foram assistir às homenagens a rainha do Mar ou simplesmente, para festejar a entrada do ano novo na orla marítima, bebendo ou cantando músicas de carnaval – já uma tradição entre os cariocas.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 09 DE ABRIL DE 1983, MATUTINA, RIO – página 12

CULTO A CLARA LEVA 2 MIL PESSOAS À PORTELA – A maioria vestida de branco, mais de 2 mil pessoas – entre católicos, umbandistas, kardecistas e espiritualistas – assistiram ontem à noite na quadra da Portela o culto ecumênico em homenagem à cantora Clara Nunes, morta há uma semana. Uns dos momentos mais bonitos e emocionantes da cerimônia foi quando, a pedido do celebrante de um dos cultos, integrantes de todas as religiões levantaram flores para o alto saudando a cantora.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 08 DE JANEIRO DE 1985, MATUTINA, O PAÍS – página 4

CARTA DE RESPOSTA AO GLOBO: UMBANDA – “O Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda e dos Cultos Afro-brasileiros por suas 45 entidades membros em todo o território nacional, representando nesta pluralista sociedade brasileira cerca de 45 milhões de participantes, vem protestar pelo uso indevido do nome de “Umbanda”, veiculado em suas edições de 19 e 20 de dezembro, a um crime ocorrido em Bananal, SP. Em suas páginas, na edição de 19/12/84 – sob a manchete “Bananal quer linchamento que matou menina em ritual” e na de 20/12/84: “Assassino da sobrinha culpa o demônio”, lê-se: “[...] a menina Fabiele Rogéria da Silva, de dois anos foi morta a pontapés pelo tio, José Luiz Silvério, de 26 anos, durante um ritual de Umbanda para exorcizá-la.” A Umbanda não tem prática de sangue, nem sacrifícios de animais, assim como respeita a integridade física e moral de seus participantes e de quantos a ela procurem em busca da divina misericórdia [...].”

O GLOBO: EDIÇÃO DE 02 DE JANEIRO DE 1988, MATUTINA, RIO – página 9

TINA ADERE À TRADIÇÃO E JOGA ROSAS BRANCA PARA IEMANJÁ – A cantora norte-americana Tina Tuner, budista, que veio passar o réveillon no Rio onde grava um especial para a Rede GLOBO de televisão, aderiu à tradição brasileira e colocou rosas brancas no mar durante o festejo de homenagem a Iemanjá. Tina entrou, com água até os joelhos, na praia junto à Colônia de Pescadores, no Posto 6, em frente ao Hotel Rio Palace, onde está hospedada e ofertou as flores logo ao romper do ano.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 08 DE JANEIRO DE 1989, MATUTINA, RIO – página 41

DE MULHER PARA MULHER, UMA AGENDA MUITO ESPECIAL – “Mulheres na lavoura, dançando ou em manifestações políticas é o tema da agenda “Mulher Negra 89”, produzido pela historiadora Wânia Sant’Anna, pela socióloga Rosana Heringer e pelas programadoras visuais Claudia Ceccon e Ilana Braia. O Objetivo é mostrar diversas situações através de fotos, textos, depoimentos e canções que contém a história da mulher brasileira. [...]. A pesquisa atingiu também a Umbanda e o Candomblé, através das representações dos orixás femininos, que são apresentados com uma ilustração acompanhada de explicação [...].”

Na prática discursiva, o conhecimento de mundo e crença sustenta o posicionamento do autor. No caso das notícias selecionadas, esse conhecimento era permeado pelo engajamento da Umbanda na política na década de 1980. Esse engajamento começou na década de 70, época rica em envolvimentos políticos com outros meios religiosos, não católicos.

Na década de 1970, como em São Paulo, a Umbanda no Rio de Janeiro se tornava cada vez mais forte no cenário da política, como em 14 de fevereiro de 1970 (Matutina, Geral, página 3), com um quarto da página de reportagem da Dona Rosinha Nunes, com foto, uma entrevista com a mãe de Santo sobre a sexta-feira 13, dividindo a página com o Presidente Médici, sobre o aterro da baía Guanabara e uma entrevista com Janis Joplin, que estava no Brasil (anexo VIII). Assim mostrava-se a importância que a Umbanda tinha na época.

Páginas inteiras sobre as festas de lemanjá, todos os anos, se sobreponham ao fato de ser Réveillon, mostrando a quantidade de adeptos de todas as religiões, estavam ali jogando flores a lemanjá, Rainha do Mar, pulando sete ondas e fazendo seus pedidos. Em 1975, o lançamento do filme de Nelson Pereira dos Santos, “O Amuleto de Ogum”, com público expressivo nas bilheterias; as festas de carnaval com enredos Afros; festas de Umbanda promovidas pela Rio Tour, no final dos anos de 1970.

Chega a década de 1980 e a Umbanda continua se favorecendo da situação política do país. No Rio de Janeiro há um forte crescimento popular dos seus eventos culturais festivos, como os artigos da época mostram. A seguir, verifica-se nas notícias trechos que determinam o teor empregado nos acontecimentos: “*Apesar da chuva, comemoração foi grande na praia na homenagem a lemanjá, um pré-carnaval*”; “*A maioria vestida de branco, mais de 2 mil pessoas – entre católicos, umbandistas, kardecistas e espiritualistas – assistiram ontem à noite na quadra da Portela o culto ecumênico em homenagem à cantora Clara Nunes*”; “*Carta de resposta ao GLOBO – “A Umbanda não tem prática de sangue, nem sacrifícios de animais, assim como respeita a integridade física e moral de seus participantes e de quantos a ela procurem em busca da divina misericórdia”*”; “*Tina adere a tradição e joga rosas branca para lemanjá*”; “*A pesquisa atingiu também a Umbanda e o Candomblé, através das representações dos orixás femininos*”.

As identidades sociais, apuradas nos textos dos noticiários jornalísticos, foram permeadas pelos eventos culturais das religiões de matriz africana, como a festa de Iemanjá, com adeptos de todos credos e etnia.

Segundo Fairclough (2001), as identidades constroem uma relação social no discurso. Nos textos selecionados, as religiões de matriz africana, mais precisamente a Umbanda, exercem seus poderes hegemônicos adquiridos pelos favorecimentos políticos e a grande popularização dos ritos culturais, para a aceitação da religião em vários aspectos.

Essa relação social identitária é construída pelo jornalista no processo de recontextualização. Ou seja, o jornalista corrobora em seu texto a visão da sociedade cultural. Nessa recontextualização, a Umbanda é colocada como ícone cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Nos anos 1980, a importância das tradições festivas dos cultos Afro-brasileiros continua forte no Rio de Janeiro.

A morte prematura de Clara Nunes marcou a década de 80. Clara Nunes era a cantora de maior expressão dos cantos afro-brasileiros, principalmente da Umbanda, da qual era adepta. Por quase duas décadas, levou para dentro dos lares brasileiros os cantos dos Orixás. Umbandistas ou não, todos cantavam suas músicas, que contavam as histórias de um povo e suas crenças.

A Carta Resposta, de 08 de janeiro de 1985, ao jornal “O GLOBO”, por reportagens tendenciosas e mal-intencionadas sobre a Umbanda, referente a um crime acontecido, também foi um marco.

A grande maioria dos anúncios na metade dos anos 80 até o seu final foi de propaganda de lojas de artigos religiosos para Umbanda e Candomblé, como é mostrado no anexo VIX. E também começou a fazer parte de movimentos, de 1989, a “MULHER NEGRA 89”.

Nos anos 90, as grandes matérias e artigos no jornal “O GLOBO” começam a não ter mais a mesma frequência. Continuam as reportagens tradicionais, a saber: A Festa de Iemanjá, Dia de São Jorge, padroeiro do Rio de Janeiro e Festa de Cosme e Damião. Como também, reportagens comerciais, como no caderno de Economia em 07 de outubro de 1990, Matutina, página 62, com o título “DO MOTEL À MACUMBA, O CARTÃO PAGA TUDO”, como mostra o anexo VX.

Como em São Paulo, no final dos anos 80 e início dos anos 90, no Rio de Janeiro, a Umbanda inicia um futuro sombrio, estabelece-se uma batalha que dura até os dias de hoje - as ameaças da intolerância religiosa - liderada pelas religiões Pentecostais ou Neopentecostais, da Igreja Universal do Reino de Deus. No artigo (anexo XI), do dia 10 de outubro de 1990, Matutina, Rio, página 62, com o título “FUNDADOR DA UNIVERSAL INDICIADO POR CHARLATANISMO”, pelo Procurador Geral da Justiça do Estado, denúncia feita pelo Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros, que entregou um dossiê de quase 500 páginas contra a Universal.

Basicamente, a guerra das igrejas neopentecostais contra os cultos afro-brasileiros se instaurou em definitivo.

3.4.4 Década de 2000

A organização ou filtragem de notícias para a análise deve-se ao número crescente do emprego da palavra “umbanda” no recorte das décadas escolhidas para a pesquisa. O recorte abrange cinco artigos-notícias da década de 2000, coletado do jornal “O GLOBO”. Os textos jornalísticos estão dispostos por data crescente, conforme a organização por caderno ou página, com as notícias de maior frequência. Os critérios de análise baseiam-se na Análise do Discurso Crítico e são constituídos por três aspectos: identidades sociais, a relação social identitária e conhecimento de mundo e crença.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 13 DE FEVEREIRO DE 2000, MATUTINA, RIO – página 27

MACUMBA, ESCOLA DE SAMBA E FAVALAS PARA TURISTAS ESTRANGEIROS VEREM – Cresce o número de passeios que exploram o lado exótico da cidade – Centro de Umbanda em Pilares é uma das atrações – O chamado Tour da Macumba da Exotic Tours faz os gringos baixarem num centro de Umbanda em Pilares. A maioria só quer ver os rituais, sem conversar com as entidades. A não ser os latinos, que não dispensam a consulta. Já nas excursões as escolas como a Salgueiro e Portela, todo mundo quer cair no samba.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 01 DE JANEIRO DE 2005, MATUTINA, O PAÍS – página 10

UMBANDA E CANDOMBLÉ ESTÃO ENCOLHENDO NO PAÍS – IBGE registra perda de quase 20% dos adeptos entre 1991 e 2000; ação das igrejas neopentecostais é decisiva – Na avenida, as escolas de sambas abandonam, aos poucos, as referências aos Orixás. Na política, os representantes tradicionais não são mais eleitos. No comércio, as lojas especializadas estão fechando. Porém, são estatísticas que revelam o dado mais enfático: as religiões afro-brasileiras estão encolhendo no país. Entre 1991 e 2000, o IBGE registrou uma perda de quase 20% de adeptos no Brasil. Deixados em paz pela perseguição policial e pela intolerância católica que marcaram a trajetória inicial, há mais de um século, a Umbanda e o Candomblé enfrentam agora outro tipo de adversário. Alvo de uma guerra sem tréguas desencadeadas por igrejas pentecostais, as religiões afro-brasileiras também sofrem com o processo de urbanização, que empurra os terreiros para a periferia das cidades, com a concorrência do mercado de serviços mágicos exercidas por magos, tarólogos e outros especialistas em esoterismo, além da própria dificuldade de se adaptar às técnicas de comunicação em massa.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 01 DE JANEIRO DE 2005, MATUTINA, O PAÍS – página 11

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: “Hoje há omissão do Estado” – ORGANIZAÇÕES RECORREM À JUSTIÇA CONTRA ATAQUES NEOPENTECOSTAIS: Procuradoria dos Direitos do Cidadão acusa emissoras de TV de racismo – Lentamente as religiões afro-brasileiras vêm buscando meios de defesa mais concretos. O advogado Hélio Silva Júnior, presidente da Comissão dos Direitos Humanos da OAB-SP, está representando organizações de Candomblé e Umbanda em ações na Justiça em São Paulo, Porto Alegre, Minas Gerais e Paraná, para defendê-las de igrejas neopentecostais. [...] O advogado se queixa de omissão do governo. Segundo ele, a forma atual da discriminação pouco difere daquela enfrentada no passado pelas religiões afro.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 21 DE NOVEMBRO 2008, MATUTINA, O PAÍS – página 9

LULA ANUNCIA PLANO NACIONAL CONTRA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA – Presidente se reúne com líderes de tradição Afro no Rio – O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou ontem um Plano Nacional de Combate à Intolerância Religiosa e se comprometeu a enviar ao Congresso projeto de lei tornando mais rigorosas as punições à perseguição religiosa. Em ato, no Rio, o Presidente reuniu-se ontem no Rio com líderes religiosos – presbiterianos, católicos, umbandistas e judeus. Lula recebeu um documento que, entre outros pontos, pede punição a veículos de comunicação que pregam a intolerância religiosa. O Senador Marcelo Crivella (PRB-RJ), bispo licenciado da Igreja Universal, apareceu de surpresa e assistiu à reunião.

O GLOBO: EDIÇÃO DE 26 DE JUNHO DE 2009, MATUTINA, O PAÍS – página 10

COMISSÃO DENUNCIA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA À ONU – Documento cita casos de vítimas de preconceito e diz que a Igreja Universal persegue praticantes de religiões Afro – A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa vai entregar hoje ao presidente do Conselho de Direitos Humanos da PNU, embaixador Martin I. Uhomoibai, em Brasília, relatório em que denuncia uma “ditadura religiosa” no país, listando casos de vítimas de preconceito religioso. O documento afirma que a Igreja Universal do Reino de Deus, com seu “discurso xenofóbico, racista e de exploração da população carente”, põe em risco a liberdade de fé e prática religiosa no país. Segundo o relatório, a Universal serviu de modelo para outras igrejas neopentecostais, como a Renascer em Cristo, também citada no documento, perseguem os praticantes de religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda.

Na prática discursiva, o conhecimento de mundo e crença sustenta o posicionamento do autor. No caso das notícias selecionadas, esse conhecimento era permeado pela disputa do espaço religioso, demonizando e atacando os adeptos da Umbanda e de outras religiões de matriz africana, acentuado na década de 2000.

A década de 90 termina com pouquíssimos artigos e matérias sobre Umbanda no jornal “O GLOBO”. Na sua maioria, são propagandas comerciais sobre artigos religiosos e outros. Houve uma perda significativa no espaço político e, no mesmo

espaço de tempo, houve o crescimento dos movimentos evangélicos na política. Não esquecendo que nesse período começam a crescer, na virada dos anos 2000, novas seitas alternativas, em que adeptos ao espiritismo de Kardec e cultos Afro-brasileiros começam a se interessar pelo Xamanismo, Esoterismo e outros cultos de magias e espiritualidades. Cultos há muito tempo esquecidos ou adormecidos pela sociedade, que começaram a ter novas adaptações e ressignificações atualizadas aos novos tempos.

A década de 90 termina para a Umbanda no Rio de Janeiro, como no mesmo período em São Paulo, relatado nesse trabalho, com pouquíssimo espaço político, crescimento dos movimentos evangélicos na política, novas seitas alternativas e o interesse de muitos adeptos por outros cultos magísticos e, até mesmo, tornando-se, em sua maioria, evangélicos.

A Umbanda na década de 2000 começa a sofrer mudanças, ou melhor, precisava buscar alternativas de sobrevivência a esse esvaziamento que estava acontecendo desde os anos 90.

A Umbanda entra em conflito religioso e desfavorecimento político, como os artigos da época mostram. A seguir, verifica-se nas notícias trechos que determinam o teor empregado nos acontecimentos: “*O chamado Tour da Macumba da Exotic Tours faz os gringos baixarem num centro de Umbanda em Pilares*”; “*Umbanda e Candomblé estão encolhendo no país – IBGE registra perda de quase 20% dos adeptos entre 1991 e 2000; ação das igrejas neopentecostais é decisiva*”; “*Religiões Afro-brasileiras: “Hoje há omissão do Estado” – Organizações recorrem à justiça contra ataques neopentecostais*”; “*Lula anuncia Plano Nacional Contra a Intolerância Religiosa – Presidente se reúne com líderes de tradição Afro no Rio*”; “*Comissão denuncia intolerância religiosa à ONU – Documento cita casos de vítimas de preconceito e diz que a Igreja Universal persegue praticantes de religiões Afro*”.

As identidades sociais, apuradas nos textos dos noticiários jornalísticos, foram das autoridades neopentecostais demonizando as religiões de matriz africana e seus adeptos, principalmente os umbandistas.

Segundo Fairclough (2001), as identidades constroem uma relação social no discurso. Nos textos selecionados, os neopentecostais usam seus poderes hegemônicos midiáticos para demonizar e atacar os adeptos das religiões de matriz africana. As religiões de matriz africana usam os poderes hegemônicos das leis para

se defenderem de preconceitos e intolerâncias religiosas, causados pelos seus agressores.

Essa relação social identitária é construída pelo jornalista no processo de recontextualização. Ou seja, o jornalista corrobora em seu texto a visão da sociedade religiosa e política. Nessa recontextualização, a Umbanda e as religiões de matriz africana são demonizadas, para perderem seus espaços religiosos e seus fiéis, pelo convencimento ou pelo medo.

O Rei do Pop, no dia 11 de fevereiro de 1996, Michael Jackson³³, subiu o Morro Dona Marta para gravar parte de seu videoclipe *They don't care about us* (Eles não ligam pra gente). Com uma letra sobre miséria, pobreza e sobretudo um apelo para que “eles” façam alguma coisa pelos menos favorecidos, o ídolo do pop fazia uma performance tendo ao fundo paisagens como o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar.

Esse acontecimento despertou nas pessoas o desejo de conhecer onde o astro cantou. Foi onde praticamente começou o turismo nos morros do Rio de Janeiro.

Nesse momento, a Umbanda (chamada na reportagem de Macumba), as Escolas de Samba e as Favelas (chamada hoje de Comunidades), viram uma grande oportunidade de fortalecer as suas culturas, transformando-as em turismo para os estrangeiros, como mostra a reportagem do dia 13 de fevereiro de 2000.

Mas algo de não tão bom estava acontecendo. Umas das primeiras reportagens sobre a intolerância evangélica, contra a umbanda e os cultos afros, descreve o que aconteceu em Belo Horizonte, como mostra a reportagem:

O GLOBO: EDIÇÃO DE 19 DE JULHO DE 2003, MATUTINA, O PAÍS – página 12

EVANGÉLICO CONFESSA TER INCENDIADO IGREJAS – BELO HORIZONTE – “A polícia prendeu ontem Silvio Alves de Oliveira, o Silvinho, de 27 anos, que confessou ter incendiado duas igrejas de Sabará, cidade histórica da região metropolitana de Belo Horizonte. Depois de semanas de investigações, Silvinho foi detido num templo da Igreja Universal. [...]. Em seu depoimento, Silvinho disse que não tolera idolatria, que é a adoração de imagens, e que sua próxima investida seria contra os terreiros de Umbanda. [...]”

³³ Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/michael-jackson-sobe-morro-grava-clipe-leva-dona-marta-para-mundo-18647055#ixzz5DLqIKIDb>>.

Começou a se desenhar como viriam os próximos anos, até os dias de hoje, para os cultos Afros (principalmente, Umbanda e Candomblé).

Em janeiro de 2005, como mostra a reportagem anterior e o anexo XII, o IBGE divulga o Censo de 2000, e o que vimos é o encolhimento da Umbanda e do Candomblé, com 20% a menos de adeptos em 10 anos. Números que mostravam que não eram só impressão, o esvaziamento dos terreiros era fato. Muitos adeptos com medo da violência pregada pela intolerância religiosa contra seus cultos mudaram de crença e até se tornaram evangélicos.

No mesmo ano de 2005 (O GLOBO: 01 de janeiro de 2005, Matutina, O País, página 11), as religiões afro-brasileiras recorrem à justiça contra-ataques neopentecostais e acusando o Estado de omissão pelo o que estava acontecendo, sem se quer tomar alguma atitude contra as violências praticadas contra os Templos e seus adeptos (anexo XIII).

Indo na contramão dos acontecimentos de intolerância, em 2007, acontece no Rio de janeiro um evento de grande repercussão internacional, voltado à moda, o *Fashion Rio*. Sendo reverenciado, pela primeira vez, em uma coleção de roupas Oxalá. Os Orixás da Umbanda e Candomblé invadiram as passarelas da moda com muito sucesso e foram aplaudidos de pé pelo público presente, como mostram as reportagens feitas pelo O GLOBO, no anexo XIV.

Em 2008, no chamado ano do centenário da Umbanda, a frequência dos ataques a templos afros e a seus adeptos aumentou significativamente. No anexo XV estão as reportagens que denotam esses acontecimentos. A primeira do dia 08 de junho, com o título “*SALVE A UMBANDA NO SEU CENTENÁRIO*”, traz em página inteira várias reportagens sobre a violência e a Intolerância religiosa. A segunda reportagem, do dia 17 de agosto, sob o título “*DOS TERREIROS PARA OS CURRAIS “DOS SANTOS”*”, mostra a tentativa em Recife de Pais e Mães de Santo lançarem candidatos próprios nas eleições do mesmo ano, para defenderem a Umbanda e o Candomblé. Uma forma de tentar recuperar o espaço perdido na política. E a terceira reportagem aconteceu em 22 de setembro, “*ATO POR LIBERDADE RELIGIOSA REÚNE 10 MIL PESSOAS*”, em que representantes de diversas crenças participaram da caminhada contra a discriminação na Praia de Copacabana.

A voz se ouviu falar. No dia 21 de novembro, no anexo XVI, sob a reportagem “*LULA ANUNCIA PLANO NACIONAL CONTRA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA – Presidente se reúne com líderes de tradição Afro no Rio*”, o Presidente da República

anunciou um Plano Nacional de Combate à Intolerância Religiosa e se comprometeu a enviar ao Congresso projeto de lei tornando mais rigorosas as punições à perseguição religiosa. O Presidente sente muitas condolências pelas religiões afro-brasileiras e promete empenho.

O ano de 2008 fecha bem conturbado para as religiões afro-brasileiras.

O ano de 2009 não foi diferente, como mostra o anexo XVII. Em 13 de abril, a reportagem com o título “*MÃE DE SANTO É VÍTIMA DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA* – Caso de psicóloga que foi ameaçada por fazer cultos em sua casa será encaminhado hoje ao Ministério Público”. Os ataques são tão constantes que em 26 de junho o caso foi levado à ONU (Organização das Nações Unidas), como mostra o artigo “*COMISSÃO DENUNCIA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA À ONU*”, com o intuito de chamar a atenção do mundo para o que estava acontecendo no Brasil, a respeito da intolerância religiosa. E conforme mostra no mesmo anexo, mais duas reportagens sobre o mesmo assunto mostram que no Rio de Janeiro, diferente do que acontecia em São Paulo, houve movimentos contra as intolerâncias, como a reportagem do dia 23 de julho, “*UMBANDA AGORA É PATRIMÔNIO*” – em que religiosos diziam que a lei ajudaria a combater a intolerância religiosa. Era mais uma tentativa de coibir a violência. Como também passeata e caminhadas, mobilizações para mudar a consciência das pessoas, como mostra a reportagem do título “*CAMINHADA EM DEFESA DA LIBERDADE RELIGIOSA LEVA MULTIDÃO A COPACABANA*”.

Após os resultados do Censo, o Governo Federal criou um Programa de Apoio a templos no Rio de Janeiro.

Durante a década de 2000, nas festas de virada do ano, as reportagens sobre Iemanjá, como acontecia até o final da década de 1980 e começo de 1990, passam a não ter mais importância como matéria para o jornal O GLOBO, ficando em segundo plano. O que passa a vigorar, até os dias de hoje, são os “Fogos de Copacabana”, que atraem milhões de turistas do Brasil e do mundo inteiro, com transmissão televisiva pelo mundo.

Como aponta o Censo de 2010, o Rio de Janeiro não é mais a “Terra da Umbanda”, que perdeu sua colocação para o Rio Grande do Sul, esta ocupa hoje o posto de primeiro lugar. Já São Paulo lidera em segundo lugar nas pesquisas. Novos tempos, tempos de mudanças.

CAPITULO 4

UMBANDA: UM COMPARATIVO DOS JORNAIS

4.1 Dados quantitativos da pesquisa

A pesquisa quantitativa³⁴ apresenta resultados que podem ser quantificados (dados numéricos, por exemplo), o que seria relevante para estudos com um número elevado de amostras.

Na pesquisa quantitativa, o objetivo é medir informações sobre um assunto que já é conhecido. Desta forma, os dados coletados apresentam uma natureza mais estatística, sendo os resultados expostos em forma de gráficos, tabelas, etc.

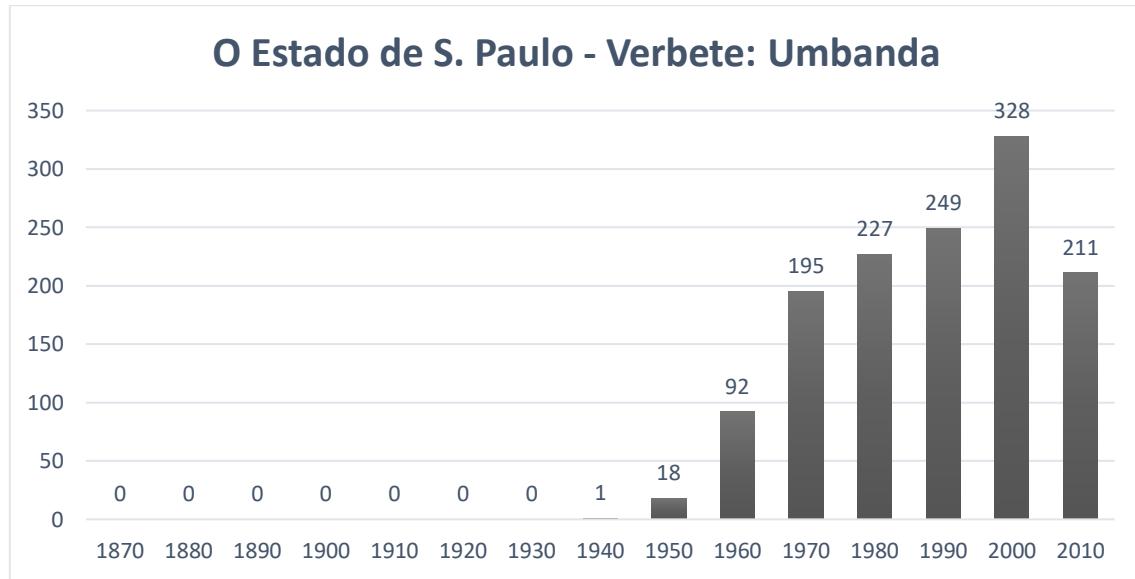
Estes dados quantitativos dizem pouco intrinsecamente, mas servem para uma amostragem sobre a relevância que o tema teve entre os diferentes veículos.

Utilizando o verbete “Umbanda”, como base de pesquisa nos acervos dos jornais escolhidos, os resultados foram de 1321 artigos no jornal “O ESTADO DE S. PAULO” (OESP), e de 4529 artigos no jornal “O GLOBO”, como mostram os gráficos a seguir. Por essas quantidades de artigos nos dois jornais, foram elaborados vários recortes e filtros, já mostrados durante o trabalho.

³⁴ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-quantitativa/>>.

4.1.2 O jornal “O ESTADO DE S. PAULO”

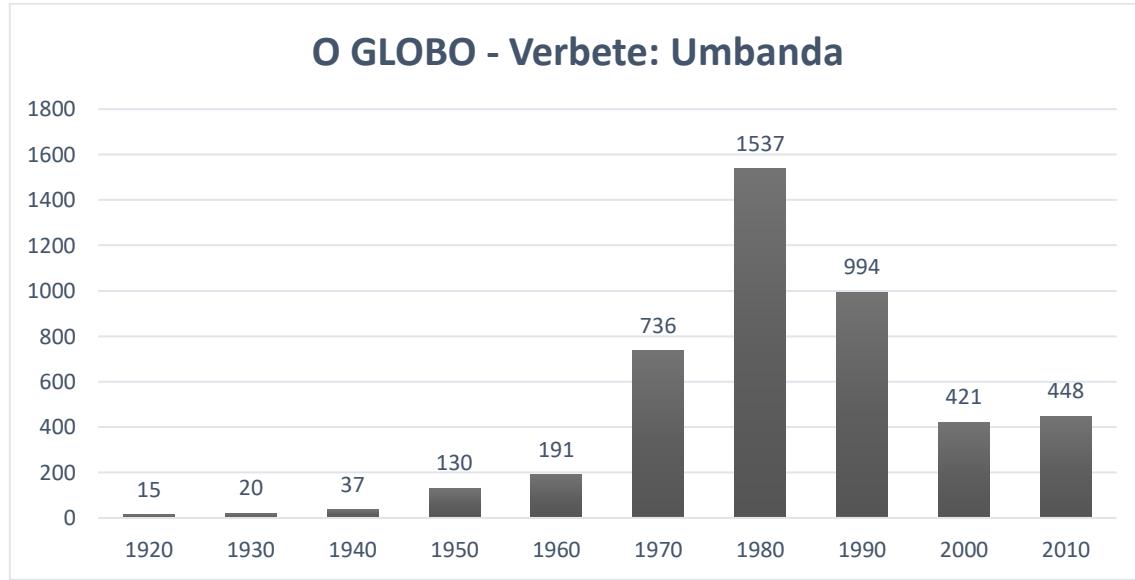
Gráfico 4 – Resultado de Busca no “OESP”: “UMBANDA” - 1321



Fonte: Acervo Estadão

4.1.3 O jornal “O GLOBO”

Gráfico 5 – Resultado de Busca no “O GLOBO”: “UMBANDA” - 4.529



Fonte: Acervo O Globo³⁵

³⁵ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=&anyword=&noword=&exactword=Umbanda/>.

4.2 Comparativo dos Jornais

A escolha das décadas a serem pesquisadas foi quantificada em porcentagem sobre o resultado total de cada jornal, para melhor análise comparativa dos jornais em cada década escolhida.

1960 – Os jornais registraram um grande crescimento de matérias sobre Umbanda, referente às décadas anteriores. **OESP = 6,96% e GLOBO = 4,22%**

1980 – No O GLOBO é a década com o maior número de matérias, e no O ESTADO DE S. PAULO o número também foi alto. **OESP = 17,18% e GLOBO = 33,94%**

2000 – No O ESTADO DE S. PAULO é a década com maior número de matérias, e no O GLOBO foi totalmente o inverso. **OESP = 24,83 e GLOBO = 9,30%**

Tabela 3 – Resultado em % para Busca: “Umbanda”

"O ESTADO DE S. PAULO"			"O GLOBO"		
ARTIGOS		1321	ARTIGOS		4529
1940	1	0,08 %	1920	15	0,33 %
1950	18	1,36 %	1930	20	0,44 %
1960	92	6,96 %	1940	37	0,82 %
1970	195	14,76 %	1950	130	2,87 %
1980	227	17,18 %	1960	191	4,22 %
1990	249	18,85 %	1970	736	16,25 %
2000	328	24,83 %	1980	1537	33,94 %
2010	211	15,97 %	1990	994	21,95 %

Fonte: Acervo “O Estado de S. Paulo”

“Fonte: Acervo O Globo”

Os gráficos e a tabela acima mostram os dados da pesquisa, a partir da primeira vez que o verbete “Umbanda” aparece nos jornais, segundo consta em seus acervos digitais.

4.3 Dados qualitativos da pesquisa

A pesquisa qualitativa³⁶ salienta sobretudo os aspectos dinâmicos e subjetivos, analisando informações mais complexas, como o comportamento, os sentimentos, as expressões e demais aspectos que possam ser observados no objeto de estudo.

O objetivo desta pesquisa é fazer um comparativo analítico entre as variações e modulações no tempo dos registros nos jornais escolhidos. Para isso, será usada a Análise Crítica do Discurso (ACD).

A ACD pode definir-se como uma disciplina que se ocupa fundamentalmente de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, da forma como esses se manifestam através da linguagem (WODAK, 2003). Nessa perspectiva, a linguagem é o meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente.

Em sua visão social, Fairclough (2001) vê o discurso como prática política e ideológica. Como prática política, o discurso estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas em que existe relação de poder. Como prática ideológica, o discurso constituí, naturaliza, mantém e também transforma os significados do mundo de diversas posições nas relações de poder. Nas palavras de Fairclough (2001, p. 95), “diferentes tipos de discurso em diferentes domínios ou ambientes institucionais podem vir a ser ‘investidos’ política e ideologicamente de formas particulares”.

Os critérios de análise baseiam-se na Análise do Discurso Crítico e são constituídos por três aspectos: identidades sociais, a relação social identitária e conhecimento de mundo e crença.

³⁶ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>>.

4.4 Década de 1960

4.4.1 “O ESTADO DE S. PAULO”

TEXTOS	FRASES	COMENTÁRIOS
12 de agosto de 1960 “Os macumbeiros foram surpreendidos quando caminhavam sobre cacos de vidro, com os pés descalços. Os cacos de vidro foram apreendidos, bem como um vidro de “óleo de santo” e uma estatueta do “Exu Fecha-Rua”, que impede a visita de pessoas importunas”.	“Os macumbeiros”	O jornalista troca a palavra “os umbandistas”, pelo pejorativo “os macumbeiros”, mostrando sua posição política e ideológica, que vem prejudicar a ‘face’ positiva da instituição
20 de abril de 1961 “CASO DE BAIXO ESPIRITISMO – O sr. Ítalo Galli, juiz da 17ª Vara Criminal, condenou ontem Rosalina Corrêa de Oliveira a 1 ano e 6 meses de reclusão, além da multa de 2 mil cruzeiros, por prática de baixo espiritismo”	“CASO DE BAIXO ESPIRITISMO”	O jornalista corrobora com classificação negativa que está vinculada à concepção de práticas espíritas tidas como criminosas, tais como, o exercício ilegal da medicina, o curandeirismo, o sacrifício de animais nos rituais e a cobrança monetária dos trabalhos realizados
27 de abril de 1966 “GUIA SEDUZIU MENORES – Agentes da delegacia de Vigilância e Capturas, prenderam ontem, em Santos, o anormal Ursino da Silva, de 45 anos, casado, residente na av. Capitão Lessa, 208, naquela cidade. Dizendo-se “guia	“GUIA SEDUZIU MENORES” “anormal”	O jornalista cria no título o efeito de sentido que faz alusão de que os “guias” da Umbanda seduzem pessoas, não o homem infrator. O mesmo acontece quando ele descreve o umbandista como um ‘anormal’, sem deixar claro se o fato de ser umbandista é sinônimo de anormalidade, ou por

<i>espiritual”, numa Tenda de Umbanda”</i>		ter cometido o crime recebeu o rótulo de anormal.
16 de dezembro de 1966 <i>“Apurou-se que Leontina era “médium” da Tenda de Umbanda “Pai Benedito” que o homicida frequentava há alguns meses. Os motivos do crime não foram apurados pela Zona Norte”.</i>	“médium da Tenda de Umbanda”	O jornalista corrobora com a classificação negativa que está vinculada ao ser médium da Tenda de Umbanda, dando sentido que o crime aconteceu, por ser uma médium e o criminoso, frequentadores da Umbanda.
10 de julho de 1968 <i>“Três dos “Crioulos Doidos”, que tem cometidos assaltos na Zona Sul da cidade, foram presos ontem pelos policiais do DEIC [...] A prisão dos “crioulos” deu muito trabalho aos policiais, primeiro pegaram Eduardo, num Terreiro de Umbanda, na Vila Constança, Santo Amaro, onde também se encontrava José Rocha que reagiu a tiros.”</i>	“Crioulos Doidos” <i>“A prisão dos “crioulos” deu muito trabalho aos policiais, primeiro pegaram Eduardo, num Terreiro de Umbanda, na Vila Constança, Santo Amaro, onde também se encontrava José Rocha que reagiu a tiros.”</i>	O jornalista usa termos preconceituosos, quando se refere aos criminosos. O jornalista corrobora com classificação negativa que está vinculada ao Terreiro de Umbanda, dando sentido e fazendo alusão de que se trata de um lugar que acoberta criminosos.

4.4.2 “O GLOBO”

TEXTOS	FRASES	COMENTÁRIOS
25 de abril de 1960 <i>“O PAI-DE-SANTO FOI QUEM MANDOU MATAR O TENENTE – Trata-se de José Augusto (42 anos,</i>	“O PAI-DE-SANTO FOI QUEM MANDOU MATAR O TENENTE”	O jornalista cria no título o efeito de sentido que faz alusão de que os “PAI DE SANTO” da Umbanda são criminosos e corrobora

<p><i>casado), pai-de-santo de uma tenda de Umbanda existente ao lado da residência da vítima, que segundo as autoridades, é o verdadeiro autor intelectual do crime”</i></p>		<p>em manter a religião no submundo</p>
<p>28 de março de 1961</p> <p><i>“MANUAL DOS CHEFES DE TERREIRO E MÉDIUNS DA UMBANDA – É um livro vital, INDISPENSÁVEL. Não deve faltar em nenhum terreiro ou tenda”</i></p>	<p><i>“É um livro vital, INDISPENSÁVEL”</i></p>	<p>O jornal o “O GLOBO”, dá abertura para a publicação de artigos e anúncios comerciais para a Umbanda.</p>
<p>19 de outubro 1962</p> <p><i>“A UMBANDA NÃO DEU VEZ – O Sr. Atila Nunes, que há anos faz programa sobre Umbanda, através do rádio e que conseguiu, uma cadeira de Deputado Estadual em 1960 – O Sr. Atila já havia reivindicado, em 28 de agosto, a isenção de impostos, inclusive predial e territorial, para os Templos de Umbanda”</i></p>	<p><i>“O Sr. Atila já havia reivindicado, em 28 de agosto, a isenção de impostos, inclusive predial e territorial, para os Templos de Umbanda”</i></p>	<p>Nessa década, a Umbanda começa a ter representatividade na política, o que começou a lhe favorecer positivamente nos artigos publicados, com menos exposição negativa e ataques a religião e seus adeptos</p>
<p>24 de maio de 1965</p> <p><i>“D. JAIME MOSTRA A POSIÇÃO DOS CATÓLICOS DIANTE DA MACUMBA – O Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, em sua palestra</i></p>	<p>“Macumba”</p>	<p>O jornalista troca a palavra “Umbanda”, pelo pejorativo “Macumba”, mostrando sua posição política e ideológica, que vem prejudicar a ‘face’ positiva da instituição.</p>

<i>semanal “A Voz do Pastor”</i>		
05 de junho de 1969 <i>“ESTE PADRE VIVE EM TERREIROS DE MACUMBA – Não há necessidade de enganar ninguém, frequento mais de duzentos terreiros de macumba na Guanabara e neles realiza-se um estudo sério, para explicar todos esses fenômenos que tanto atraem o povo carioca”</i>	“Macumba”	A palavra “Umbanda” novamente é trocada pelo pejorativo “Macumba”, agora exposta pelo padre e pelo jornalista da matéria, mostrando suas posições políticas e ideológicas, que vem prejudicar a ‘face’ positiva da instituição. Mesmo a Umbanda sendo assunto de estudo.

4.5 A criminalização da Umbanda

Como foi verificado nesses artigos, tanto as autoridades das práticas sociais quanto das práticas discursivas da época eram responsáveis pela sua apresentação, na criminologia e na formação e publicação das notícias, quando o assunto era envolver a Umbanda como algo errado, imoral, sujo, que desviava as virtudes humanas, que realmente era coisa do demônio.

Analizando com detalhes esses artigos, nota-se que em quase sua totalidade tornasse desnecessária a vinculação do nome da Umbanda nos acontecimentos, muitas vezes até de forma jocosa, sem nexo, mas atingindo o objetivo proposto por autoridades sociais conservadoras e líderes religiosos como da Igreja Católica.

Pode-se apontar a retextualização e a recontextualização como estratégias que deixam transparecer a manipulação da linguagem pelo jornalista e consequentemente seu poder social.

A década de 1960, no Rio de Janeiro, diferente de São Paulo, por ser uma cidade sociocultural conservadora e hegemônica, foi uma década de menos perseguições, se comparado às décadas anteriores e, por esse motivo, colaborou para o crescimento de adeptos umbandistas e de outras religiões de matriz africana.

Situação refletida nos dois jornais, diferentemente do que acontecia nessa década registrada pelo jornal “O ESTADO DE S. PAULO”, como foi mostrado. No jornal “O GLOBO”, havia menos intitulações de crimes, mas também um espaço maior no jornal referente à Umbanda, com artigos e matérias, espaço para anúncios, ganho de espaço político e outros de debates com outras vertentes religiosas, como a Católica.

Em 1968, pela primeira vez, na Imprensa, a Umbanda é colocada como força eleitoral, mencionando-se a grande votação obtida por Atila Nunes, no Rio de Janeiro, “político que não precisou fazer propaganda para se eleger, pois tinha amigos certos na Umbanda”. Atila Nunes pertencia ao meio político desde o final da década de 50 e começo dos anos de 1960, onde, por anos, conseguiu espaço e respeito na Câmara, adquirindo privilégios e leis em favor da Umbanda. O mesmo acontecia em São Paulo, numa velocidade menor que no Rio de Janeiro, como demonstrado no Capítulo 3.

Em contrapartida, a década de 1960, configurou-se a década da “Criminalização da Umbanda”, mostrado pela imprensa dos dois estados.

4.6 Década de 1980

4.6.1 “O ESTADO DE S. PAULO”

TEXTOS	FRASES	COMENTÁRIOS
09 de maio de 1981 “TODA A VERDADE DA “INTEGRAÇÃO” DE MALUF – [...] Umbandistas passaram a frequentar os “governos de integração” para “compensar” o crescimento do número de oposicionistas”	“compensar” o crescimento do número de oposicionistas”	O jornalista em sua recontextualização, mostra em seu título a intenção do político angariar votos de classes menos favorecidas. Enquanto também mostra essa troca de privilégios e leis em favor da Umbanda
07 de outubro de 1982 “Francisca Rodrigues Bezerra surgiu no partido oficial como candidata dos Centros	“47 mil centros de Umbanda que existiriam no Estado”.	Nesse artigo em que o jornalista usa um título, diferente do corpo da matéria, onde ele afirma a posição da religião na política e informa a

<p><i>de Umbanda. Ela afirma que detém o apoio de 47 mil centros de Umbanda que existiriam no Estado”</i></p>		<p>quantidade que havia de centros umbandistas na época no Estado de São Paulo</p>
<p>20 de novembro de 1983</p> <p><i>“UMBANDA: EM VEZ DE POLÍTICA “ALÍVIO” AO POVO – [...] Esse sincretismo, que os teólogos conservadores não consideram religião, teria mais de 40 milhões de adeptos no Brasil, além de terreiros nos Estados Unidos, no Uruguai e na Argentina”</i></p>	<p><i>“os teólogos conservadores não consideram religião”</i></p>	<p>O jornalista recontextualiza a Umbanda em três partes neste artigo: A: a Umbanda fora da política é melhor para o povo; B: os teólogos não consideram a Umbanda como religião; C: mostra a quantidade de adeptos que existem na Umbanda, dentro e fora do país. O jornalista transita entre o positivo e o negativo da Umbanda</p>
<p>27 de agosto de 1986</p> <p><i>“No “despacho” não faltarão pedaços do animal, farofa, pimenta e velas escuras para evocar Omulu, a quem os umbandistas pedirão que o prefeito volte atrás na sua decisão de proibir rituais nos cemitérios da Cidade”</i></p>	<p><i>“No “despacho” não faltarão pedaços do animal, farofa, pimenta e velas escuras para evocar Omulu”</i></p>	<p>O jornalista mostra sua posição política e ideológica, que vem prejudicar a ‘face’ positiva da Umbanda falando sobre um possível “despacho”, mostrando um lado sombrio e ameaçador da religião</p>
<p>14 de janeiro de 1987</p> <p><i>“O presidente da República – preocupado em agradar os militares, dando-lhes o 13º salário. E os Terreiros de Umbanda, garantindo-lhes que não serão fechados”</i></p>	<p><i>“garantindo-lhes que não serão fechados”</i></p>	<p>O artigo mostra que a Umbanda vem perdendo seu espaço político nesse fim de década, recorrendo ao presidente para que este garantisse as portas abertas da sua religião. O jornalista recontextualiza o momento frágil que a Umbanda passava.</p>

4.6.2 “O GLOBO”

TEXTOS	FRASES	COMENTÁRIOS
02 de janeiro de 1980 “APESAR DA CHUVA, COMEMORAÇÃO FOI GRANDE NA PRAIA NA HOMENAGEM A IEMANJÁ, UM PRÉ-CARNAVAL - homenagens a rainha do Mar ou para festejar a entrada do ano novo na orla marítima, bebendo ou cantando músicas de carnaval – já uma tradição entre os cariocas	“HOMENAGEM A IEMANJÁ” “UM PRÉ-CARNAVAL” “já uma tradição entre os cariocas”	Na recontextualização, o jornalista coloca a Umbanda como sendo uma representatividade cultural não religiosa, como um evento que acontece todo ano, antecedendo o Carnaval, já tomado como tradição carioca.
09 de abril de 1983 CULTO A CLARA LEVA 2 MIL PESSOAS À PORTELA – A maioria vestida de branco, mais de 2 mil pessoas – entre católicos, umbandistas, kardecistas e espiritualistas”	“católicos, umbandistas, kardecistas e espiritualistas”	Raro momento jornalístico onde se retrata com respeito a Umbanda e o Candomblé e a união de religiões diversas em homenagem a Clara Nunes.
08 de janeiro de 1985 “CARTA DE RESPOSTA AO GLOBO: UMBANDA – vem protestar pelo uso indevido do nome de “Umbanda”, veiculado em suas edições de 19 e 20 de dezembro””	“crime ocorrido em Bananal, SP. Em suas páginas, na edição de 19/12/84 – sob a manchete “Bananal quer linchar tio que matou menina em ritual” e na de 20/12/84: “Assassino da sobrinha culpa o demônio”	O jornalista mostra sua posição política e ideológica que prejudica a ‘face’ positiva da Umbanda. O jornalista corrobora com o vínculo da Umbanda a um crime cometido num suposto ritual
02 de janeiro de 1988 “A cantora norte-americana Tina Tuner, budista, que veio passar o réveillon no Rio onde grava um especial para	“tradição brasileira”	O jornalista em sua recontextualização coloca a homenagem a Iemanjá não mais como um ato de alguma religiosidade, mas sim como ato cultural de

<p><i>a Rede GLOBO de televisão, aderiu à tradição brasileira e colocou rosas brancas no mar durante o festejo de homenagem a Iemanjá”</i></p>		<p>tradição brasileira, não mais como tradição carioca, destituindo-a da Umbanda e do Candomblé</p>
<p>08 de janeiro de 1989 <i>“A pesquisa atingiu também a Umbanda e o Candomblé, através das representações dos orixás femininos, que são apresentados com uma ilustração acompanhada de explicação”</i></p>	<p><i>“Umbanda e o Candomblé, através das representações dos orixás femininos”</i></p>	<p>O artigo mostra a posição política que vem da Umbanda e do Candomblé, representado pelos Orixás femininos na “Agenda da Mulher Negra de 89”.</p>

4.7 Umbanda e a política

Na prática discursiva, o conhecimento de mundo e crença sustenta o posicionamento do autor. No caso das notícias selecionadas, esse conhecimento era permeado pelo engajamento da Umbanda na política na década de 1980. Esse engajamento começou em São Paulo na década de 70, e no Rio de Janeiro na década de 1950, como demonstrado, chegando ao seu auge nas duas cidades na década de 1980, que foi uma época rica em envolvimentos políticos de todas autarquias governamentais e com outros meios religiosos, não católicos.

Em São Paulo, o então vereador paulista, Samir Achoa, sempre foi lembrado como “um político que conta com o apoio dos umbandistas”. A inauguração da Estátua de Iemanjá foi uma iniciativa da prefeitura de Praia Grande.

Nas duas cidades, não só os políticos da Arena, partido da situação, procuraram o apoio da Umbanda. Vereadores, deputados estaduais e federais estiveram sempre presentes em festividades umbandistas.

Na década de 80, os líderes da Umbanda eram altamente considerados e homenageados por grandes autoridades do governo. Esse período de ascensão da Umbanda foi possível graças à continuidade dos governos estaduais, reforçando e

gerando a troca de favores por apoio eleitoral. A Umbanda foi muito utilizada pelo populismo da época, por ser considerada um grupo organizado e emergente.

Segundo Fairclough (2001), as identidades constroem uma relação social no discurso. Nos textos selecionados, as religiões de matriz africana, mais precisamente a Umbanda, exercem seus poderes hegemônicos adquiridos pelos favorecimentos políticos e a grande popularização dos ritos culturais, para a aceitação da religião em vários aspectos.

O mesmo acontecia em São Paulo e no Rio de Janeiro, como observado no Capítulo 3.

Por esse motivo, a década de 1980 configurou-se como a década da “Umbanda e a Política”, mostrado pela imprensa dos dois estados.

4.8 Década de 2000

4.8.1 “O ESTADO DE S. PAULO”

TEXTOS	FRASES	COMENTÁRIOS
<p>28 de fevereiro de 2001</p> <p>“NA CONTRA MÃO DO DIÁLOGO RELIGIOSO, EDIR MACEDO VÊ PERIGO NAS CULTURAS AFRICANAS – Segundo o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal, é preciso tomar cuidado com tudo que se refere à cultura de origem africana”</p>	<p>“cuidado com tudo que se refere à cultura de origem africana”</p>	<p>Para o jornalista, a recontextualização do artigo para, talvez, mostrar algo negativo das religiões de matriz africana, já não se faz tão necessário. As declarações abertas de intolerância religiosa, encabeçada pela Igreja Universal, são constantes e diárias.</p>
<p>05 de julho de 2004</p> <p>“Nessas eleições, haverá pela primeira vez uma briga entre dois grupos evangélicos, a Assembleia de Deus e a Igreja Universal. Apesar da candura do Crivella,</p>	<p>“Universal ataca a Igreja Católica, a Umbanda e o Candomblé”</p>	<p>O jornalista contextualiza o retrato da força política que as igrejas pentecostais e neopentecostais vêm absorvendo em relação à Umbanda, que vem sofrendo um apagamento político</p>

<p><i>a Universal ataca a Igreja Católica, a Umbanda e o Candomblé.</i></p>		
<p>17 de abril 2005</p> <p><i>“Nos seus transes, os pentecostais têm reproduzido práticas da Umbanda e do Candomblé. Daí provém, por sinal, o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, um ex-umbandista”</i></p>	<p><i>“líder da Igreja Universal do Reino de Deus, um ex-umbandista”</i></p>	<p>O jornalista recontextualiza que o líder da Igreja Universal é um ex-umbandista e que as práticas religiosas da sua Igreja são cultos de Umbanda e Candomblé. Deixando claro o porquê dos ataques a essas religiões, por serem suas concorrentes diretas aos fiéis.</p>
<p>04 de junho de 2008</p> <p><i>“A intolerância de evangélicos contra todos os que não seguem a sua religião está chegando às raias do absurdo da intolerância”</i></p>	<p><i>“chegando às raias do absurdo da intolerância”</i></p>	<p>O jornalista contextualiza que as igrejas evangélicas extrapolaram o limite da intolerância religiosa, a patamares, muitas vezes, inimagináveis</p>
<p>22 de novembro de 2009</p> <p><i>Grupos evangélicos de Salvador, por exemplo, estão tentando substituir o termo “acarajé” por “bolinho de Cristo” ou “acarajé de Jesus”. Isso é, de novo, questão política</i></p>	<p><i>“substituir o termo “acarajé” por “bolinho de Cristo” ou “acarajé de Jesus””</i></p>	<p>O jornalista contextualiza que, mais cedo ou mais tarde, a força política das igrejas evangélicas pode chegar a mudar e apagar a cultura de um povo pela intolerância, utilizando os meios políticos</p>

4.8.2 “O GLOBO”

TEXTOS	FRASES	COMENTÁRIOS
13 de fevereiro de 2000 “O chamado Tour da Macumba da Exotic Tours faz os gringos baixarem num centro de Umbanda em Pilares. A maioria só quer ver os rituais, sem conversar com as entidades”	“Tour da Macumba da Exotic Tours”	O jornalista contextualiza que a empresa de turismo <i>Exotic Tours</i> usa o imaginário popular para atrair turistas e curiosos para conhecerem os ritos de “macumba”, ele alega que caso a palavra “Umbanda” fosse pronunciada, talvez não alcançasse o objetivo
01 de janeiro de 2005 Entre 1991 e 2000, o IBGE registrou uma perda de quase 20% de adeptos no Brasil.		O jornalista reafirma em sua contextualização dos dados do IBGE a grande perda de adeptos de fiéis das religiões de matriz africana na última década referente às décadas anteriores
01 de janeiro de 2005 “RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: “Hoje há omissão do Estado” – ORGANIZAÇÕES RECORREM À JUSTIÇA CONTRA ATAQUES NEOPENTECOSTAIS”	“Hoje há omissão do Estado”	O jornalista contextualiza que houve nos últimos anos um silenciamento na questão da intolerância religiosa contra as de matriz africana, causado pelo poder político das religiões evangélicas
21 de novembro de 2008 “Em ato, no Rio, o Presidente reuniu-se ontem no Rio com líderes religiosos – presbiterianos, católicos, umbandistas e judeus. Lula recebeu um documento que, entre outros pontos, pede punição a veículos	“Em ato, no Rio, o Presidente reuniu-se ontem no Rio com líderes religiosos – presbiterianos, católicos, umbandistas e judeus”	A contextualização do jornalista deixa claro que a intolerância religiosa atinge a todas as religiões que não sejam neopentecostais. E alerta sobre a situação à maior autoridade do país

<i>de comunicação que pregam a intolerância religiosa”</i>		
26 de junho de 2009 COMISSÃO DENUNCIA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA À ONU – Documento cita casos de vítimas de preconceito e diz que a Igreja Universal persegue praticantes de religiões Afro	“COMISSÃO DENUNCIA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA À ONU”	A contextualização do jornalista mostra o grau da intolerância religiosa e as perseguições a praticantes das religiões de matriz africana, sofrida pela Igreja Universal

4.9 A Umbanda e a intolerância religiosa

No final dos anos 80 e início dos anos 90, a Umbanda, em São Paulo e no Rio de Janeiro, começa novamente a ver um futuro sombrio, com o retorno das ameaças da intolerância religiosa, agora não mais pela Igreja Católica e sim pelas igrejas Pentecostais e Neopentecostais, liderada pela Igreja Universal do Reino de Deus. Começa uma batalha que dura até os dias de hoje. Basicamente, a guerra das igrejas neopentecostais contra os cultos afro-brasileiros se instaurou em definitivo.

As identidades sociais, apuradas nos textos dos noticiários jornalísticos, foram das autoridades neopentecostais demonizando as religiões de matriz africana e os seus adeptos, principalmente os umbandistas.

Para o jornalista, a recontextualização do artigo para, talvez, mostrar algo negativo das religiões de matriz africana já não se faz tão necessário. As declarações abertas de intolerância religiosa são constantes pela Igreja Universal.

Nessa recontextualização, a Umbanda e as religiões de matriz africana são demonizadas, para perderem seus espaços religiosos e seus fiéis, pelo convencimento ou pelo medo.

Nos textos selecionados, os neopentecostais usam seus poderes hegemônicos midiáticos para demonizar e atacar os adeptos das religiões de matriz africana. As

religiões de matriz africana usam os poderes hegemônicos das leis, para se defenderem de preconceitos e intolerância religiosa, causados pelos seus agressores.

Nos últimos anos, os ataques contra os seguidores dessas religiões aumentaram. Segundo dados do Disque 100, canal do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos que concentra denúncias de discriminação e violação de direitos, foram feitas 213 notificações de intolerância religiosa à matriz africana, de janeiro a novembro de 2018. Os dados foram obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação (MDH, on-line).

Em matéria publicada pelo jornal O Globo, em 26 janeiro de 2019, *Denúncias de ataques a religiões de matriz africana sobem 47% no país*, a matéria alerta para o fato de que num ano em que as queixas de intolerância religiosa caíram, as agressões a praticantes de candomblé e umbanda aumentaram. Os números da publicação dizem que: “o número é 47% maior do que o registrado em todo o ano de 2017, quando foram recebidas 145 denúncias. Se em 2014 elas correspondiam a 15% do total de denúncias, hoje representam 59% do número total de reclamações” (CAPETTI; CANÔNICO, 2019, s/p).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou mostrar que, teoricamente, o conceito de hegemonia, mais especificamente do jornalismo, em que interagem fatores ideológicos, políticos, pessoais, sociais, históricos e culturais, amplia a capacidade explicativa destas, pois este conjunto de variáveis compõe a cultura.

Foi observado que no processo de recontextualização os textos são construídos ideológica e culturalmente pelos valores opinativos do poder do jornalista ou mesmo das empresas jornalísticas, propriedades de famílias ou grupos de hegemonias econômicas capitalistas que exercem e se manifestam neste espaço ao definir a hegemonia como um processo dinâmico e permanente, por meio do qual essas classes dominantes constroem e reconstroem diariamente seu poder, tendência permanentemente tensionada por uma contra-hegemonia dos setores subalternizados.

A intolerância religiosa, apontada nas matérias jornalísticas, por vezes, incitadas nas notícias e propositalmente recontextualizadas pelo jornalista, é uma cultura constituída no passado que permanece nos dias atuais. Nos adventos da história brasileira, observam-se várias manifestações de caráter repugnante a respeito da intolerância religiosa. Por todo seu histórico escravagista, no Brasil, a intolerância se concentra nas religiões de origens ou traços das classes subalternas. Mesmo havendo um movimento no século XX de inclusão dessa classe, por outro, existem traços culturais antigos que permanecem do Brasil colônia e que estão presentes ainda nos dias de hoje, como a intolerância religiosa. Esses dois polos se manifestam nos registros jornalísticos.

Em um país de hegemonia católica, a prática religiosa negra e a Umbanda foram duramente perseguidas pelas delegacias de costumes até a década de 60. Ainda sob outras denominações, a Umbanda estava incluída no rol dos inimigos do catolicismo já nos anos 40.

Devido ao surgimento e crescimento de Tendas/Casas de Umbanda, a Igreja Católica Romana chegou a criar em 1952 um Secretariado Especial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com o objetivo de enfrentar o crescimento do número de fiéis da Umbanda e demais “cultos mediúnicos”, sejam grupos “espíritas”, sejam

"afro-brasileiros". Tal subdivisão foi denominada de Secretariado Nacional de Defesa da Fé.

Para os católicos, o homem brasileiro praticante de Umbanda encontrava-se em uma situação marcada pela miséria material e moral.

Os jornais registraram um grande crescimento de matérias jornalísticas sobre a Umbanda, referente a décadas anteriores a 60, chamada neste trabalho de a década da "Criminalização da Umbanda". A mesma sempre sofreu perseguições desde o seu surgimento, apesar de as perseguições serem mais intensas no estado de São Paulo e moderado no estado do Rio de Janeiro. Quando as notícias eram anunciadas pelos dois jornais, nota-se na maior parte delas, tornasse desnecessária a vinculação do nome da Umbanda nos acontecimentos, atingindo o objetivo proposto por autoridades sociais conservadoras e líderes religiosos, como da Igreja católica.

Em meados da década de 70, a relação da Umbanda com membros da política, nos dois estados, tirou o foco da Umbanda nos noticiários policiais, aparecendo nos noticiários com vários políticos, que buscavam apoio eleitoral. Ela passa, então, a buscar seu espaço hegemônico, chegando no seu auge na década de 80. Foi uma época rica em envolvimento político de todas autarquias governamentais e com outros meios religiosos, não católicos, configurando-se, assim, a década da "Umbanda e a Política".

Com o início dos anos 90, o que era doce para a Umbanda, voltou a ser amargo. Durou pouco, quase duas décadas de "Pop Star" da política. Começa novamente um futuro sombrio, de volta as ameaças da intolerância religiosa, agora não mais pela Igreja católica e sim pelas Pentecostais e Neopentecostais, lideradas pela Igreja Universal do Reino de Deus, a nova coqueluche dos políticos. Começa, então, uma batalha que dura até os dias de hoje. Basicamente, a guerra das igrejas neopentecostais contra os de cultos afro-brasileiros se instaurou em definitivo.

Essas igrejas passam a ter grandes representatividades em todas as instâncias políticas, com membros nos mais altos escalões, patamar que a Umbanda nunca conseguiu.

Agora a Umbanda volta às páginas policiais dos jornais, mas não mais como vilã, agora como vítima de ataques racistas e de intolerância religiosa, causada por essas novas igrejas cristãs neopentecostais, lideradas, pasmem, por um ex-umbandista.

Os ataques não são mais de cunho moral, como em décadas passadas, agora são de extrema violência física, chegando a mortes de adeptos aos cultos, a destruição de tendas de Umbandas e Candomblés em todo território nacional e vem crescendo dia após dia, relatados pelos jornais.

Atualmente, não existem dados seguros sobre o número de Tendas e principalmente de adeptos umbandistas, posto que o preconceito perante a religião ainda é grande. Isto pode fazer com que, em pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), como as dos Censo de 2000 e 2010, que coloca a Umbanda na quarta maior religião do país, a segunda religião com a maior média de pessoas com escolaridade e nível superior, mesmo assim, os entrevistados, muitas vezes, sendo umbandistas ou simpatizantes, acabam respondendo ser católicos ou espíritas, apesar de assumirem frequentar ou já terem frequentado terreiros de Umbanda. Essa atitude se sustenta pelo medo de sofrer algum tipo de represália e preconceito da sociedade, conforme as reportagens jornalísticas apontaram.

Este trabalho, também, torna-se relevante em sua contribuição científica ao apresentar e discutir a história da religião Umbanda, com finalidade de marcar a religião como segmento distinto com o seu próprio fundamento filosófico-teológico.

REFERÊNCIAS

ACERVO ESTADÃO. **Acervo Digital do Jornal O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 20 maio.2018

ACERVO O GLOBO. **Acervo Digital do Jornal O Globo**. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 20 maio.2018.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos:** gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

AGNOLIN, Adone. **História das religiões:** perspectiva histórico-comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção repensando a história).

ANCHIETA, José de. **Cartas: Informações, Fragmentos Históricos e Sermões – 1534-1597**. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da pedagogia**. São Paulo: Moderna, 2007.

AZZI, Riolando. Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. In: **Religião e Sociedade**. n. 1. Rio de Janeiro: ISER, 1977, p. 125-149.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1971.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BERNARDO, Débora Giselli. A bruxaria e as mulheres. In: MAINKA, Peter (org.). **Mulheres, bruxas, criminosas:** aspectos da bruxaria nos tempos modernos. Maringá: Eduem, 2003. (Capítulo 3, p. 61-88).

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**, v. 1, n. 3. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo:** um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. In: **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. São Paulo: EDUSP, 1997, p.283-350.

- CAPONE, Stefania. **A Busca da África no Candomblé: tradição e Poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria / Pallas, 2004.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Y. P. **Falares africanos na Bahia.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.
- CAMPOS, Luciana. **Mandrágora:** a planta das bruxas. Notícias Asgardianas, n. 6, 2014, p. 4-9. (Dossiê Bruxaria e Feitiçaria Nôrdica).
- CÂNDIDO, Maria Regina. Vida, Morte e Magia: ontem e hoje. In: CÂNDIDO, Maria Regina (org.). **Vida, Morte e Magia no Mundo Antigo.** Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008, p. 5-10.
- CARNEIRO, Victor Ribas. **ABC do Espiritismo.** 5. ed. Curitiba (PR): Federação Espírita do Paraná, 1996. 223p.
- CARDINI, Franco. Magia e Bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Revista Psicologia USP**, v. 7, n. 1/2, 1996, p. 9-16.
- CAPETTI, Pedro; CANÔNICO, Marco Aurélio. Denúncias de ataques a religiões de matriz africana sobem 47% no país. **O Globo.com.** Publicada em: 26 jan.2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/denuncias-de-ataques-religioes-de-matriz-africana-sobem-47-no-pais-23400711>>. Acesso em: 20 maio.2018.
- CARDIM, Fernão – 1540-1625. **Tratados da terra e gente do Brasil.** Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.
- CARNOT, Sady. **A destribalização da Alma Indígena – Brasil Século XVI, uma visão junguiana.** Prefácio: José Maria de Paiva. São Matheus: ES: Memorial, 2005.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura/ Fapesp, 1992.
- CUNNINGHAM, Scott. **A verdade sobre a Bruxaria Moderna.** Trad. Claudio Quintino. São Paulo: Editora Gaia, 1998.
- DAVIDSON, Hilda Ellis. **The Lost Beliefs of Northern Europe.** London, 1993.
- ELIADE, Mircea. **Herreros y alquimistas.** Madrid: Aliança Editorial S.A., 1983.
- _____. **O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase.** Trad. Beatriz Perrone-Moisé e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAFE, José Fernandes. **Descobrimento e colonização portuguesa no Brasil.** São Paulo: Temas e Debates. Temas: História do Brasil.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, Rubem César. **Religiões Populares**: Uma visão parcial da literatura recente. Rio de Janeiro: BIB, n.18, 1984, p. 3-26.

FLORES, Moacyr. **Colonialismo e missões jesuíticas**. São Paulo: Edipat. Temas: História do Brasil Colonial, Índios, Colonização e expansão territorial.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1987.

GINZBURG, Carlo. **História nocturna**. Traducción Alberto Clavería Ibáñez. Barcelona: Muchnik Editores, S. A., 1991.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil**: passado, presente e futuro. São Paulo: Contexto. Temas: História do Brasil, Antropologia.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999 / 2006.

_____. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

HANCIAU, Nubia. **O universo da feitiçaria, magia e variantes**. Letras de Hoje, v. 44, n. 4, out/dez, 2009, p. 75-85.

HOMERO. **A Odisseia**. Trad. Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Atena Editora, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro, 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Unesp, 2006.

- INFOPÉDIA. **Dicionário Porto Editoras.** Práticas religiosas no Brasil Colonial. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$praticas-religiosas-no-brasil-colonial](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$praticas-religiosas-no-brasil-colonial). Acesso em: 15 fev.2018.
- JUNQUEIRA, Carmen. Pajés e feiticeiros. **Revista Estudos Avançados:** Dossiê Religiões no Brasil. São Paulo, v. 18, n. 52, set/dez. 2004.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- _____. **O Livro dos Médiuns.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- _____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- _____. **O Céu e o Inferno.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- _____. **A Gênesis.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- _____. **O que é o Espiritismo.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- LANGER, Johnni. **Os gatos e a bruxaria nórdica.** Notícias Asgardianas. n.6, 2014, p. 10-13. (Dossiê Bruxaria e Feitiçaria Nórdica).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro, Tempos Modernos, 1975, p. 193-213.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938-1950. 10 v. il.
- LEFEBVRE, H. **Le retour de la dialectique:** 12 mots cief pour le monde moderne. Trad. Margarida Maria de Andrade. Paris: Messidor Éditions Sociales, 1986.
- _____. **The production of space.** Oxford: Blackwell Publishing Padstow, Cornwall: T. J. Press Ltd, 1991.
- _____. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2006.
- _____. **Espaço e política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LINDOW, John. **Norse mythology:** a guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs. New York: Oxford University Press, 2001.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Trad. Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LIMA, V. da C. **Encontro de nações do Candomblé.** Salvador, Ianamá / UFBA, 1984.

LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média**. Trad. Álvaro Cabral, rev. Hilário Franco Júnior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religiões tradicionais e novas formas de experiências religiosas. In: LIMA, Lana Lage da Gama. **História & religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Mauad, 2002.

MAINKA, Peter Johann. O fenômeno da bruxaria nos tempos modernos: uma visão geral. In: MAINKA, Peter (org.). **Mulheres, bruxas, criminosas**: aspectos da bruxaria nos tempos modernos. Maringá: Eduem, 2003. (Capítulo 1, p. 13-22).

MANDROU, Robert. **Magistrados e feiticeiros na França do século XVII**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1979.

MARQUES, Ester. **Estruturas dos discursos jornalísticos**, 2008.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 47-181.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MELLO E SOUZA, Laura de. **O diabo na terra de Santa Cruz**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1986.

MHD. Ministério da mulher, da família e direitos humanos. **Portal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/>>. Acesso em: 20 maio.2019.

MILANEZ, Felipe. **Memórias sertanistas**: cem anos de indigeníssimo no Brasil. Edições Sesc São Paulo, 2015.

MORAES, Dênis de. Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci. In: **Revista Debates**. Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan/jun, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Redisputando a Mestiçagem no Brasil**: Identidade Negra versus Identidade Nacional. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios**: Colonialismo e Repressão Cultural. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**: Formação do Campo Umbandista em São Paulo. São Paulo: Edusp, 1996.

NEGRÃO, João José de O. A questão do partido em Gramsci. **Revista de Estudos Universitários**. v. 26, n. 2. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2000.

NÓBREGA, Manuel da. **Cartas do Brasil**. Belo Horizonte - Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1988.

NÖTH, Winfried. Semiótica da magia. **Revista USP**, n. 31, set/nov, 1996, p. 31-41.

OBICI, Giuliano Lamberti; SKALINSKI JÚNIOR, Oriomar. Os fundamentos teóricos da bruxaria: a doutrina católica. In: MAINKA, Peter (org.). **Mulheres, bruxas, criminosas**: aspectos da bruxaria nos tempos modernos. Maringá: Eduem, 2003. (Capítulo 2, p. 23-60).

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, n. 36, 1976. (Fascículo 141).

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**: Umbanda e Sociedade Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAIVA, José Maria de. Educação jesuítica no Brasil colonial. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA, Luciano Mendes Filho; VEIGA, Cíntia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Colonização e Catequese**. São Paulo: Arké, 2006.

PASSOS, Mauro. O catolicismo popular. In: PASSOS, Mauro (Org.) **A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

PENSAR CONTEMPORÂNEO. **Sociologia e Política**. Quando você mata dez milhões de africanos, você não é tão ‘mau’ quanto hitler. Texto traduzido de Films For Action. Disponível em: <https://www.pensarcontemporaneo.com/quando-voce-mata-dez-milhoes/>. Acesso em: 24 fev.2018.

PRANDI, R. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas-Ceao, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O catolicismo rústico no Brasil. In: _____. **O campesinato brasileiro**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. da USP, 1973, p. 72-99.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A Formação e o Sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. Trad. William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo, Aleph, 2006.

RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. Trad. Álvaro Cabral e William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.

RAMOS, Artur. **O negro brasileiro**. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

REHBEIN, F. C. **Candomblé e salvação**. A salvação na religião nagô à luz da teologia cristã. São Paulo: Loyola, 1985.

REIS, João José. Brasil: 500 anos de povoamento. IBGE (Centro de Documentação e Disseminação de Informações). In: **Presença Negra, conflitos e encontros**, p. 79-99. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 232 p.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RICARDO, Beto e Fany. **Povos Indígenas no Brasil 2001-2005**. Instituto Socioambiental.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIOS, José Arthur. Sentimento religioso no Brasil. In: HORTA, Luiz Paulo. **Sagrado e Profano**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.

RODRIGUES, Nina. **O Animismo dos Negros Bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Símbolos da herança africana. Por que candomblé. In: SCHWARCZ, Lilia M.; REIS, Letícia Vidor (Orgs.). **Negras imagens**. Ensaios sobre escravidão e cultura. EDUSP/Estação Ciência, 1996.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. 2º ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SELIGMANN, Kurt. **História da magia II**: magia-sobrenatural-religião. Lisboa: Edições 70, 1948. (Coleções Esfinge).

SOKOVIEDS, V. F. **Magia negra e magia branca**. Porto: Editorial Inova.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes do negro brasileiro em ascenção social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Luciana Beatriz; VAINFAS, Ronaldo. **Brasil de todos os santos**. Coleção: Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SOUTO MAIOR, Marcel. **Kardec. A Biografia.** 1 ed. São Paulo: Record, 2013.

STOLL, Sandra. **Entre Dois Mundos:** o Espiritismo da França no Brasil. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 1999.

_____. **Espiritismo à Brasileira.** São Paulo: EDUSP, 2003.

TOLEDO, Diego. Sob 'cerco' evangélico, pajés evitam rituais tradicionais indígenas. **UOL.** São Paulo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/02/24/sob-cerco-evangelico-pajes-evitam-rituais-tradicionais-indigenas.htm>. Acesso em: 24 fev.2018.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia:** crenças populares na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. Trad. Denise Bottmann e Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios:** catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VILAR, Leandro. **Seguindo os passos da História.** Links selecionados: O medo da peste negra; O medo do escuro; Uma breve história sobre as origens do Halloween; Mitos e verdades sobre a "Idade das Trevas"; A Caça às Bruxas: XV-XVIII; O Diabo e a sociedade europeia na Baixa Idade Média (XI-XV); Marcadores: Bruxaria. Idade Média, Feitiçaria, Magia, Idade Moderna.

Disponível em: <seguindopassoshistoria.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 maio. 2018.

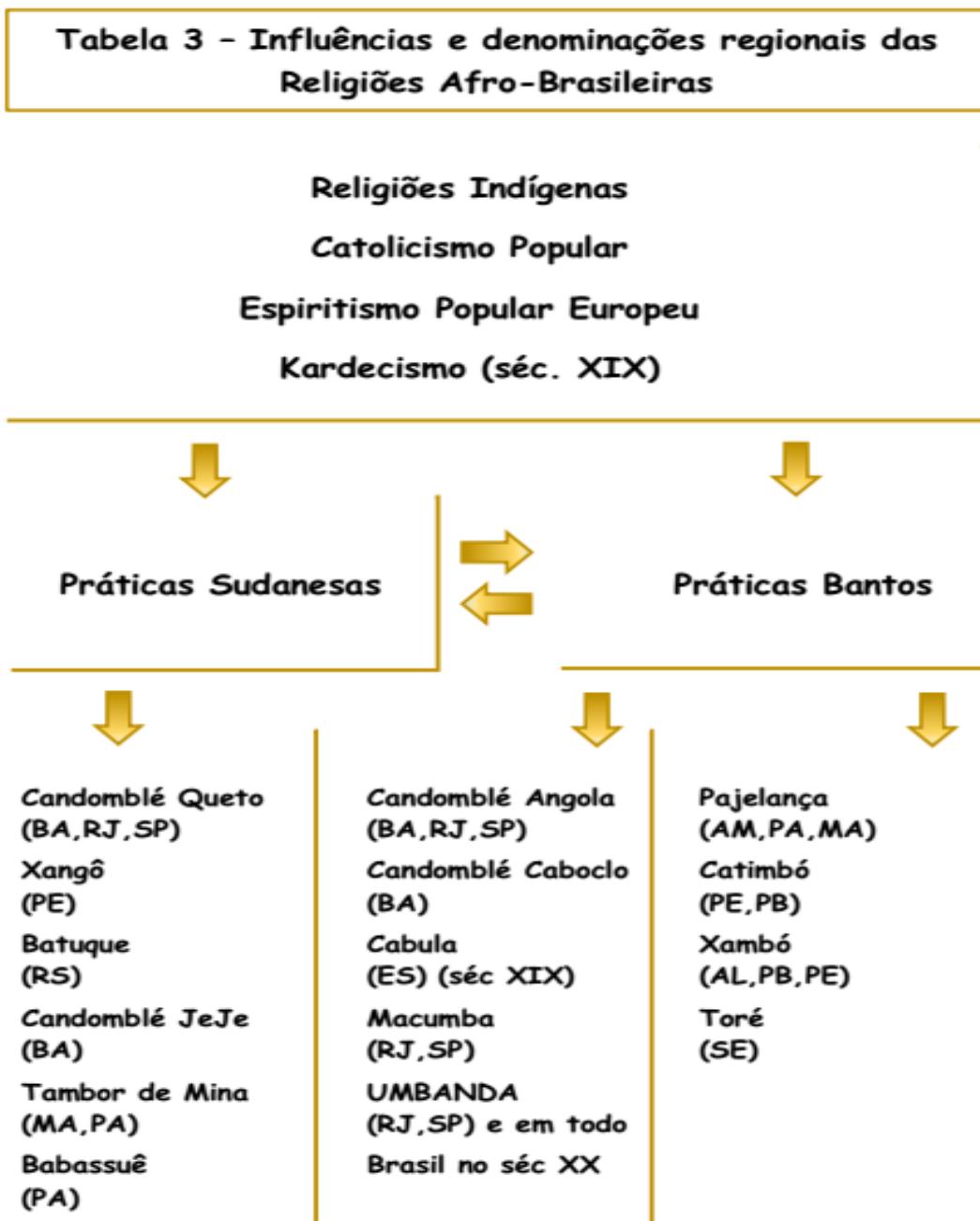
WANTUIL, Zéus, THIESEN, Francisco. **Allan Kardec:** o Educador e o Codificador. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZALUAR, Alba. Promessas e Milagres dos Santos. In: **Os homens de deus.** Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ANEXO I

A tabela a seguir ilustra com clareza como foram formadas as novas religiões Afro-Brasileiras, a partir de junções com outras culturas religiosas:³⁷



Fonte: Livro Candomblé e Umbanda – Caminhos de devoção brasileira, antropólogo Vagner Gonçalves da Silva – Ed. Selo Negro, 2005, 149pp (1^a Ed. 1994)

³⁷ Tabela da p. 98, retirada do Livro: Candomblé e Umbanda – Caminhos de devoção brasileira, antropólogo Vagner Gonçalves da Silva. Ed. Selo Negro, 2005, 149 pp (1^a Ed. 1994).

ANEXO II

Sob 'cerco' evangélico, pajés evitam rituais tradicionais indígenas - Not... <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/02/24/sob-c...>

Sob 'cerco' evangélico, pajés evitam rituais tradicionais indígenas

Diego Toledo
Colaboração para o UOL, em São Paulo · 24/02/2018 · 04h00

[f](#) [t](#) [p](#) [in](#) [e-mail](#) [Ouvir texto](#) [Imprimir](#) [Comunicar erro](#)

Divulgação/Ex-Pajé



Perpera em cena do filme "Ex-Pajé", de Luiz Bolognesi

Perpera Surui tem cerca de 65 anos de idade. O número exato é um mistério até mesmo para ele, que viveu até 1969 em uma aldeia indígena isolada, no trecho da floresta amazônica entre os Estados de Rondônia e Mato Grosso. Ainda na juventude, Perpera se tornou pajé e viveu assim por muitos anos.

Agora, ele é o protagonista de um filme exibido no Festival de Berlim: "Ex-Pajé", do diretor Luiz Bolognesi, que retrata o conflito interno de um líder espiritual indígena com a nova realidade de sua aldeia, hoje de maioria evangélica.

Assim como boa parte dos palter-suruis, grupo com cerca de 1.400 habitantes que ocupa pouco mais de dez aldeias na Terra Indígena Sete de Setembro, Perpera se tornou evangélico há alguns anos e deixou de atuar como pajé. Mas o filme de Bolognesi sugere que a conversão não foi resultado de um processo dos mais espontâneos.

Em uma das cenas, Perpera é questionado sobre a possibilidade de voltar a ser

ANEXO III

Quando você mata dez milhões de africanos, você não é tão mau quanto Hitler



Dê uma olhada nesta foto. Sabe quem é?

A maioria das pessoas não ouviu falar dele.

Mas deveria. Quando você vê seu rosto ou ouve seu nome, você deveria sentir embrulhos no estômago tanto quanto quando leu sobre Mussolini ou Hitler. Saiba você, ele matou mais de 10 milhões de pessoas no Congo.

O nome dele é o rei Leopoldo II da Bélgica.

Ele “possuía” o Congo durante seu reinado como o monarca constitucional da Bélgica. Depois de várias tentativas coloniais fracassadas na Ásia e na África, ele estabeleceu-se no Congo. Ele “comprou” e escravizou seu povo, transformando todo o país em sua própria plantação de escravos pessoais. Ele disfarçou suas transações comerciais como esforços “filantrópicos” e “científicos” sob a bandeira da Sociedade Africana Internacional. Ele usou seu trabalho escravizado para extrair recursos e serviços congoleses. Seu reinado foi cumprido através de campos de trabalho, mutilações corporais, execuções, tortura e seu exército particular.

ANEXO IV

12-12-32 0 GLOBO

ULTIMA HORA

O aproveitamento das terras da baixada fluminense

O chefe do Governo Provisório e os ministros do Trabalho e da Viação visitaram o "Núcleo São Borja"

Um churrasco e scenas gaúchas na antiga Fazenda dos Benedictinos

Para a polícia, é «macumba», e, para os adeptos, é «tenda espiritista»...

Dansas e canticos estranhos... — Um flagrante desejado. Homens e mulheres em trajes paradisíacos! Trabalhando dentro da Ordem dos Fláudios... — Um carapuça symbolica, punjâas e paraty... — Uma noite popular

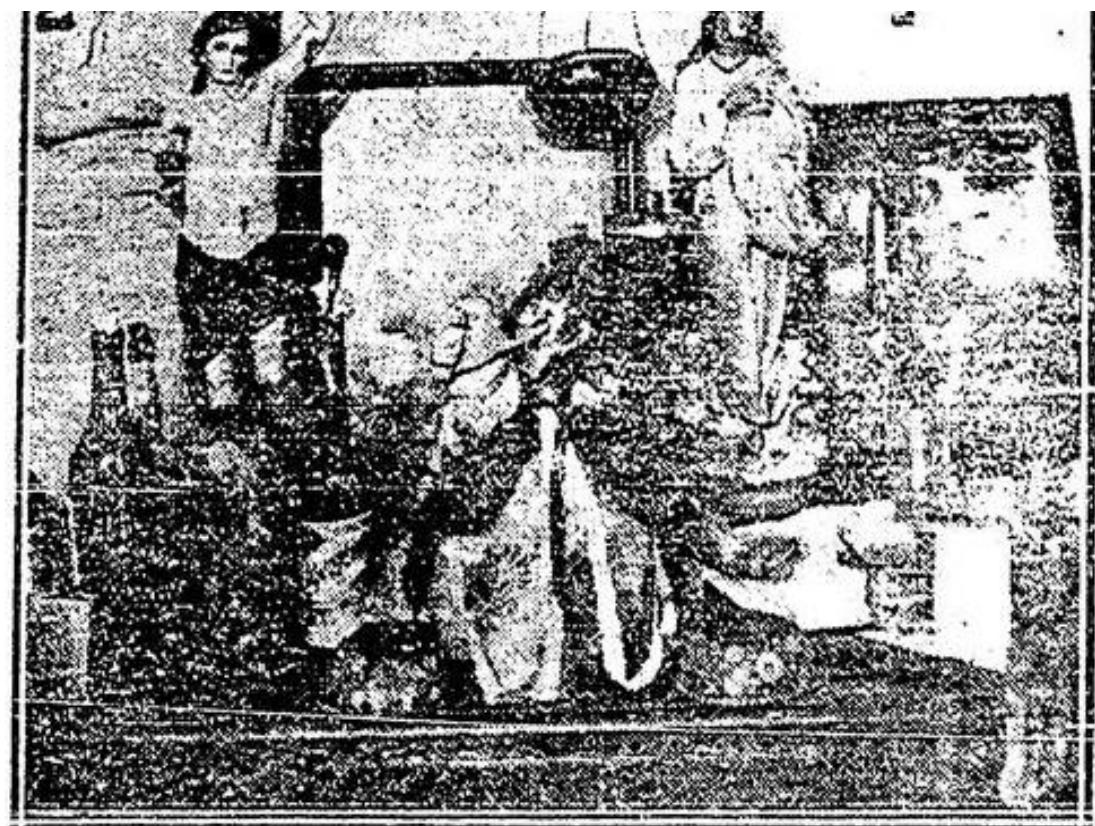
Um perreche de «mucambas» profissional no Rio de Janeiro.

PUNHOS, PARATI, CHANUAN, IMAQUA, E ATC. POLVORA... —

LIBERDADE... —

COMUNICADOS

Helio Marinho dos Santos Lima



Os petrechos de "macumba", apprehendidos na Tenda da rua da Quitanda

PUNHAES, PARATY, CHARUTOS, IMAGENS E ATÉ, POLVORA...

A batida foi proveitosa. Um arsenal completo de petrechos de "macumba" lá estava, oculto em um caixote e em dois sacos. Abertos um e outros, apareceram três imagens, grandes, uma de N. S. da Conceição, outra de São Sebastião e outra de São Jorge, várias garrafas de paraty, charutos ordinários, uma lata de polvora, um defumador, feito com hastes de arame e metade lata de queijo perfurada, sete punhaes, laços de fita multicóres, uma carapuça de gase, com uma estrela de setin à frente, jarros, copos, velas, giz, pacotas de ervas, vários pares de

timidaram, acompanhando-os, a cantarolar, até à porta da delegacia, na rua Sacadura Cabral...

OS DETIDOS

Ali foram arrolados, então, os petrechos apprehendidos e os detidos. São estes, os seguintes, de acordo com a relação da polícia: Antônio Eliezer Leal de Souza, que se diz doutor, residente à rua Humaytá n. 203, presidente da Tenda; João Severino Ramos, sub-official da Armada, residente à avenida Henrique Valladares n. 33; Antônio Coutinho, empregando no commercio, residente à travessa Oliveira n. 9. José da Rocha, que abriu a porta à polícia, sem trabalho, residente à rua General Pedro n. 169, casa 3; Guilherme Pereira, empre-

ANEXO V

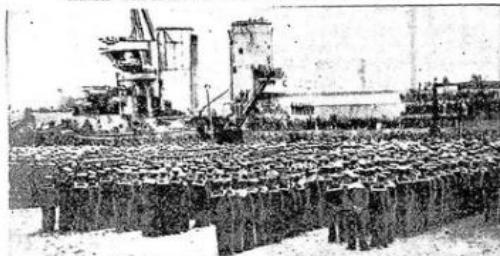
CAPA

PARA A LUTA NO MEDITERRANEO!

Hitler tenta reunir as frotas da Itália, França e Japão, afim de poder enfrentar a supremacia britannica

**EDIÇÃO
11 DAS HORAS**

Redobrados os esforços do Fuehrer junto aos Governos de Vichy e Tokio -- Seria desfechada uma offensiva em todas as frentes



do rei Jorge V.

ONDRES, 2 (U. P.) — Segundo se diz nos círculos diplomáticos dessa capital, Hitler e Mussolini estão es tudando a possibilidade de reunir as esquadras italiana, francesa e japoneza para dar combate á frota britânica no Mediterraneo.

Todos os esforços junto à França e ao Japão

LONDRES 2 (U. P.) — Uma fonte bem informada afirmou que o chancellor Hitler está enviando todos os esforços para obter a concentração das esquadras francesa e japonesa no Mediterrâneo, para cooperarem com a frota italiana.

PÁGINA 4

Um baile em semi-círculo, na tenda das assombrações . . .

Os misterios da Linha Branca de Umbanda surpreendidos pelo reporter do GLOBO, a dois passos apenas da avenida Rio Branco!

"Azes" do football, "estrelas" de rádio e gente de boa sociedade sob a invocação de São Jorge — Presente, até, uma criancinha! — Na porta, uma fila de "limousines" . . . Transes e cenas de fakirismo — Os castigos de Exú

Esta reportagem representa uma segunda tentativa, no sentido de desvendar os mistérios dos mistérios da Linha da Umbanda, ou dos ritos afro-ianos cuja prática se desenvolve, cada vez mais, principalmente entre a classe média. — Da primeira vez, o repórter conseguiu o mais difícil: infiltrar-se entre os adeptos, e assistir à prática do "espiritismo" de linha, em todos os seus impressionantes detalhes. Sento-me, contudo, em meu escritório, com o sentimento dominado pelo estranho e incompreensível adormecimento, e não soube contar o que houve depois. Quando voltou a si, a reunido continuava, da forma em que iniciara: o pregador, a mesa e os santos. A descrição que publicamos aliado a o resultado da segunda tentativa, deixa a leitura de certa "sororidade". Reportagem do GLOBO, que também obteve entrada na Tenda da Linha da Umbanda, e assistiu até aos últimos momentos da reunião, conservando-se lucido até o final. A narrativa, para que os leitores sintam melhor as suas emoções, será feita de forma pessoal.

Sob a casca da mangueira
— Garçon, café...
— Voltando-se para mim, o che-

E voltando-se para mim, o chauffeur continuou sua exposição:
— Pois é. Eu fico daqui à esquina, todas as sexta-feiras, observando a entrada dos adoptos, sobre a de dois em dois, que entram em quatro, no máximo. E são todas pessoas muito bem vestidas, de aspecto distinto.
— Quem é o presidente da Tenda?

— Quem é que queria dizer isso?
— Ah, isso eu não sei, nem queremos saber. Não que eu acredite, mas, por via das duvidas, fico do lado de fora. Já me aconteceu uma, e chegou bem.
— JÁ?

162

corpo coberto de setas, e numa lâmina menor, collocada aos pés de Christo, São Jorge montado em seu

Dante da mesa, seis homens e seis mulheres fazem um semi-círculo. Todos de branco e descalços. O gaul distribui collares, que são imediatamente vestidos nos pescoços para o cavalo.

mento postos nos pesc
santo baixar.

Onde está o Sylvio?
Um rapaz louro approxima-se. Lem-
bra-me de um physionoma, mas de
que? De onde? O rapaz inicia-se a des-
crição e o pensamento. E bela a melodia
e muito diferente dos barbaros can-
ticos da magia negra. O rhythmo, bas-

ANEXO VI

O GLOBO: 09 de Junho de 1941, Matutina, Geral, página 4

Vão reunir-se todos os espíritas do Brasil

Será uniformizado o ritual religioso

Por oração da campanha encetada pelas autoridades policiais contra o baixo espiritismo, foi ventilada a idéia da realização de um congresso espírita, destinado a uniformizar o ritual religioso, impedindo a proliferação do charlatanismo. Anuncia-se, agora, a organização pelas associações desta capital do 1.º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, a realizar-se em outubro próximo.

Segundo o que se informa, o conclave será realizado sob o patrocínio da Federação Espírita de Umbanda, recentemente fundada, e do jornal "O Caminho", sendo desejo dos seus promotores que o congresso seja assistido por todos os confrades desta capital e dos Estados, adeptos ou não da Umbanda, assim como lhes sejam enviadas sugestões ou quaisquer pedidos de esclarecimento por quantos se interessam no congresso. A comissão organizadora está constituída dos senhores Jayme Madruga, Alfredo Antônio Rego e Diamantino Coelho Fernandes, devendo a correspondência para o congresso ser dirigida à sede da Federação Espírita de Umbanda, à rua General Câmara n. 313, 1.º andar.

ANO XVII — N. 4744

Segunda-feira, 20 de outubro de 1941

O GLOBO

FUNDACAO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Tesoureiro
HERBERT MOSES

Diretor-Redator-Chefe
ROBERTO MARINHO

Diretor-Gerente
A. LEAL DA COSTA

IRENTE ÀS PERDAS MENS E MÁQUINAS !

**ão lança na ba-
u todos os seus
s, procurando
cisão militar**

**que puder manter a cor-
rentes às linhas de frente
esentações diplomáticas
opas germânicas para o
cia que foi detida a arre-
cide, mas que a luta
arriçadamente —**

LONDRES, 19 (U. P.) — Conforme dizem os círculos militares, evidentemente os alemães lançaram, em seu avanço sobre Moscou, todos os seus recursos sem terem em conta as perdas de homens e material. Acrescentam aqueles círculos que o vencedor da batalha da Rússia, será aquele que puder manter uma corrente contínua de reservas de homens e material.

**Para Kuibyshev os diplomatas
acreditados em Moscou**

TOQUIO, 20 (A. P.) — O Ministério das Relações Exteriores recebeu (Conclui na 2ª página)



1º CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA — Realizou-se na sede da Federação Espírita de Umbanda a instalação do 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, ao qual serão apresentados trabalhos filosóficos de valor acerca dessa importante modalidade de práticas espíritas. A solenidade de instalação do Congresso, realizou-se na sede da Federação, à rua General Câmara n. 313, 1º andar, com entrada franca. Dirigiu a reunião o presidente da Federação, Sr. Eurico Lagden Moerbeck, tendo tomado assento à mesa outros membros da diretoria. Instalado que foi o Congresso, usou da palavra o Sr. Diamantino Coelho Fernandes, que apresentou interessante tese sobre Umbanda, historiando curiosos detalhes sobre a origem da seita, palavra, etc. Uma enorme assistência compareceu à reunião, tendo os trabalhos se desenvolvido na mais perfeita ordem. Na gravura, um aspecto da assistência.

ANEXO VII

O GLOBO: 05 de Novembro de 1956, Vespertina, Geral, página 12

12 O GLOBO

Um Repórter no Reino da Macumba

I - DA ÁFRICA PARA O BRASIL

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

A Meia-Noite de Sexta-Feira, 13

Sobrevivências Primitivas

Credulidade e Mistificação

O GLOBO: 06 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 7

6-11-56 O GLOBO

Um Repórter no Reino da Macumba

II - OS NEGROS ESCRAVOS E O CANDOMBLÉ

A Liberdade Para os Ritos Africanos Resultou em Deformações Grosserias — Só em Nova Iguaçu, 2 500 Terreiros

O GLOBO: 07 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 8

7-11-56

III - LINHAS, FALANGES E MISTÉRIOS

Do Cruzamento ao Acrucamento Quarenta e Nove Anos de Prática Feticista — Tião, Devoto de Ogum Dilé

EXU, ou seja Demônio, é entidade de grande poder na macumba. Em toda cerimônia umbandista ou candomblista, o primeiro ato é de homenagem a ele, que tem várias personalidades. Na foto, numa parede da "Casa de Exu", vemos pintado, Exu Tranca-Rua e, ao lado, em imagem, Exu das Sete Encruzilhadas. O culto ao Demônio é essencial para os macumbeiros

A GENTE da macumba não gosta de que elementos não iniciados invadem seus domínios

O GLOBO: 08 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 7

8-11-56

O GLOBO

Um Repórter no Reino da MACUMBA

UMBANDA E CANDOMBLÉ

- IV -

É NECESSÁRIA a distinção entre a Umbanda, o Candomblé e o Espiritismo kardecista, doutrina esta que não admite imagens nem liturgia, ou qualquer forma de culto material. O kardecista não é de terreiro, é de mesa (também o Catimbó nordestino é de mesa, não havendo, todavia, similitude, pois o macumbista do Catimbó "recebe" santos e caboclos), não faz magia, não "recebe" santos, caboclos ou pretos-velhos, quer dizer, não se deixa "incorporar" por orixás, exus e eguns — divindades e espíritos maus.

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

O GLOBO: 10 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 4

O GLOBO

Um Repórter no Reino da Macumba

VI - Mistificação e Curandeirismo

As "Incorporações" Mecânicas Nos Médiums Facilitam a Mistificação — O Bispo de Maura Benze Terreiros e Celebra Missa Entre Macumbistas

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

O GLOBO: 12 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 20

20

O GLOBO

Um Repórter no Reino da Macumba

VII - Batizado no Terreiro de "Pai Tininho"

Criangas Batizadas na Igreja Católica São "Confirmados" Pelos Pais na "Lei" da Umbanda-Quimbanda — Exu "Incorporou" e Ficou Fúrio

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

O GLOBO: 13 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 9

13-11-56

O GLOBO

Um Repórter no Reino da Macumba

VIII — Joãozinho da Goméia, Famoso e Esquisito

Uísque e Champanha Para os Assistentes do Relévo Social e Político — Não Quis Beber Chumbo Derretido, Proposto Por Benedito Espírito Mau — Matangas Para Oxalá

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

JOÃOZINHO da Goméia é o mais famoso "babalorixá" da zona carioca-fluminense do reino da macumba. É também o mais apelado e endinheirado. Seu terreiro de Caxias é luxoso e sua casa, onde

O GLOBO: 14 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 5

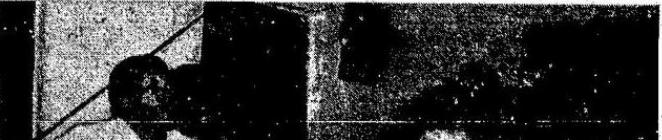
O GLOBO

Um Repórter no Reino da Macumba

IX - A PREFEITURA SUBVENCIONA TERREIROS

Três e Meio Milhões de Cruzeiros Para os Terreiros de Candomblé e de Umbanda — O "Despacho" Teria Eleito o Prefeito de São João de Meriti — Encantamento, Rezas e "Fechamento de Corpo"

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)



O GLOBO: 15 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 5

15-11-56

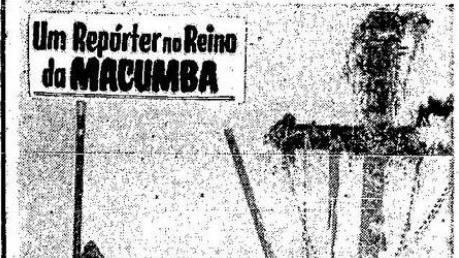
O GLOBO

Curandeirismo e Exploração

Consultas e Operações Nas Práticas da Macumba — Despacho Para Matar o Comissário da Polícia

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

Um Repórter no Reino da MACUMBA



O GLOBO: 17 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 4

O GLOBO

XII - Comidas, Bebidas e "Patuás" de Santos

A "Ioba" Prepara Canjiquinha Para Oxalá — Os Poderes do "Patuá" — Como se Fazem as Comidas

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

Um Repórter no Reino da MACUMBA



O GLOBO: 19 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 28

O GLOBO

19-11-56

Um Repórter no Reino da Macumba



XIII - CARNAVAL, FESTA DE EXU

Saíram Dos Terreiros Das "Filhas de Santo" os Primeiros Conjuntos Carnavalescos — Do Antigo Batuque das Negras Bantus ao Ritmo Dos Sambas

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

O GLOBO: 21 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 11

21.11.56

O GLOBO

Um Repórter no Reino da Macumba

XV - Paganização do Cristianismo

"São Excomungados Todos os Que Praticam a Macumba", Diz, Afinal, Frei Boaventura — A Posição do Católico e os Processos de Paganização

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

O GLOBO: 22 de Novembro de 1956, Matutina, Geral, página 15

22.11.56

O GLOBO

Um Repórter no Reino da Macumba NA FRONTEIRA DA IRRACIONALIDADE XVI

Frei Boaventura Kloppenburg e as Suas Experiências — Conclusões do Repórter

(De Bernardino Carvalho — Exclusivo Para O GLOBO)

ANEXO IX

ARTIGOS RELIGIOSOS

Grande sortimento para o seu ritual.

Umbanda e Candomblé

Tudo para plantas / utilidades plásticas ★ alumínio ★ iluminação materiais elétricos.

Lindos presentes em cerâmicas decorativas

Em tudo sempre os melhores preços

Floricultura Jardim do Méier

R. Sta Fé nº 103 - Tel.: 281-9361

(aos sábados aberto até 18hs)

Canecas p/Chopp - Taças p/ sorvete.

Fornecemos a festivais.



R. Adolfo Bergamini 132, S/204

Tel.: 289-5647 • 593-9197 • 281-9361

DO BARRO AO JARRO

A SUA LOJA DE UMBANDA DA TIJUCA

PROMOÇÃO ESPECIAL DE NATAL

TRAGA ESTE ANÚNCIO E GANHE 10%

NAS COMPRAS À VISTA

(Válido até 26/12/89)

Rua Barão de Mesquita, 227 Loja "B" Tijuca

Tel.: 284-6868

Aceitamos: Credicard - Sollo - Diners

UMBANDA E CANDOMBLÉ



Tudo p/ Festa
de Iemanjá

R. Cachambi, 344 Lj. G

Tel.: 581-2227

ANEXO X

Quinta-feira, 27 de setembro de 1990

O GLOBO

BARRA • 29

Hoje é dia de ganhar muitos doces

Hoje é dia de a garota da acordar cedo, vestir uma roupa bem confortável e sair às ruas carregando sacolas ou mochilas em busca de guloseimas. Apesar das dificuldades econômicas, a tradição de distribuir doces, balas e brinquedos no Dia de São Cosme e São Damião continua viva, para a alegria dos meninos e meninas, que usam vários truques para ganhar mais de um saquinho em cada lugar. Vale usar o velho golpe de dizer que tem um irmãozinho ou um primo em casa, trocar de roupa várias vezes ou entrar na fila de novo na maior "cara de pau". Na opinião de Gislany Cristina Miranda, de 13 anos, e sua amiguinha Adriana Pedreira, de 12, moradoras de Jacarepaguá, o importante é se divertir.

— Só na casa do Seu Carlos eu sempre consigo pegar mais de 10 saquinhos — confessa Gislany.

Adriana conta que, além de pegar doces nas casas, também fica atenta aos motoristas que

rondam as ruas de Jacarepaguá distribuindo saquinhos com guloseimas.

Seu Carlos, morador da Rua Pico do Andarai, distribui doces há mais de 30 anos, apenas pelo prazer de agradar a meninada. Mas, neste ano, ele só vai dar 50 saquinhos, pois pretende gastar no máximo Cr\$ 3 mil nas compras.

— Eu também não vou jogar balas de avanço, como costume fazer. Ficou tudo muito caro. Eu ainda nem pude comprar os doces.

Na Rua Pedra Branca, também na Taquara, mora Dona Denaise que, para pagar uma promessa feita a Cosme e Damião, distribui doces em sua casa, além de levar alimentos para as crianças de orfanatos. Este ano ela vai dar 600 saquinhos, no sábado, às 16h, mas não deverá jogar dinheiro de avanço, como costume fazer.

— Eu adoro a folia da garotada. Além disso, recebo a cada ano a ajuda de São Cosme e São Damião — afirma.

A devoção aos santos



é mantida em vários países. Cosme e Damião viveram na Sílfia por volta do ano 300 da nossa era, onde praticavam a medicina, muitas vezes gratuitamente. Eram católicos e fizeram muitos milagres, tendo sido decapitados, a mando de um governante, por se recusarem a renegar sua fé. Eles foram canonizados pela Igreja no ano de 630 DC, por ordem do Papa Félix IV. No Brasil, Cosme e Damião também são homenageados nos terreiros de umbanda e candomblé. Devido às suas vestes longas, eles começaram a ser reverenciados como crianças, de quem são protetores, assim como dos enfermos e necessitados, além de serem patronos dos cirurgiões e ajudarem a encontrar objetos perdidos.

Os devotos costumam pedir biscoitos, levar flores, acender velas e pagar promessas na Paróquia de São Cosme e São Damião, na Rua Leopoldo 434, no Andarai. Hoje haverá missas das 6h às 20h, além da venda de comidas, bebidas e lembranças em diversas barraquinhas.

A tradição do dia também estará presente no Centro do Rio. A diretoria da Sociedade dos Amigos da Rua da Carioca e Adjacências (Sarca) vai distribuir este ano 10 mil sacos de doces, para agradecer o tombamento da rua.

Lojas cobram mesmo preço

Quem ainda não comprou os doces precisará dispor de, pelo menos, Cr\$ 2 mil para encher os saquinhos. No Depósito Bela Vista, na Estrada dos Bandeirantes 250, Taquara, os preços estão praticamente iguais aos dos supermercados, segundo o gerente Ronaldo Souza da Silva.

O saco de um quilo de balas sortidas está sendo vendido no depósito a Cr\$ 165, o pirulito a Cr\$ 75, bananaada, maria-mole e geléia a Cr\$ 150 e pé-de-moleque a Cr\$ 90. Os saquinhos custam Cr\$ 55 a centena.

Na Barra da Tijuca, uma boa opção de compras é no Makro, na Avenida Alvorada 2.300. Lá, os doces em embalagens com 50 unidades custam Cr\$ 145. O quilo da bala Juquinha sai por Cr\$ 158. A marca Kids está a Cr\$ 155 e os saquinhos estão sendo vendidos por Cr\$ 295.

62 • ECONOMIA

O GLOBO

Domingo, 7 de outubro de 1990

Do motel à macumba, o cartão paga tudo

Atingido em cheio pela queda do poder aquisitivo e pelas fortes restrições ao consumo impostas pelo Plano Collor, as administradoras de cartões de crédito começaram a invadir novos espaços no mercado. São os chamados segmentos alternativos, que já respondem por cerca de 15% do faturamento total das empresas e possibilitam aos portadores de cartões pagarem uma revista em uma banca de jornal, um enchurrasco em uma barraca de praia ou até materiais utilizados num despacho de mala. Isso sem a cobrança de multas, como ocorre nos segmentos tradicionais.

O proprietário da loja O Mundo dos Orixás — especializada em artigos de umbanda —, Eliton Vasconcelos, diz que há cerca de quatro meses vem trabalhando com o sistema de cartões de crédito e já responde por cerca de 15% das suas vendas mensais. Ele admite, no entanto, que grande parte dos seus clientes ainda fica surpresa com fato de uma loja de produtos de umbanda aceitar cartões de crédito. Mas, acrescenta, eles acabam elegendo a alternativa.

Mas os cartões de crédito não fazem parte da folia dos Orixás. Segundo o Monsenhor Amarilis Rodrigues, eles também abrem as portas da felicidade para aqueles que querem casar e não possuem dinheiro de imediato para pagarem a cerimônia religiosa. E o que acontece, pelo menos, na igreja da Paróquia da Boa Morte, no bairro do bairro de Aldeota, em Fortaleza, Ceará. Lá, afirma o Monsenhor, além da cerimônia de casamento, os portadores podem pagar, com os cartões Credicard e Diners Club, batizados e até fazerem doações para a igreja.

Uma noite num motel ou os "prazeres" de uma sauna cheia de lindas



Bechara Jalkh: curso de detetive



O feirante Antônio André aceita todos os tipos de cartões e garante que as vendas aumentaram de 20% a 30%

garotas são outras opções que os cartões de crédito oferecem aos saudáveis consumidores. Em 30 dias, sem juros. Mas, nesses casos, há algumas restrições. Nas casas de massagens, por exemplo, somente as bebidas podem ser pagas com cartões. A companhia das meninas, só através de dinheiro ou cheques.

— Esta decisão foi tomada há cerca de dois meses, pois praticamente 90% dos frequentadores estavam pa-

gando todas as despesas com cartões de crédito, e as meninas tinham que esperar 30 dias para receber o dinheiro das administradoras, com um desconto de até 5%, a título de taxa de serviço — conta uma funcionária da Thermas Buenos Aires.

O cinema é outra área que os cartões de crédito querem invadir. O primeiro passo foi dado pelo Nacional, no mês passado, que possibilitou aos seus clientes pagarem, com cartão, os ingressos dos filmes selecio-

nados para uma mostra. Segundo o presidente da Cartas Nacionais, Antônio Carlos Loyola, o faturamento do cartão, no evento, superou Cr\$ 1 milhão.

Os cursos de detetives particulares também podem ser quitados através de cartões de crédito. É o que informa o Diretor do Instituto de Investigações Científicas e Criminais, detetive Bechara Jalkh, ressaltando que, de cada dez inscrições que recebe, duas são pagas com cartão. Ele lem-

bra que o credenciamento junto às administradoras foi feito no início do ano passado, mas o uso dos cartões só foi intensificado após a edição do Plano Collor.

Bechara Jalkh diz que a procura pelos cursos de detetive particular é grande. A demanda vem tanto de pessoas físicas quanto de empresas, que chegam a desembolsar cerca de Cr\$ 3 mil por mês, por pessoa, durante os seis meses de duração dos cursos.

Nas feiras-livres, também já é aceito

Os cartões de crédito, normalmente aceitos em restaurantes, lojas e supermercados, começaram a ser usados em outras áreas. Nas feiras-livres também já estão aceitando quase todos os cartões. Pelo menos, é o que se pode observar na feira-livre de Ipêuna, onde os consumidores se deliciam com o doce sabor de frutas frescas, como laranjas, abacaxis, maracujá, peras, maçãs e outras, comprando com a facilidade de pagar em 30 dias.

O plano de introdução dos cartões em feiras-livres é da Sul. O Antônio André, feirante há mais de 40 anos e que, há cinco, passou a aceitar cartões. Segundo ele, a iniciativa lhe rendeu bons resultados. Trabalhando com a cunhada, Marlene Martins, Antônio afirma que suas vendas aumentaram de 20% a 30%, dependendo da localização da feira e do poder aquisitivo dos fregueses.

Sempre procurou fazer dos fregueses a vida que queria, com boa comida, facilidade e vida dos consumidores. Não cobro juros, nem aumento de preço das mercadorias — garante.

Inicialmente, Antônio só trabalhava com o cartão Brádesco, mas a receptividade foi tão grande que resolveu introduzir outros cartões. Assim, em sua barraca, em uma das esquinas da Praça Nossa Senhora da Paz, a vista dos consumidores, um cordão com os dezenove diferentes tipos de cartões, anuncia a receptividade de cartões com os quais opera.

Antônio já conta, inclusive, com fregueses fiéis, como o motorista César de Bessa. Para César, a novidade

ANEXO XI

Fundador da Igreja Universal é indiciado por charlatanismo

O Diretor da Polinter, Delegado Osmar Saraiva, indiciou o fundador e líder espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo Bezerra, com base nos artigos 171, 233 e 284 do Código Penal (estelionato, charlatanismo e curandeirismo). Saraiva tomou a decisão no domingo — véspera do culto realizado pela Igreja no "stádio do Maracanã" — após o pastor ter prestado depolmento na Polinter.

Segundo o Delegado, Macedo tomou conhecimento do inquérito — instaurado em dezembro de 1988 — e afirmou que prestará as declarações necessárias em Juízo. Ainda de acordo com Saraiva, Macedo recebeu um ofício com determinações para serem cumpridas em dez dias. O pastor terá que revelar os nomes e respectivos endereços de 60 pastores que trabalhavam na Igreja Universal do Reino de Deus na época em que o inquérito foi instalado.

Saraiva — que preside o inquérito sobre a Igreja Universal — revelou que pedira ontem ao Instituto Félix Pacheco a folha de antecedentes do pastor. O mesmo pedido fora feito às autoridades paulistas, já que Macedo está morando em São Paulo, onde dirige a TV Record. O Delegado contou ainda que peritos do Instituto Carlos Éboli (ICE) estão analisando fitas de vídeo com programas sobre a Igreja Universal do Reino de Deus que mostram sessões de cura.

— Os peritos dirão se as cenas apresentadas nesses programas podem ser consideradas curandeirismo ou charlatanismo — disse.

O prazo para conclusão do inquérito termina no fim do mês, mas o Delegado deverá pedir prorrogação, já que, segundo ele, não será possível fazer a qualificação dos 60 pastores até o fim do mês.

O inquérito, que tem três volumes e 446 folhas, foi instaurado em 1988 a pedido do Procurador Geral de Justiça do Estado, Carlos Antônio Navega. A reivindicação de Navega fora motivada por denúncias apresentadas em um dossiê do Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros.

ANEXO XII

► O tamanho das religiões afro-brasileiras

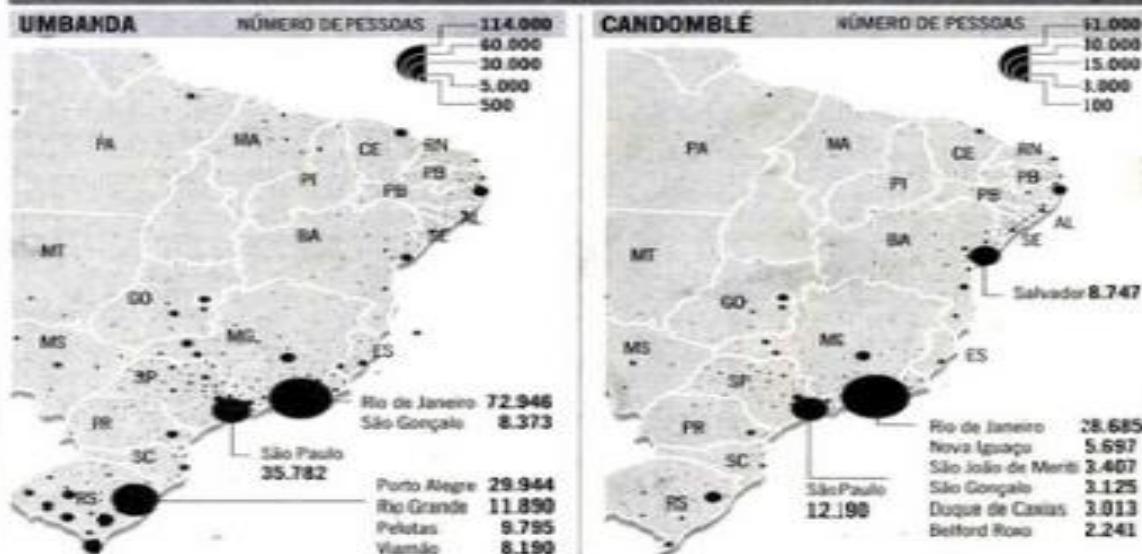
UMBANDA

Oficialmente, é a religião criada no Estado do Rio de Janeiro, na primeira década do século XX, por Zélio de Moraes, a partir de matrizes africana, brasileira (índigena), europeia (catolicismo e kandemismo) e asiática (hinduismo). Ela reforçou paralelos, já existentes no candomblé, com o catolicismo, sendo por isto vista como o embranquecimento do candomblé.

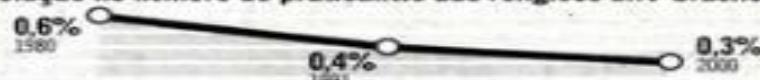
CANDOMBÉ

Foi desenvolvida no Brasil a partir dos escravos africanos, de distintas etnias. Originalmente, não dispunha de incorporação de espíritos. Em algumas derivações, privou-se do sacrifício de animais, pois o sangue é o princípio da vida. Exalta a natureza e tem extenso repertório mitológico de origem africana, sendo mais complexa que a umbanda.

MUNICÍPIOS COM MAIS ADEPTOS NO BRASIL



Evolução no número de praticantes das religiões afro-brasileiras



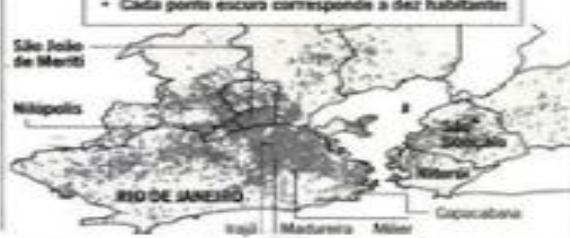
NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO

UMBANDA Percentual da total da população

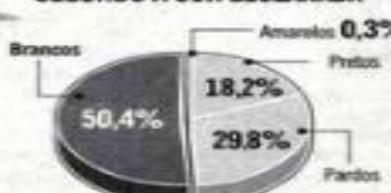


GRANDMILLÉ

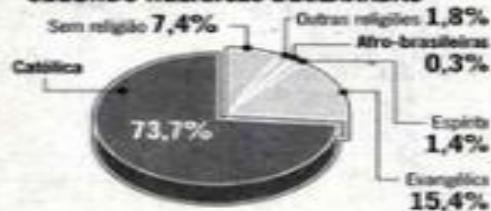
© 2000 DUMBBELL



SEGUIDORES DE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS SEGUNDO A COR DECLARADA



DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO RELIGIÕES DECLARADAS

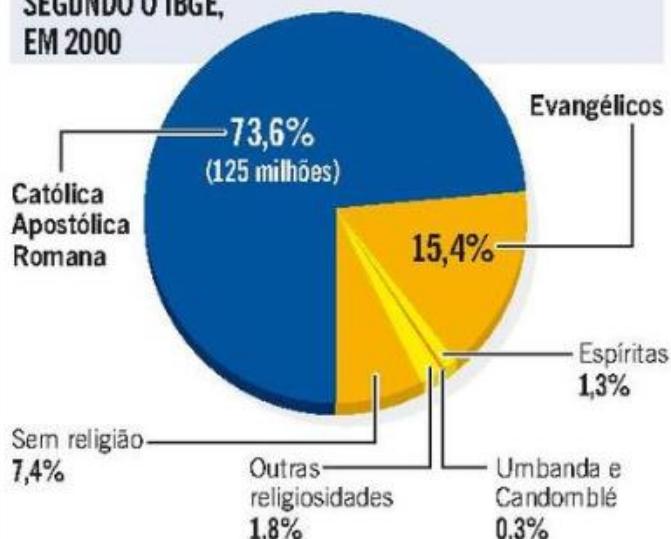


FONTE: IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais/GEADD/INEP. Censo Demográfico 1991-2000. "Atlas da Religião religiosa e indicadores sociais no Brasil", e Reginaldo Prandi, em "Segredos guardados da religião dos afro no Brasil".

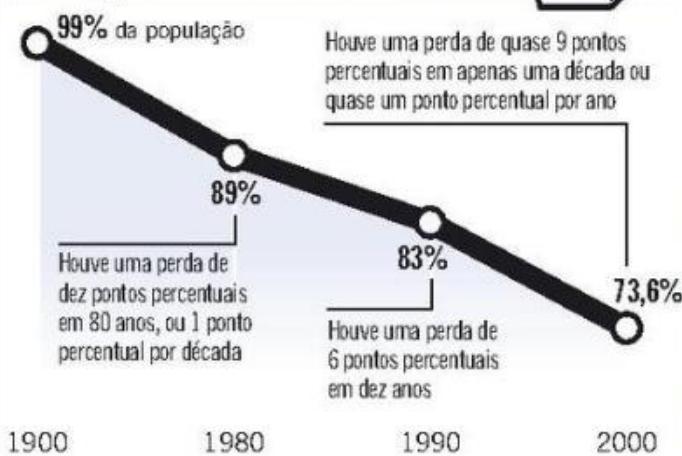


A religião no país em números

SEGUNDO O IBGE,
EM 2000



A REDUÇÃO DO CATOLICISMO NO BRASIL



SEGUNDO A IGREJA CATÓLICA

- ▶ O mundo tem 1,1 bilhão de católicos
- ▶ O Brasil é o maior país católico do mundo

A SITUAÇÃO POR REGIÃO

- O panorama estadual das religiões, segundo o IBGE/2000, mostra que:
- ▶ O catolicismo tem maior penetração nos estados do Nordeste
- ▶ O catolicismo tem menor penetração no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rondônia.
- ▶ Os evangélicos têm maior concentração no extremo Norte, principalmente no Amazonas, Roraima, Acre e Rondônia, além dos estados de Goiás, Rio de Janeiro e Espírito Santo



CIDADES 100% CATÓLICAS

- ▶ Nova Alvorada (RS)
- ▶ União da Serra (RS)
- ▶ Nova Roma do Sul (RS)
- ▶ Vespasiano Corrêa (RS)



NÍVEL EDUCACIONAL DOS FIEIS

(Anos de estudo):

A maior média de tempo de estudo é da população espírita (9,58 anos) e a menor, dos evangélicos pentecostais (5,34 anos):

▶ Católica apostólica romana	5,86 anos
▶ Evangélicos	5,83 anos
▶ Espírita	9,58 anos
▶ Umbanda e Candomblé	7,19 anos
▶ Outras religiosidades	7,01 anos
▶ Sem religião	5,65 anos

ANEXO XIII

Sábado, 1 de janeiro de 2005

O GLOBO

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: 'Hoje há omissão do Estado'

Marco Antônio Teles/23-12-2004



RITUAL UMBANDISTA: praticantes preparam campanha em defesa da pluralidade e contra a intolerância

Organizações recorrem à Justiça contra ataques das neopentecostais

Procuradoria dos Direitos do Cidadão acusa emissoras de TV de racismo

Chico Otávio e Toni Marques

• Lentamente, as religiões afro-brasileiras vêm buscando meios de defesa mais concretos. O advogado Hélio Silva Júnior, presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP, está representando organizações de candomblé e umbanda em ações na Justiça em São Paulo, Porto Alegre, Minas Gerais e Paraná, para defendê-las de ataques de igrejas neopentecostais.

Uma delas, juntamente com a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, é uma ação civil pública contra duas redes de televisão, sob acusação de racismo, por terem ambas as emissoras veiculado, segundo a ação, ataques às religiões afro-brasileiras de forma racista. O valor da indenização pedida na ação é de R\$ 5 milhões.

A União também pode ser responsabilizada, dado o caráter de concessão pública que caracteriza a transmissão de

TV. O advogado produziu uma tese de doutorado acerca do direito constitucional sobre a liberdade de crenças:

— De fato, não há religião que tenha sobrevivido sem alguma forma de organização para dialogar politicamente com a sociedade.

Advogado se queixa de omissão do governo

Segundo ele, a forma atual da discriminação pouco difere daquela enfrentada no passado pelas religiões afro.

— É uma discriminação no plano histórico. Mas hoje há uma lastimável omissão do Estado. Os meios de comunicação, permissionários do Estado, não podem servir para pregação de ódio e discriminação. Isto é um potencial de tensão social muito grande.

Hélio informa que uma campanha nacional será lançada para conscientização de que a pluralidade é uma característica brasileira. A campanha terá vídeo, cartaz, cartilha

e folheto, para levar o debate ao Poder Judiciário e impedir a propagação da intolerância.

Ubiratan Castro, presidente da Fundação Palmares, disse que as religiões afro-brasileiras vêm sendo atacadas há uns cinco anos pelos evangélicos pentecostais:

— É um fenômeno sem paralelo em toda a América Latina. Mas há uma mobilização contra esse ataque. Existe uma renovação na base de fiéis. A juventude adere ao candomblé e à umbanda, trazendo novas lideranças.

Antônio Basílio Filho, advogado e diretor jurídico do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo e candidato derrotado a vereador nas eleições deste ano, insiste também na necessidade de organização:

— Queremos e precisamos nos organizar. Hoje, infelizmente, existem mais caciques do que índios. Ou nos organizamos ou então larguemos a religião. ■

ANEXO XIV

O GLOBO: 09 de Junho de 2007, Matutina, Rio, página 25

Sábado, 9 de junho de 2007

O GLOBO

RIO • 25

FASHION
rio

Rock e orixás na saideira

Complexo B e Totem empolgam com desfiles para lá de criativos

Elisa Torres e Jacqueline Costa

Dois dos últimos desfiles da 11ª edição do Fashion Rio que acabou ontem primaram pela criatividade — e fizeram a platéia que compareceu à Marca da Glória não se arrependeu nem um pouco da maratona fashion. Enquanto o Complexo B, de Beto Neves, explorou o universo afro-brasileiro dos orixás, Fred D'orey da Totem escorreu a roqueira americana Patti Smith, pioneira do punk rock, como ícone da coleção.

Os clássicos típicos das religiões afro-brasileiras marcam o ritmo do desfile da Complexo B, um dos mais cultuados da noite de ontem. A cantora Rita Ribeiro e o DJ Mam comandavam o batuque eletrônico da passarela, um corredor enfeitado com palmas brancas e galhos de arruda. O aladeado modelo Felipe Huise abriu o desfile da coleção, intitulada "O reino de Oxalá — a marca dos orixás na cultura brasileira", de capa preta com fundo vermelho. Um dos muitos modelos negros desfilou de bengala e terno branco, em clara referência ao Preto Vello. A sunga com estampa de palha era a peça usada pela figura do Omulu ou Obaluaé, o São Lázaro do catolicismo.

Mais do que fazer apologia ao candomblé ou à umbanda, o estilista assumiu a identidade mística de sua marca, que sempre teve a figura de São Jorge representada em estampas.

— Eu quis mostrar, de forma bem humorada, a relação que tenho com a cultura afro-brasileira — diz Beto Neves.

A Totem e o seu verão muito do sexy, regado a rock

Com a predominância do branco, a coleção do estilista teve ainda muito vermelho, azul, amarelo e verde, tons que representam os elementos da natureza. O dourado, o preto e as diversas padronagens do xadrez, outra marca registrada da Complexo B, também estavam lá. São calças que lembram as usadas na capoeira, bermudas ajustadas, acessórios com figuras gi-

gantes e aplicações de bázios, coletes usados como peças-curinga, linhos estonados e camisetas over, com três ou quatro números acima dos manequins. Nas estampas, é claro, estavam a iconografia dos orixás e símbolos como as pomadas brancas, os cablocos e os pretos-velhos. Ex-Monobloco, o ator e músico Sérgio Loroza fechou o desfile, aplaudido de pé, caracterizado de Oxalá.

O verão Totem é puro rock and roll, com misturas de alfaiataria e modelos sexy. Gaúcha de Caxias do Sul, a modelo Gisele Hein — uma das campões em participações no Fashion Rio, belíssima — abriu o desfile da grife ontem, de longo preto e megadecote. A roqueira Patti Smith e seu visual por vezes androgino, por vezes ultrafeminino, aparece em referências como nas estampas.

Black jeans, rascaches enganachados, riscas e detalhes de romantismo como babados e decotes ousados também estão presentes. As modelagens são assimétricas, volumosas. Tudo é muito mini. Cherâses, calças, shortinhos. Como nas coleções anteriores, Fred D'orey mostrou grandes estampas coloridas, marcas registradas da grife. Em uma delas, corações enormes nas cores roxo e rosa se sobressaem em um fundo preto. O suspensório masculino está, definitivamente, na moda. Já havia aparecido na Sandpiper e na coleção de Marcelo Labrador, e voltou a dar o ar da graça na Totem. O CD traz com a trilha sonora do desfile tinha hits do rock como "The Crystal Ship", do The Doors, e "Sometimes Always", de The Jesus & Mary Chain. Gisele Hein voltou a aparecer no final do desfile da Totem.

— Eu acredito que ela seja uma das novas promessas brasileiras aqui e no exterior — disse o seu empresário, Sérgio Mattos.

Elisa Chanán e Alessa fecharam a noite da Marina e do Fashion Rio. ■

ON O GLOBO ONLINE:
Veja as fotos dos desfiles.
www.globo.com.br/globo



SÉRGIO LOROZA: de Oxalá na Complexo B



MÔDELO: afinal com os orixás na Complexo B. Platéia se empolgou e aplaudiu de pé



VESTIDO: curto e volumoso na coleção da Totem

O verão dos vestidos

A silhueta é arredondada e a cintura, marcada

Patrícia Veiga*

• É o verão dos mil e um vestidos. Nas mais variadas formas, do supermini ao longo. A silhueta que mais chamou atenção no Fashion Rio foi a arredondada, seja ovo, bolha ou balão. Mas nem tudo é volume. Existem os modelos retos e fluidos. Outro destaque nas passarelas foram os shorts, curtíssimos ou balonê — além das pantalonas, dos sarouéis e dos macacinhos confortáveis. A silhueta está solta do corpo, e o esporte ainda influencia as coleções nas parkas em tecidos tecnológicos e nos detalhes como no capuz, nas barras com elásticos e nos coliseus.

Feminina, a temporada vem cheia de drapeados, laços e babados. A cartela de cores circula do areia aos vibrantes laranja, amarelo, pink e azul-cobalto, passando pelos pretos e pelos tons fluorescentes. Nos pés, muitas plataformas, verniz e sandálias rasteiras com tiras. O cinto é acessório de peso, marcando a cintura, que voltou para o lugar.

O Fashion Rio foi bastante feliz na moda praia, que conseguiu se renovar, criando novas e inusitadas modelagens e transpondo para as areias o que anda pelo asfalto.

*PATRÍCIA VEIGA é coordenadora de moda do Caderno ELA

O GLOBO: 16 de Junho de 2007, Matutina, Jornais de Bairro, página 2

2 • NITERÓI

O GLOBO

Sábado, 16 de junho de 2007


BETY ORSINI
 orsini@oglobo.com.br

Os orixás protetores da Complexo B

Oxalá e orixás da umbanda e do candomblé invadiram as passarelas de moda na última edição do Fashion Rio, sendo reverenciados, pela primeira vez, em uma coleção de roupas. A homenagem partiu de Niterói, mais precisamente do estilista Beto Neves, da Complexo B, um legítimo niteroiense apaixonado por moda e adepto do uso de ícones religiosos em suas coleções. A força de Beto vem de São Jorge, seu santo protetor, que ele transformou em ícone fashion que virou estampa de sucesso em todo o Brasil.

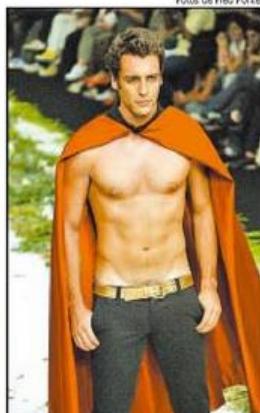
Tudo bem, Beto até já reverenciou outros santos — Nossa Senhora da Conceição, Escrava Anastácia, Nossa Senhora de Aparecida, Santo Antônio — e o sucesso sempre esteve presente. Não que ele seja volátil. Nem pensar! Apenas porque Beto acha que proteção e bom gosto são os maiores aliados de qualquer estilista. Mas, dessa vez, ele não fez por menos: decidiu convocar todas as entidades para um encontro de moda e fé. A apresentação, na Marina da Glória, não poderia ter sido mais emocionante, com direito a todos os arquétipos das religiões afro-brasileiras que alimentam as nossas paixões e fé pisando na passarela. Confesso que tive medo quando soube do tema, pois religião é uma coisa que



BETO NEVES, da Complexo B, com Sérgio Loruso: 180 quilos do mais puro Oxalá



ZÉ PILINTRA incorporado em Daniel Echaniz: a bengala foi oferecida pela própria entidade



FELIPE HULSE como Exu: capa preta de fundo vermelho e, pasmem, calça skinny

Fotos de Fred Portes

meu amigo, lá estava eu, sentada na disputada primeira fila, esperando literalmente o início dos trabalhos. Na passarela, Beto espalhou comigo-niguém-pode, arruda, eucalipto, rosas brancas, costela-de-adão e espada-de-são-jorge, lógico.

Logo na entrada, o modelo Felipe Hulse encarnou o Exu. Quando Felipe abriu a capa arrasando com a calça skynny e a barriga de tanquinho, ecoaram gritinhos de prazer e frases tipo "Quero esse Exu lá em casa!" Omolu,

o que se cobre de palhas, chegou totalmente erótico com seu adereço de cabeça e usando sunga. Amei a estampa que tinha um caboclo empinando um arco e flecha com a frase: "Vestimenta de caboclo é samambaia". Beto explicou que é o cântico para o caboclo incorporar e, jogando o corpo para frente e para trás, rodopiou embalado pelos versos: "Vestimenta de caboclo é samambaia/é samambaia/saia caboclo não me atrapalha/saia do meio da samambaia!" Mas gente, se você é dos meus, que não recebe ou incorpora nada, evite sair por aí vestido só com uma folha de samambaia. Mesmo que essa folhosa tendência tenha sido lançada durante o Fashion Rio e mesmo que você esteja sob a proteção dos orixás. Todo cuidado é pouco para não melindrar o "povo". Axé, Babá!

respeito: Beto iria misturar moda com divindades como pombagira, exu, preto-velho, caboclo e lemanjá. Com medo da reação dos santos, procurei meu amigo para perguntar se ele não tinha receio de mexer com o "povo": "Beto, você não acha melhor deixar os santos quietos, já que eles estão te protegendo?" Ele respondeu: "Pode ficar tranquila. Já consegui autorização de vários terreiros daqui e da Bahia." E disse, ainda, que nesses tempos de personal tudo, contratou uma personal espiritual, Cristina de Itaboraí, que o orienta em todas as áreas da vida. Fiquei mais aliviada quando ele me contou que o "povo" gostou tanto da homenagem que algumas entidades até lhe enviaram patuás. Seu Zé Pilintra foi uma delas: mandou uma bengala para abençoar o desfile. E como não poderia deixar de prestigiar o

O GLOBO: 17 de Agosto de 2008, Matutina, O País, página 18F

6B • O PAÍS

O GLOBO

Domingo, 17 de agosto de 2008

Eleições 2008

Dos terreiros para os currais 'dos santos'

Em Recife, babalorixás e ialorixás lançam candidatos próprios para defender interesses da umbanda e do candomblé

Letícia Lins

• RECIFE. Cansados de ser ora alvo da perseguição de políticos — que costumam desaparecer após as eleições — ora de seus interesses, babalorixás e ialorixás pernambucanos resolveram contra-atacar: lançaram em Pernambuco candidatos próprios para representar interesses da umbanda e do candomblé. Filia-dos ao PT, ao PCdoB e ao PTB,

eles disputam eleições como legítimos indicados de pais, mães e filhos de santo nos três principais municípios da região metropolitana: Recife, Jaboatão dos Guararapes e Olinda, numa articulação que é inédita no estado.

A ialorixá Joana Maria da Silva, a Mãe Jane, oito filhos biológicos, oito adotivos e uma multidão de seguidores, diz que a decisão se estenderá a outras eleições para a Assembléia e a

Câmara dos Deputados:

— A gente elege vereador, deputado, governador. Eles vêm aos terreiros, dançam, cantam, comem a comida do candomblé, mas, assim que se elegem, nos dão as costas. Não nos conhecem mais. Precisamos de representantes no Legislativo, porque tudo o que nos é devido é cortado. A Igreja Católica tem representantes e os pentecostais também — afirma Mãe Jane, de 61 anos, 41 de culto aos orixás.

Historiadora e comandando a Casa Ilê Axe Oyá Eguntá, em Olinda, Mãe Jane lançou o seu candidato a vereador. Ele disputa um mandato pelo PCdoB e usa na propaganda eleitoral o nome que o atrela à mãe-de-santo: Fernando de Mãe Jane. Nos panfletos de propaganda eleitoral, não faz referência aos terreiros e se autoproclama um "ativista das causas justas". ■



JUNIOR AFRO, candidato a vereador em Recife, e Mãe Lais Alodé

Hans von Manteuffel

O GLOBO: 22 de Setembro de 2008, Matutina, Rio, página 13

Segunda-feira, 22 de setembro de 2008

O GLOBO

RIO • 13

Ato por liberdade religiosa reúne 10 mil pessoas

Representantes de diversas crenças participam de caminhada contra a discriminação na Praia de Copacabana

Natália Soares

• O som do berimbau e cânticos do candomblé e da umbanda deram o tom da Caminhada pela Liberdade Religiosa, na Praia de Copacabana. Promovida por entidades religiosas, o evento reuniu cerca de dez mil pessoas, segundo os organizadores. Para o coordenador-geral do evento, o babalorixá Ivanir dos Santos, uma das motivações para a caminhada foi a depreciação do Centro Espírita Cruz de Oxalá, em junho deste ano, no Cateote, por quatro jovens evangélicos:

— É preciso acabar com o desrespeito com as religiões, a discriminação na escola. Precisamos criar mecanismos que colbam esses ataques.

Ministro defende combate à discriminação

A passeata, que começou por volta das 9h nas proximidades do Posto Dois, contou com a presença do ministro Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. O ministro afirmou ser necessária a proteção de grupos considerados vulneráveis à discriminação, e afirmou repudiar "seitas que são intolerantes com a diversidade religiosa".

— As religiões com raízes africanas sempre sofreram, historicamente, muitas perseguições no Brasil. Devemos apoiar esses grupos, pois a di-



Marco Antônio Cavalcanti

A CAMINHADA na Avenida Atlântica: vestidos de branco, representantes de religiões afro-brasileiras lideram a passeata, do Posto Dois ao Posto Cinco

versidade é a nossa riqueza.

A maioria dos participantes da caminhada usava trajes com motivos africanos, carregando estandartes e bandeiras referentes a entidades sagradas do candomblé e da umbanda.

Representantes de igrejas evangélicas e católicas também compareceram, além de religiões orientais como Jórei e Perfect Liberty, e o assessor da Comissão Episcopal para o Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (Cnbb), Marcial Maçaneiro.

gio Niskier, presidente da Federação Israelita do Rio de Janeiro, é preciso combater o preconceito contra todas as religiões, especialmente as afro-brasileiras:

— Vamos apoiar o movimento porque é preciso que a sociedade acabe com estas agressões.

Representantes de ciganos,

muçulmanos, evangélicos e católicos também compareceram, além de religiões orientais como Jórei e Perfect Liberty, e o assessor da Comissão Episcopal para o Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (Cnbb), Marcial Maçaneiro.

A caminhada, que só terminou

Deficientes físicos têm Dia de Luta

Renata Leite

• O Dia Nacional de Luta dos Portadores de Deficiência foi comemorado neste domingo com eventos de caráter inclusivo, nas praias de Copacabana e Icaraí, em Niterói. Mesmo debaixo de chuva, a programação seguiu inalterada.

Em Icaraí, a comemoração, organizada pela Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (Andef), começou às 9h, chamando a atenção das pessoas que caminhavam no calçadão, enquanto a chuva ainda era fina. Houve apresentação do grupo de dança Corpo em Movimento, formado na própria entidade. Nele, cadeirantes e amputados interagem com pessoas sem deficiência em movimentos de dança. O músico Marcelo Yuka, que ficou paraplégico após ser baleado num assalto, participou do ato.

O GLOBO NA INTERNET
GALERIA Veja imagens da Caminhada contra a intolerância religiosa
oglobo.com.br/rio

ANEXO XVI

O GLOBO: 21 de Novembro de 2008, Matutina, O País, página 9

Sexta-feira, 21 de novembro de 2008

O GLOBO

Lula anuncia plano nacional contra intolerância religiosa

Presidente se reúne com líderes de tradições afro no Rio

Itala Maduell

• O presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou ontem um Plano Nacional de Combate à Intolerância Religiosa e se comprometeu a enviar ao Congresso projeto de lei tornando mais rigorosas as punições à perseguição religiosa. Em ato pelo Dia da Consciência Negra, no Rio, o presidente reuniu-se ontem no Rio com líderes religiosos — presbiterianos, católicos, umbandistas e judeus. Lula recebeu um documento que, entre outros pontos, pede punição a veículos de comunicação que pregam a intolerância religiosa. O senador Marcelo Crivella (PRB-RJ), bispo licenciado da Igreja Universal, apareceu de surpresa e assistiu à reunião.

Ivanir dos Santos, babalô (sacerdote da tradição iorubá), saiu do encontro satisfeita.

— Foi muito bom. Saímos com a certeza de que o presidente vai elaborar um plano de combate à intolerância religiosa e um projeto de lei para ser enviado ao Congresso, em parceria com esse fórum de religiosos e reunindo os ministérios da Justiça, da Igualdade Racial, das Comunicações e a Casa Civil.

Participaram Ivanir, mãe Regina do Bongbosê (filha e neta de africanos) e Pai Zezinho da boa Viagem, do candomblé; Mãe Fátima Damas, da umbanda; dom Antônio Duarte, bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio; Marco Amaral, pastor da Igreja Presbiteriana; Sérgio Niskier, presidente da Federação Israelita.

Ivanir abriu a reunião lembrando que em 1994 levou o então candidato Lula ao barracão de mãe Yá Nitinha, no Rio, e que o presidente na ocasião foi alvo de ataques da Igreja Uni-

versal pela visita. Todos os religiosos falaram. Dom Antônio, em nome da CNBB, manifestou o apoio da Igreja Católica aos religiosos de matriz africana na luta pela liberdade religiosa.

— Todos realistramos nosso apoio à reivindicação, porque a diversidade e a riqueza religiosa é um fato incontestável.

Mãe Beata de Yemanjá, emocionada, chorou ao pedir provisões por "não agüentar mais ver seu povo massacrado".

Uma das reivindicações é que o governo proíba patrocínio de órgãos e estatais a veículos de comunicação que estimulam a intolerância. A carta também pede ao Ministério das Comunicações punição a esses veículos com multa e retirada da programação do ar.

Crivella assistiu à reunião em silêncio. Segundo os presentes, o clima era de constrangimento.

Ainda estavam presentes a senadora Marina Silva; os ministros Edson Santos (Igualdade Racial) e Orlando Silva (Esporte); Nilcéa Freire (Políticas para as Mulheres); e o governador em exercício, Luiz Fernando Pezão.

A reunião, a portas fechadas, ocorreu no Centro Administrativo do Tribunal de Justiça, antes da inauguração de um monumento em homenagem a João Cândido, o Almirante Negro, na Praça XV. Ao ser anunciado como uma das autorida-

des presentes à inauguração, Crivella foi vaiado pela platéia.

Depois da reunião, o pastor presbiteriano Marco Amaral destacou que sua presença como representante de "milhões de evangélicos que não se alinham com os absurdos praticados notadamente pela Rede Record e pela Igreja Universal".

— Não queremos apenas tolerância, que pressupõe alguma intolerância; queremos que haja respeito. O cristianismo dialoga, é inclusivo e propositivo.

Niskier destacou a importância do encontro:

— Nós judeus sabemos o que é a intolerância. O compromisso do presidente dá mais consistência na luta pelo respeito e pela dignidade das religiões. Temos certeza de que não vai ficar só nas palavras.

A proposta da comissão para o Plano de Combate à Intolerância Religiosa pre-

vê a aplicação imediata da Lei 10.693, sancionada por Lula em 2003, que obriga as escolas públicas e particulares a ensinar História da África e Cultura Afro-Brasileira. E que a Secretaria Nacional de Segurança Pública oriente as delegacias de todo o país, como já acontece no Estado do Rio, para que cumpram efetivamente a Lei 7716/89, a chamada Lei Caó, que tipifica o crime de intolerância religiosa.

Crivella não foi encontrado para falar sobre a reunião. ■

Não agüento mais ver meu povo massacrado

Mãe Beata de Yemanjá

Saímos com a certeza de que o presidente vai ajudar

Ivanir dos Santos

ANEXO XVII

O GLOBO: 13 de Abril de 2009, Matutina, Rio, página 12

12 • RIO

O GLOBO

Segunda-feira, 13 de abril de 2009

Mãe de santo é vítima de intolerância religiosa

Caso de psicóloga, que já foi ameaçada por fazer cultos em casa, será encaminhado hoje ao Ministério Pùblico

Fábia Oliveira*

• A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa vai encaminhar hoje ao Ministério Pùblico o caso da mãe de santo Adriana de Holanda, de 34 anos. Moradora de São Domingos, bairro de classe média de Niterói, ela tem recebido ameaças constantes dos vizinhos por causa dos cultos religiosos que acontecem em sua casa, sempre à segunda-feiras.

— Já perdi as contas de quantas vezes a polícia bateu aqui. Venho sendo perseguida há cerca de um ano — conta Adriana, que trabalha como psicóloga na Fundação Oswaldo Cruz.

Segundo ela, no início as agressões eram verbais. A vizinha reclamava quando Adriana acendia velas ou defumadores.

— Eles me chamavam de macumbeira. Eu nunca respondi, porque sempre quis ficar longe de confusão — diz ela, conhecida como Mãe Adriana de lansá.

Em fevereiro, porém, a intol-

erância religiosa ficou mais séria, e o cunhado de uma vizinha tentou agredi-la a tapas.

— A sorte é que meu marido estava perto e me defendeu. Depois, o rapaz ainda tentou pegar uma barra de ferro para me bater. Passei por momentos terríveis — lembra Adriana.

Prefeitura de Niterói também visitou casa

O caso foi parar na delegacia. Como os cultos continuaram, a vizinha resolveu fazer um buraco no muro e colocar uma caixa de som com música alta.

— Ninguém consegue se concentrar desse jeito — reclama Adriana.

Segundo a mãe de santo, os cultos se encerram às 22h. A janela e a porta do quarto ficam trancadas durante a sessão.

Ivanir dos Santos, da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, vai pedir ao Ministério Pùblico garantia de vida para Adriana e o marido dela, Davi:

— O rapaz que pegou a barra

de ferro para bater em Adriana se vangloria de ter trabalhado como segurança. Nós tememos pela integridade física do casal.

Em um ano, Adriana não teve que se explicar apenas com a polícia. Pouco depois da reclamação oficial da vizinha, fiscais da Prefeitura de Niterói estiveram em sua casa. Eles fizeram investigar denúncias de que ali funcionava um terreiro de umbanda sem licença.

— Não tenho uma casa espiritual aberta. Quem me procura

sabe que não há filas na minha porta e que não cobro pelas consultas — defende-se ela. — Tive que ir à prefeitura explicar que não tenho um terreiro no quintal. Não vou parar minhas atividades religiosas de jeito algum. Foi uma missão que eu recebi e irei cumprí-la até o final.

A assessora de imprensa da Prefeitura não foi encontrada para comentar o caso. ■

* Do Extra



Ana Branco

ANA DE HOLANDA mostra boletim de ocorrência na polícia: vizinho ameaçou usar barra de ferro contra ela

O GLOBO: 26 de Junho de 2009, Matutina, O País, página 10

26 de junho de 2009

O PAÍS • 11

Comissão denuncia intolerância religiosa à ONU

Documento cita casos de vítimas de preconceito e diz que igreja Universal persegue praticantes de religiões afro

Cláudia Lamego

• A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa vai entregar hoje ao presidente do Conselho de Direitos Humanos da ONU, embaixador Martin I. Uhomobhai, em Brasília, relatório em que denuncia uma "ditadura religiosa" no país, listando casos de vítimas de preconceito religioso. O documento afirma que a Igreja Universal do Reino de Deus, com seu "discurso xenofóbico, racista e de exploração

da população carente", põe em risco a liberdade de fé e a prática religiosa no país.

Segundo o relatório, a Universal serve de modelo para que outras igrejas neopentecostais, como a Renascer em Cristo, também citada no documento, persigam os praticantes de religiões afrobrasileiras, como o candomblé e a umbanda.

"As pregações demonizadoras dessas igrejas, cujo modelo foi copiado da Igreja Universal do Reino de Deus, promovem

uma perseguição sistemática e a descharacterização da identidade da comunidade afrodescendente, estigmatizando seus adeptos. (...) Templos são invadidos, religiosos agredidos, direitos fundamentais negados a outros religiosos por adeptos das igrejas neopentecostais que ocupam cargos na administração pública, em todas as esferas de poder", diz o relatório.

A comissão, criada há um ano, acompanha 31 ações judiciais, decorrentes de 15 denún-

cias de violação de consciência e liberdade religiosa, e 12 registros de ocorrência em delegacias do Rio, além de oito ações coletivas. Monitora ainda três casos em que as vítimas estão ameaçadas de morte nas comunidades em que moram.

O relatório cita também o que chama de "braço armado" da intolerância religiosa no Rio: "Traficantes e milicianos proíbem manifestações religiosas em templos de umbanda e candomblé nas comunidades do-

minadas, e ainda expulsam sacerdotes e adeptos, sendo intencionalmente apoiados, e na grande maioria das vezes intitulados, por pastores neopentecostais, líderes religiosos deste 'rebanho das armas'".

A comissão é composta por 18 instituições, como a Congregação Espírita Umbandista do Brasil, a Federação Israelita do Rio, a Sociedade Beneficente Muçulmana, o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas e o Movimento Umbanda

do Amanhã, além da Polícia Civil, do Ministério Pùblico e do Tribunal de Justiça do Rio.

Segundo Carlos Nicodemos, coordenador jurídico da comissão, o objetivo do relatório é denunciar o caso no exterior e pressionar o Estado brasileiro a enfrentar o problema.

— É preciso tirar do papel a política de defesa dessas vítimas. O Brasil é signatário de tratados internacionais de direitos humanos que preveem a liberdade de culto e de religião. ■

O GLOBO: 23 de Julho de 2009, Matutina, Rio, página 21

Quinta-feira, 23 de julho de 2009

Umbanda agora é um patrimônio

Religiosos dizem que a lei ajudará a combater a intolerância religiosa

Fernanda Baldioti

- Menos de uma semana depois de o candomblé ter virado patrimônio imaterial do estado, o governador Sérgio Cabral sancionou, ontem, a lei de autoria do deputado Gilberto Palmares (PT), que confere o mesmo título à umbanda. A medida foi comemorada por religiosos e vista como uma forma de combater a intolerância:

— A partir do momento em que os cultos viram patrimônio, eles passam a ser mais divulgados, diminuindo a intolerância e a violência—, comentou, em nota, Palmares, que também é autor da lei que declara o candomblé como patri-

mônio imaterial do estado.

Para a professora de antropologia da UFRJ e autora do livro “Guerra de Orixá”, Yvonne Maggi, o tombamento é uma forma de dar legitimidade à religião, além de preservar seus aspectos culturais.

A diretora da Congregação Espírita Umbandista do Brasil (Ceub) Fátima Damas espera que a lei faça com que a crença seja vista com outros olhos. Ela ressalta que, apesar do tombamento, a luta contra a intolerância continua. No dia 20 de setembro, religiosos pretendem fazer a Segunda Caminhada Pela Liberdade Religiosa, no Posto 6, em Copacabana. ■

Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa leva multidão à Copacabana

Após censo, governo federal quer criar programa de apoio a templos no Rio

• Os tambores do grupo baiano Olodum embalaram a 2ª Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, que reuniu ontem cerca de 50 mil pessoas na orla de Copacabana, segundo seus organizadores. Promovida pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, a passeata reuniu seguidores de crenças de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda, além de muçulmanos, judeus, católicos e presbiterianos, entre representantes de várias outras religiões.

— Desde o ano passado, quando realizamos a caminhada pela primeira vez, avançamos muito. Católicos criaram um fórum para discutir o problema, há setores evangélicos mobilizados e o Judiciário já começou a

agir. A intolerância é uma ameaça à democracia — disse o balarixá Ivanir dos Santos, porta-voz da comissão.

A caminhada começou às 14h, no Posto Cinco, e seguiu até a Praça do Lido. Entre os presentes estava o ministro Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Segundo ele, o governo federal vem fazendo, com a PUC-RJ, um censo que revelará o número de casas religiosas no Rio e suas condições socioeconômicas. O objetivo é criar um programa de apoio aos templos. ■



O GLOBO NA INTERNET
GALERIA Confira imagens da caminhada pela liberdade religiosa
oglobo.com/rio



PARTICIPANTES DO evento seguem em direção à Praça do Lido